



série
Caminhos
vol.1



Sonilda Sampaio Santos Pereira | Magno Augusto Job de Andrade (Organizadores)



série

Caminhos

vol.1

Sonilda Sampaio Santos Pereira | Magno Augusto Job de Andrade (Organizadores)



Edições Taylor-Egídio
Jaguaquara - BA
2022

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Caminhos [livro eletrônico] / Sonilda Sampaio Santos
Pereira, Magno Augusto Job de Andrade,
(organizadores). -- Jaguaquara, BA :
Sonilda Sampaio Santos Pereira, 2022. -- (Série
caminhos ; vol. 1)

PDF

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 978-65-00-53252-4

1. Colégio Batista Taylor-Egídio - História
2. Trabalhos de Conclusão de Curso - Coletâneas
I. Pereira, Sonilda Sampaio Santos. II. Andrade,
Magno Augusto Job de. III. Série.

22-129723

CDD-001.4

Índices para catálogo sistemático:

1. Trabalhos de Conclusão de Curso : Coletâneas
001.4

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

Revisão ortográfica e preparação de texto: Naiara Ferreira da
Silva, Marcos Monteiro e Sonilda Sampaio Santos Pereira.

Edição: Marcos Monteiro, Magno Augusto Job de Andrade.

Projeto gráfico, diagramação e capa: Magno Augusto Job de Andrade.

Os textos apresentados são de inteira responsabilidade dos autores.

Edições Taylor-Egídio, novembro de 2022. Todos os direitos reservados.

Este primeiro volume da
série Caminhos dedicamos aos
protagonistas
- pesquisadores e orientadores - do
Colégio Batista Taylor-Egídio.
Vocês venceram desafios
imensos, venceram a si mesmos
e produziram para a história.

Estendemos a dedicatória
aos familiares dos estudantes
pesquisadores que tão
entusiasticamente acompanham
seus filhos na iniciação científica.

APRESENTAÇÃO

Se nossa vida é uma peregrinação sem fim, as lições são inacabadas e o peregrino de Nazareth nos convida a continuar sempre, deslizando por respostas provisórias. (Marcos Monteiro, 2022).

Nesse ponto da caminhada a Casa de Educação Taylor-Egídio celebra cem anos na cidade de Jaguaquara, Bahia. Como marco desse percurso, este livro, o primeiro da Série Caminhos, tem como objetivo divulgar a produção científica produzida pelos docentes e discentes dessa instituição.

Os capítulos que formam esse livro surgiram da inquietação e curiosidade de estudantes do Ensino Médio, os quais orientados por pessoas igualmente inquietas e curiosas, mergulharam no desafio da pesquisa científica.

Esses trabalhos oferecem respostas provisórias e lições inacabadas porque não encerram o assunto apresentado, mas ao contrário, oferecem outras questões e convidam sempre a revisitar caminhos já percorridos.

Esse livro traz parte da peregrinação pela Casa de Educação Taylor-Egídio de seus estudantes, professores e de tantos colaboradores entre membros de banca avaliadora, familiares e amigos, sem os quais esses trabalhos não teriam sido realizados. Nesse sentido, os capítulos são um monumento a esses encontros. Para quem os produziu e quem colaborou com sua construção, são, além de temas acadêmicos, objetos de afeto que guardam as memórias de longas leituras, de encontros, discussões, do nervosismo e angústia que envolveu a apresentação desses textos, inicialmente como Trabalhos de Conclusão de Curso do Ensino Médio.

Ao reunir esses textos em forma de livro, tornam-se públicas as produções científicas da Casa de Educação Taylor-Egídio, mas também se torna pública a alegria pelas conquistas dos autores e daqueles que prontamente se juntaram a esse projeto para colaborar com o seu tempo, conhecimento e afeto na produção desse livro.

Esse livro é fruto e resultado de uma colheita de grandes esperanças. É também uma semente de outros projetos a serem produzidos na Casa de Educação Taylor-Egídio, por isso pretende ser o primeiro volume de uma série de produções científicas a partir dos trabalhos produzidos por seus pesquisadores.

Que os leitores possam passear através desses caminhos possíveis que foram percorridos pelos autores na qualidade de estudantes, cientistas, missionários e peregrinos.

Magno Augusto Job de Andrade

INTRODUÇÃO

Aceitei a tarefa de escrever a introdução deste livro diferente, redação de discentes do ensino médio sobre os seus trabalhos de conclusão de curso. O Colégio Batista Taylor-Egídio é uma escola confessional batista, situada em Jaguaquara, uma pequena cidade do interior da Bahia.

Nasci em 1951, exatamente no meio do século XX, vivi muitas transições e sou cada vez mais passado e cada vez menos futuro, com diferentes responsabilidades e compensações. Viver entre milênios é privilégio de caminhar pelas transições intergeracionais, descobrindo pessoas e lugares, ocupando um lugar específico numa história de tantas narrativas. O privilégio de descobrir no começo deste milênio a cidade baiana de Jaguaquara, a Toca da Onça, literalmente, foi imergir em um microcosmo que pode ser considerado um projeto educacional de formar uma nova humanidade

Mais do que uma escola, o Colégio Batista Taylor-Egídio é um Complexo Educacional, fruto permanente de uma proposta intencional, visão de pessoas que perceberam nesse vale, onde se situa a cidade de Jaguaquara, uma real possibilidade de viver uma educação transformadora, cada vez mais revolucionária, o que se me afigurava como uma impossibilidade. Mas, para algumas pessoas, a palavra “impossível” significa desafio e horizonte, caminhos de buscar.

Este livro é parte integrante da comemoração dos cem anos do Colégio, em Jaguaquara, e continua a tradição de sempre inovar e renovar, característica de quem mergulha intensamente na responsabilidade de educar. A palavra “missão” talvez seja a mais geradora das palavras guias desse Colégio, embora outras possam também ser escolhidas. Os referenciais teóricos, antigos e novos, pertencem a essa tradição pedagógica que acredita no processo educacional como um caminhar para o futuro, ou para futuros possíveis e impossíveis.

Desse modo, o primeiro capítulo ser redigido pela diretora Sonilda Sampaio, conceituada educadora nas pegadas de Paulo Freire, é maneira de demonstrar na prática que atividades e ideias vivem uma relação dialética frutífera, práxis educacional em que conceitos não são meras elocubrações de diletantes, mas possibilidades de exercício libertador, em que a consciência crítica pode criar cidadãos e cidadãs capazes de causar transformações estruturais e culturais que possibilitem mudanças radicais em indivíduos e coletividades.

A palavra “missão” pretende ser o fio condutor que dá unidade a blocos, e nos ajuda a compor um livro que foge de um mero relatório. Um primeiro bloco histórico-geográfico nos ajuda a compor o lugar da tessitura no tempo e no espaço, o ambiente em que esse complexo educacional está erigido, compreendendo os três primeiros textos. Um segundo bloco, os quatro textos seguintes, nos apresenta o mundo discente, uma geração em que o mundo virtual está muito presente, extensão inevitável do cotidiano atual. Os adolescentes vivem assim, entre aplicativos e celulares, desafios diferentes dos quais tiram os seus motivos para pesquisa. Inevitavelmente, a sua corporeidade transparece nas linhas e entrelinhas. Como pesquisa orientada, os discentes de modo geral procuram respeitar o objeto de pesquisa, sempre tentando encaminhar para uma consciência mais crítica e responsável, o futuro que evocam.

O último texto, pode ser visto como uma espécie de conclusão. Trazendo toda essa vivência durante a pandemia, quando o ensino remoto era caminho único, faz um levantamento do sentimento dos docentes sobre essa modalidade de ensino, já tão antiga, mas acelerada através das circunstâncias experimentadas. A confissão de inadequação pessoal e estrutural leva a avaliações possíveis, à valorização das duas modalidades, presencial e virtual, e também a uma ampliação da crítica que nos levaria a redesenhar todo o sistema de ensino atual, no Brasil e no Mundo.

Linhas cuidadosamente construídas e entrelinhas muito sugestivas são características de cada texto, sementes de pesquisas futuras, projeto da tão desejada vida acadêmica em que o

ensino, a pesquisa e a extensão estejam tão interligadas que sejam indistinguíveis. Cada semente plantada pode gerar um mundo mais interconectado, em que o planeta de Paulo Freire, seja cada vez mais visível, e a nossa casa comum, a Mãe Terra, seja cada vez mais nossa.

Marcos Monteiro

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	V
<i>Magno Augusto Job de Andrade</i>	
INTRODUÇÃO.....	VI
<i>Marcos Monteiro</i>	
CRIANÇAS CAMPONESAS E URBANAS SÃO ALFABETIZADAS COM PAULO FREIRE NA CONTEMPORANEIDADE.....	10
<i>Sonilda Sampaio Santos Pereira</i>	
DESIGUALDADE E POBREZA: O BRASIL NO CONTEXTO PANDÊMICO.....	16
<i>Brenda Araujo Andrade</i>	
<i>Isabela Silva Brito</i>	
<i>Mel Gabriella Bispo Catusso</i>	
<i>Hellen Novais Santos</i>	
<i>Kamilly Oliveira Santos</i>	
<i>Israel Carlos Pereira dos Santls</i>	
IMPLANTAÇÃO DE UM SISTEMA AGROFLORESTAL EM MATA DE CIPÓ: UM ESTUDO DE CASO.....	23
<i>Afonso Pereira Sousa</i>	
<i>Matheus Santos Cavalcante da Silva</i>	
<i>Pedro Augusto Teixeira Gomes dos Santos</i>	
<i>Thailan das Mercês Rodrigues</i>	
<i>Alex José Ramos dos Santos</i>	
AUTORIA EM TEMPOS DE CIBERCULTURA: UMA REFLEXÃO DOS DISCENTES DO ENSINO MÉDIO DO COLÉGIO BATISTA TAYLOR-EGÍDIO SOBRE OS COMPARTILHAMENTOS DOS NUDES.....	29
<i>Aylla Cristina Silva dos Anjos</i>	
<i>Karinne de Andrade Bomfim</i>	
<i>Marcela Santos Bitencourt¹</i>	
<i>Hildacy da Silva Mota Dias</i>	
CANCELAMENTO, UM PODER TIRÂNICO	36
<i>Anna Giulia Tamborriello Oliveira</i>	
<i>Anna Roberta La Macchia Doria</i>	
<i>Artur Scotti Porto</i>	
<i>Ellen Victória da Hora Santos</i>	
<i>Emilly Lavigne Silva Rodrigues</i>	
<i>Joana Angélica Marques Sampaio</i>	

MITO DA BELEZA NAS REDES SOCIAIS:	
INSTAGRAM E A CONSTRUÇÃO DA BELEZA	45
<i>Alana Ághata Santos Porto</i>	
<i>Camille Fernandes Souza</i>	
<i>Kailane Oliveira Santos</i>	
<i>Nanna Madalena Brito dos Santos</i>	
<i>Magno Augusto Job de Andrade</i>	
MULHERES E NARCOTRÁFICO:	
GÊNERO, VITIMIZAÇÃO E PROTAGONISMO.....	52
<i>Brenda Lemos Miranda</i>	
<i>Guilherme Costa Araújo Vaes</i>	
<i>Lara Giovanna pelagatti</i>	
<i>Vitor Borges Silva</i>	
<i>Wesley Silva Reis</i>	
<i>Magno Augusto Job de Andrade</i>	
<i>Cleomar Felipe Cabral Job de Andrade</i>	
SAÚDE MENTAL DOS PROFESSORES DIANTE DA PANDEMIA DO CORONAVÍRUS:	
OS EDUCADORES DO CBTE ESTÃO PREPARADOS EMOCIONALMENTE PARA O ENSINO REMOTO?	62
<i>Gabriel Costa da Silva</i>	
<i>Gabriel Ferreira do Carmo</i>	
<i>Jonatas de Almeida Correia</i>	
<i>Vinicius Guimarães do Carmo</i>	
<i>Viviane Pereira Santos</i>	
AGRADECIMENTOS	68

CRIANÇAS CAMPONESAS E URBANAS SÃO ALFABETIZADAS COM PAULO FREIRE NA CONTEMPORANEIDADE

Sonilda Sampaio Santos Pereira¹

RESUMO

Este trabalho apresenta resultados de estudos sobre a aplicação dos postulados freirianos em classes de alfabetização de crianças camponesas e de crianças urbanas, associados às bases epistemológicas do curso *como alfabetizar com Paulo Freire*.

Palavras-chave: Círculo de cultura (ou de conversa). Classes de alfabetização. Como alfabetizar com Paulo Freire. Crianças camponesas. Crianças urbanas. Palavravmundo.

ABSTRACT

This work presents results of studies on the application of Freirian postulates in literacy classes for rural and urban children, associated with the epistemological bases of the course *como alfabetizar com Paulo Freire*.

Keywords: Culture (or conversation) circle. Literacy classes. How to teach literacy with Paulo Freire. Rural children. Urban children. Wor(l)d.

1 CONTEXTUALIZANDO

*Foram dez anos de intimidade com o operário do Recife...
que fundamentaram... muitas das afirmações
que fazemos (FREIRE, 2003, p. 24).*

*Enquanto o fôlego de vida palpitar em meu corpo, minhas
mãos conseguirem escrever e minha voz se fizer ouvir, direi
todas as coisas alicerçada na experiência de quinze anos e
nove meses de gestão na ERTE (PEREIRA, 2017, p. 181).*

A partir das relações com o *Curso Como alfabetizar com Paulo Freire*, pretendo ensaiar uma resposta a uma pergunta que sempre caminhou comigo: Como seria a aplicação dos postulados freirianos com crianças camponesas e urbanas, àquelas negados os ambientes alfabetizadores e, estas, encharcadas de informações por meio das tecnologias?

Tentando responder à pergunta, transformei-a em objetivo: Buscar uma aplicação dos postulados freirianos em classes de alfabetização de crianças camponesas e urbanas. Para alcançar o objetivo, associei à pesquisa bibliográfica a do tipo etnográfico, estruturada a partir da abordagem qualitativa, considere as atitudes fundamentais nesse tipo de investigação que são: abertura, flexibilidade, observação apurada e interação com os atores sociais envolvidos. A etnografia, tomada dos antropólogos pelos educadores, tem como preocupação central para estes, o processo educativo (ANDRÉ, 2003, p. 28).

Desta forma, estudei a *aplicação dos postulados freirianos em uma classe de alfabetização de crianças camponesas e em outra classe de crianças urbanas, "em seu acontecer natural"* (ANDRÉ,

1. Primeira diretora da ERTE (2001 – 2016). Atual diretora do Colégio Batista Taylor-Egídio. Professora da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

2007, p.17). Além do uso das técnicas inerentes a este tipo de pesquisa, o princípio da interação constante entre o pesquisador e o objeto pesquisado foi mantido.

Elegi duas classes de alfabetização de crianças. Uma, na Escola Estadual Rural Taylor-Egídio (ERTE), escola da rede pública estadual da Bahia, com pedagogia de alternância, para camponeses que, historicamente foram desassistidos pelas políticas públicas, tanto econômica e financeira quanto socialmente.

A outra classe foi no Colégio Batista Taylor-Egídio (CBTE) da rede privada de ensino, para crianças e adolescentes urbanos da classe média. Ambas no município de Jaguaquara – Bahia. Como o espaço deste artigo não cabe, nem é seu foco tratar das referidas escolas, os interessados podem saber sobre as mesmas a partir das referências bibliográficas (ANDRADE, 1998), (PEREIRA, 2011, 2017, 2019) e dos endereços eletrônicos elencados.²

Dentro da ERTE, no ano de 2016, coordenei um trabalho de prática de ensino a partir da *palavramundo* dos pequenos estudantes do campo. Havendo percebido, nas práticas das alfabetizadoras, a falta da palavra do aluno, propus que a mesma fosse resgatada cotidianamente e, a partir dessa experiência, os resultados das aprendizagens da leitura e da escrita foram positivamente modificados. As análises e resultados se encontram na segunda seção.

Após a experiência da leitura da *palavramundo* como eixo norteador de todas ações pedagógicas e do currículo, na escola camponesa, em 2019 orientei-me para a experiência na rede privada. Nesta, estaria estudando a aplicabilidade (ou não) de dois dos princípios do método freiriano: o círculo de cultura (ou de conversa) e os três momentos/etapas constituintes do método: Investigação temática, Tematização e Problematização. Os resultados desta experiência encontram-se na terceira seção.

2 A PALAVRAMUNDO NA CLASSE DE ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS CAMPONESAS

Primeiro, a “leitura do mundo”, do pequeno mundo em que me movia... a leitura da “palavramundo” (FREIRE, 1994, p. 12).

A professora Ângela Biz Antunes³ (2020), afirma que “a leitura da *palavramundo* é uma das características de uma prática alfabetizadora fundada na curiosidade, que busca os sentidos do mundo e das palavras que o nomeiam”. Associei esta afirmação aos dados dos meus estudos na classe de alfabetização de camponeses.

De fato, a oportunização da leitura e do pronunciamento da *palavramundo*, é um motor gerador de interesse da aprendizagem da palavra escrita. Por isso, Antunes lembra: “A leitura do mundo que os educandos fazem de si e do mundo em que vivem deve ser o ponto de partida do processo de alfabetização” (ANTUNES, 2019, p, 24). Este é um processo educativo demandante de uma educação cidadã, que investiga, dialoga, não apenas para constatar o *status quo* da realidade, mas para reconstruí-la. É uma prática comprometida com a melhoria da autoestima dos alfabetizandos, por isso popular, cidadã e emancipadora do ser integral.

Buscando ser espaço dessa educação pública que se quer também popular Brandão e Padilha⁴, onde a *palavramundo* do educando é legítima, a ERTE foi, ao longo da sua história de duas décadas, uma escola alfabetizadora de crianças camponesas e, mais precisamente, no ano de 2016, foi estudada enquanto proponente do ensino da leitura e da escrita, tendo como eixo norteador a leitura

2. <https://www.tayloregidio.org.br/2019/02/15/a-escola-rural-taylor-egidio-erte-e-a-proposta-de-educacao-integral-a-prova-dos-nove-livro-completo/>.

<https://www.tayloregidio.org.br/>

3. EAD FREIRIANA. Curso ‘Como alfabetizar com Paulo Freire’. Módulo 1, Videoaula 3 - Leitura do Mundo: a conscientização como prática pedagógica e a politização do ato educativo. Ministrada por Ângela Biz Antunes. Instituto Paulo Freire, fev./mar. de 2020b.

4. EAD FREIRIANA. Curso ‘Como alfabetizar com Paulo Freire’. Módulo 1, Videoaula 1 - O que é o método Paulo Freire. Ministrada por Carlos Rodrigues Brandão e Paulo Roberto Padilha. Instituto Paulo Freire, fev./mar. de 2020a.

do mundo dos estudantes e seus respectivos pronunciamentos, numa classe composta por quinze alfabetizandos, sendo quatro meninos e onze meninas, de seis a oito anos de idade.

Os arquivos de nossas pesquisas registram que em 60% dos encontros, naquele ano, as professoras (eram três professoras na classe)⁵ iniciavam as aulas com investigações sobre as realidades dos estudantes. O resultado da aprendizagem foi diferenciado. À guisa de uma comparação: Nos anos de 2010 a 2013, eram, em média, 40% a 50% dos alunos concluintes da classe do primeiro ano sem nenhuma interação com o sistema de notação gráfica, nem desenvoltura para dizer sua palavra.

Nos anos de 2014 e 2015, havia um índice maior de entendimento da consciência fonológica, isto é, de compreensão da relação som-grafema, no entanto, no ano de 2016, toda a classe concluiu o primeiro ano do ciclo dominando a relação som-grafema e, mais importante, dizendo suas palavras, com níveis consideráveis de interação, desenvoltura e exercício da cidadania. Esse exercício era visto dentro da própria escola quando, ainda tão pequenos, participavam das ouvidorias, pedindo a palavra, fazendo reivindicações, salientando os pontos positivos e, até, elegendo representantes das turmas.

3 O CÍRCULO DE CULTURA (OU DE CONVERSAS) E AS ETAPAS CONSTITUINTES DO MÉTODO PAULO FREIRE NUMA CLASSE DE ALFABETIZAÇÃO DA REDE PRIVADA.

A possibilidade humana de existir – forma acrescida de ser -, mais do que viver, faz do homem um ser eminentemente relacional (FREIRE, 2003, p.10).

Após os resultados dos estudos apresentados na seção anterior, coordenei a experiência de alfabetização no CBTE, numa classe também composta por quinze alfabetizandos, sendo nove meninos e seis meninas, de seis e sete anos de idade. Nos anos de 2017 e 2018 aprofundamos as proposições freirianas e, em 2019, dediquei-me a observar e a interagir tanto com a coordenadora do nível, quanto com a professora da classe, crianças e seus familiares, como é próprio de uma pesquisadora que revisa bibliografia e a associa à etnografia. Estava interessada em analisar a aplicabilidade (ou não) de dois dos princípios do método freiriano com crianças urbanas da classe média.

O primeiro princípio foi o círculo de cultura (ou de conversa). Para Brandão e Padilha⁶, “os círculos de cultura se iniciam, na vida, como rodas de conversas, brincadeiras e chegam a um momento quando viram educação”. Todos aprendizes e todos *ensinantes*. É muito importante para a práxis pedagógica libertadora e conscientizadora, deixar a ‘quadratura da sala de aula’ e fazer o círculo. O círculo permite a interrelação entre todos os participantes e valoriza a interconectividade. E mais:

O círculo de cultura favorece o incentivo e o estímulo à utilização e à expressão de diferentes formas de linguagem e representação da realidade, já que, conforme entendemos, a realidade pode ser explicada com base em diferentes níveis, ou melhor dizendo, na perspectiva de diferentes olhares (PADILHA, 2019, p. 20).

Dentre outras possibilidades, “no círculo, a oralidade é estimulada e facilitadora da aprendizagem da leitura e da escrita”, afirma Feitosa⁷. As falas de Brandão, Padilha e Feitosa me deixaram confortável, corroboraram minhas observações, juntamente com as da professora da classe. Passamos 2019 trabalhando com as crianças o círculo de cultura, a observância dos turnos das falas, o exercício do ouvir, a organização do espaço físico, a organização humana respeitosa, a arte da interrelação.

E, concomitantemente ao trabalho sobre e/no círculo de cultura, da sua filosofia e dos seus objetivos, fizemos o aprofundamento dos três momentos/etapas da conversa no círculo. Primeira etapa *Investigação temática*, por meio das diferentes formas de investigações da realidade, foi realizado o levantamento do universo vocabular e dos modos de vida dos participantes, seus perfis, suas

5. Numa escola com pedagogia de alternância, acontecem atividades pedagógicas nos três turnos, por isso três professoras em uma classe de alfabetização.

6. EAD FREIRIANA. Curso ‘Como alfabetizar com Paulo Freire’. Módulo 1, Videoaula 4 - Contra o que? Em nome de que? E o diálogo como sentimento de amor tornado ação política e transformadora. Ministrada por Carlos Rodrigues Brandão e Paulo Roberto Padilha. Instituto Paulo Freire, fev./mar. de 2020c.

7. EAD FREIRIANA. Curso ‘Como alfabetizar com Paulo Freire’. Módulo 1, Videoaula 6 - A importância da oralidade, escrita e leitura na alfabetização de jovens, adultos e idosos. Ministrada por Sônia Couto Souza Feitosa. Instituto Paulo Freire, fev./mar. de 2020d.

realidades sociais, relacionais e cognitivas. Porque “quanto mais se conhece os educandos, maior a possibilidade [da educadora] de promover intervenções didáticas que os auxiliem a superar suas dificuldades” (FEITOSA, 2019, p. 36).

Após as referidas investigações, os temas geradores eram eleitos, estávamos na segunda etapa, *Tematização*. Sem as cartilhas, mas utilizando textos significativos, relevantes para as vidas concretas das crianças, textos inteiros. Sempre partindo do todo para as partes, buscando a significação do texto para, em momentos seguintes, estudá-lo do ponto de vista da sua tipologia, da sua estrutura, da paragrafação, das palavras, suas sílabas e letras para associar estas aos seus fones, realizando a relação grafema-fonema, isto é, a consciência fonológica.

Ao lado deste trabalho, a terceira etapa, *Problematização*, fazia-se sentir por meio da pedagogia da pergunta, com o levantamento de dúvidas e questionamentos. Na problematização, segundo a professora da classe, V.C.M.M., todos os estudantes se inscreviam para participar da fala responsável e da escuta sensível. Colocaram em prática seus potenciais de argumentação, de exercício da cidadania, além de conseguirem dominar o sistema de notação gráfica (FEITOSA, 2019).

A maior evidência do êxito do trabalho com o círculo de cultura (ou de conversa) e da aplicação dos momentos/etapas constituintes do método Paulo Freire, em uma classe de alfabetização de crianças urbanas, em escola da rede privada, foi o depoimento da professora que recebeu as referidas crianças, em 2020, para o segundo ano do ciclo:

São crianças bastante participativas, com senso crítico aguçado. São curiosas e demonstram entendimento sobre os temas tratados. Ainda não obedecem, plenamente, aos turnos de fala porque desejam sempre dizer suas palavras. Um anseio muito grande em pronunciarem-se (D.N.O.G.).

4 À GUIA DE UMA REFLEXÃO ESPERANÇOSA

Se nada ficar destas páginas, algo, pelo menos, esperamos que permaneça:... Nossa fé nos homens e na criação de um mundo em que seja menos difícil amar (FREIRE, 1987, p. 184).

Após os estudos na ERTE e no CBTE em classes de alfabetização de crianças camponesas e urbanas, das classes sociais baixa e média e o fortalecimento epistemológico oriundo do *Curso Como alfabetizar com Paulo Freire*, posso afirmar que, embora o maior espaço de atuação de Paulo Freire tenha sido com a educação de jovens e adultos, é possível a aplicação dos seus postulados com crianças, independentemente dos espaços que ocupam nos municípios e nas classes sociais.

Às crianças não podem ser negadas as experiências de uma educação que se quer popular porque para tal precisa de ser com elas e para elas; muito menos as práticas pedagógicas valorizadoras das suas palavras, palavras estas lidas das suas realidades particulares e proferidas de acordo com suas possibilidades. Palavras que emergem dos círculos de conversas, nos momentos das investigações temáticas, as quais são tematizadas e problematizadas.

Às crianças devem ser oportunizadas as referidas vivências. É nosso trabalho introduzi-las, desde a mais tenra idade. Assim, enquanto esperamos por uma sociedade ‘em que seja menos difícil amar’, estamos na espera útil, significativa, verdadeira, proativa, porque “a esperança precisa da prática para tornar-se concretude histórica. É por isso que não há esperança na pura espera, nem tampouco se alcança o que se espera na espera pura, que vira, assim, espera vã” (FREIRE 2005, p. 11). Esperamos utilmente, isto é, trabalhando a favor da educação libertadora, emancipadora, cidadã, amorosa e respeitadora do ser humano.

É o ser humano pleno, realizado, livre, pensador, criador de mundos, que nossa amorosidade pedagógica Tayloreidiana também sonha e idealiza. Nosso ideal é cumprir a missão de servir a raça

humana, a partir do lugar onde estamos plantados. O Taylor-Egídio está plantado em Jaguaquara há 100 anos. Nasceu em Salvador no ano de 1898 e mudou-se para Jaguaquara em 1922.⁸

Compreendemos que o mais promissor meio de realizar a pedagogia libertadora e amorosa é começando cedo, nas classes de alfabetização; é colaborando para o avanço das consciências; enfrentando as lutas, ainda que cansados; negando as negações; ensinando e aprendendo que, em tempos de pandemias, sejam elas quais forem, devemos nos levantar e convidar, outra vez, ao diálogo pelos caminhos da conscientização.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Daria Gláucia Vaz de. **Colégio Taylor-Egídio: 100 anos**, Jaguaquara, BA: CTE, 1998.

ANDRÉ, Marli Eliza D. A. de. **Etnografia na prática escolar**. 9. ed. Campinas: Papirus, 2003.

_____. **Etnografia na prática escolar**. 13. ed. Campinas: Papirus, 2007.

ANTUNES, Ângela Biz. Leitura do mundo para uma alfabetização cidadã. In: PADILHA, Paulo Roberto (org). **Caderno de Formação Como Alfabetizar com Paulo Freire**. 1 ed. Ano 1. v. 1. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2019.

EAD FREIRIANA. Curso '**Como alfabetizar com Paulo Freire**'. Módulo 1, Videoaula 1 - O que é o método Paulo Freire. Ministrada por Carlos Rodrigues Brandão e Paulo Roberto Padilha. Instituto Paulo Freire, fev./mar. de 2020a.

EAD FREIRIANA. Curso '**Como alfabetizar com Paulo Freire**'. Módulo 1, Videoaula 3 - Leitura do Mundo: a conscientização como prática pedagógica e a politização do ato educativo. Ministrada por Ângela Biz Antunes. Instituto Paulo Freire, fev./mar. de 2020b.

EAD FREIRIANA. Curso '**Como alfabetizar com Paulo Freire**'. Módulo 1, Videoaula 4 - Contra o quê? Em nome de quê? E o diálogo como sentimento de amor tornado ação política e transformadora. Ministrada por Carlos Rodrigues Brandão e Paulo Roberto Padilha. Instituto Paulo Freire, fev./mar. de 2020c.

EAD FREIRIANA. Curso '**Como alfabetizar com Paulo Freire**'. Módulo 1, Videoaula 6 - A importância da oralidade, escrita e leitura na alfabetização de Jovens, Adultos e Idosos. Ministrada por Sonia Couto Souza Feitosa. Instituto Paulo Freire, fev./mar. de 2020d.

FEITOSA, Sonia Couto Souza. Como alfabetizar com o Método Paulo Freire hoje? In: PADILHA, Paulo Roberto (org). **Caderno de Formação Como Alfabetizar com Paulo Freire**. 1 ed. Ano 1. v. 1. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **A importância do ato de ler**. 29. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

_____. **Educação e atualidade brasileira**. 3. ed. São Paulo: Cortez, Instituto Paulo Freire, 2003.

_____. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. 12. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

8. A história completa do Colégio Taylor-Egídio encontra-se no livro: Educação: movimentos e abrangências a partir da Casa Taylor-Egídio.

PADILHA, Paulo Roberto. Círculo de cultura e alfabetização Intertranscultural na EJA. In: PADILHA, Paulo Roberto (org). **Caderno de Formação Como Alfabetizar com Paulo Freire**. 1 ed. Ano 1. v. 1. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2019.

PEREIRA. Sonilda Sampaio Santos. (org). **ERTE: por um ser integral**. Jequié, BA: Ponto e vírgula, 2011.

_____. e DIAS, Hildacy da Silva (org). **A escola com que sonhei e ajudei a construir**. Jequié, BA: Ponto e vírgula, 2017.

_____. e DIAS, Vilmaci dos Santos. **A Escola Estadual Rural Taylor-Egídio (ERTE) e a Proposta de Educação Integral: a prova dos nove**. Jaguaquara, BA: Curviana, 2019.

_____. Sonilda Sampaio Santos. **Educação: movimentos e abrangências a partir da Casa Taylor-Egídio**. 1. ed. Jaguaquara, BA: Edições Taylor-Egídio, 2021.

DESIGUALDADE E POBREZA: O BRASIL NO CONTEXTO PANDÊMICO

Brenda Araujo Andrade¹

Isabela Silva Brito¹

Mel Gabriella Bispo Catusso¹

Hellen Novais Santos¹

Kamilly Oliveira Santos¹

Israel Carlos Pereira dos Santls²

RESUMO

A pandemia da Covid-19 começou em dezembro de 2019, na cidade de Wuhan, na China. O vírus se espalhou gradualmente para outros países e continentes, chegando ao Brasil no final de fevereiro de 2020. Durante o período pandêmico, o mundo viveu uma das maiores crises de saúde da história, trazendo consigo, diversos problemas sociais e econômicos. Por conta disso, o presente artigo tem por objetivo, analisar se a desigualdade social e a pobreza no país foram agravadas pela pandemia. Para isso, foram realizadas análises de obras bibliográficas e dados secundários sobre o assunto abordado. Em suma, investigando os conceitos de desigualdade social e pobreza, observamos que a desigualdade é como um abismo entre as pessoas abastadas e as marginalizadas, e a pandemia da Covid-19 agravou esse processo no Brasil.

Palavras-chave: Estratificação social. Status socioeconômico. Desigualdade de renda.

ABSTRACT

The Covid-19 pandemic began in December 2019 in Wuhan City, China. The virus gradually spread to other countries and continents, arriving in Brazil at the end of February 2020. During the pandemic period, the world experienced one of the greatest health crises in history, related to the health area, several social and economic problems arose. Because of that, the present article aims to analyze whether social inequality and poverty in the country were aggravated by the pandemic. Therefore, analyses of bibliographic works and secondary data on the subject addressed were performed. In short, investigating the concepts of social inequality and poverty, we observed that inequality is like an abyss between wealthy and marginalized people and the Covid-19 pandemic has aggravated this process in Brazil.

Keywords: Social stratification. Socioeconomic status. Income inequality.

1 INTRODUÇÃO

A pandemia da Covid-19 começou em dezembro de 2019, na cidade de Wuhan, na China. O vírus se espalhou gradualmente para outros países e continentes, chegando ao Brasil no final de fevereiro de 2020, porém o estado de calamidade pública no país apenas foi decretado em meados de março. Logo, medidas de proteção foram tomadas para evitar que a situação fosse agravada, tais como o fechamento de comércios, que gerou desempregos; o bloqueio de importações e ex-

1. Concluinte do Ensino Médio no Colégio Batista Taylor-Egídio, 2020.

2. Professor orientador.

portações; além dos trabalhadores autônomos que precisaram ficar em casa. Esses acontecimentos interferiram na economia do Brasil e conseqüentemente na desigualdade social.

Durante a pandemia da Covid-19, o mundo viveu uma das maiores crises de saúde da história e, atrelados à área da saúde, surgiram diversos problemas em outros setores, como no financeiro. As medidas de distanciamento e fechamento de comércios afetaram todos os brasileiros e residentes no país, principalmente as pessoas que trabalhavam em comércios e empresas, já que muitos perderam seus empregos. Por tais motivos, buscamos analisar os problemas sociais e econômicos durante a pandemia.

2 METODOLOGIA

O presente artigo tem por objetivo, analisar como a pandemia da Covid-19 agravou a desigualdade social e a pobreza no Brasil. Para a realização desse trabalho foram feitas pesquisas de caráter exploratório e explicativo com o objetivo de analisar, por meio de obras e dados, o aumento da desigualdade social e da pobreza no Brasil durante a pandemia da Covid-19.

Ademais, foram utilizados métodos quali-quantitativos baseando-se em documentos, levantamento de dados secundários através do IBGE e outros sites que abordem o tema; também ocorreram pesquisas bibliográficas de estudos de autores como Silva (2010), Bauman (2013), Rocha (2006), Santos (2010) e outros escritores, por meio de análises de conceitos presentes em suas obras.

O foco deste trabalho foi o Brasil, por ser a realidade mais próxima e por ele ter sido um dos países mais afetados ao longo da disseminação do vírus. Portanto, neste trabalho será abordado o aumento da desigualdade social e da pobreza durante a pandemia da Covid-19 no Brasil. Apresentaremos esses conceitos para ajudar na compreensão do tema abordado.

3 CONCEITUANDO DESIGUALDADE SOCIAL E POBREZA

A desigualdade social e a pobreza existem desde que a sociedade resolveu medir sua riqueza e nível de importância, como na Mesopotâmia, uma das primeiras civilizações, onde a sociedade era hierárquica e não havia mobilidade social, os abastados compunham a menor parte da população enquanto a maioria era marginalizada. Atualmente, nada mudou, a maior parte do dinheiro ainda circula na mão de poucos, enquanto a maior parte da população trabalha todos os dias para ter menos de 1% da riqueza de um milionário.

O Brasil é o nono país mais desigual do mundo, diz o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (O GLOBO, 2021) e observando outras pesquisas é possível notar que os números só se agravam, o que nos leva a acreditar que a crise pública, a que os brasileiros foram submetidos durante a pandemia, fez com que a desigualdade social e a pobreza aumentassem ainda mais. Saber o que é a Covid-19 e os acontecimentos desse período é essencial para entender o assunto da pesquisa, no entanto, compreender o conceito de desigualdade social e pobreza é uma chave ainda mais importante.

A desigualdade social é a diferença entre as classes de uma sociedade. Essa diferença pode ser comparada a um abismo, quanto maior o abismo, maior é a desigualdade. “Podemos denominar desigualdade social como sendo uma condição de acesso desproporcional aos recursos, materiais ou simbólicos, fruto das divisões sociais” (SANTOS, 2010, p. 3).

Essa diferença social é influenciada pela economia, contudo, vai muito mais além do que a diferença de renda, o conceito também se refere à falta das mesmas oportunidades, como na educação, no acesso à saúde e à cultura; à má distribuição de recursos; à desigualdade racial e regional. Além desses, também há desigualdade na segurança e na oferta de moradias. Um exemplo claro dessa desigualdade social entre as classes é em São Paulo, onde Paraisópolis, um conjunto de habitações populares com problemas de saneamento, segurança, infraestrutura e muitas outras adversidades, encontra o Morumbi, um bairro rico com uma boa infraestrutura, condomínios, transporte

e outras vantagens.

Em segunda via, a pobreza é uma consequência da desigualdade social e o seu conceito pode ser definido como a falta de condições de adquirir o básico e o necessário para a sobrevivência, tais como: saneamento básico, sistema de saúde, educação, energia elétrica, alimentos, produtos de higiene, roupas, moradia entre outras necessidades essenciais para uma boa qualidade de vida. Ademais, é um problema causado pela baixa renda ou pela falta dela. Segundo o Banco mundial, uma pessoa pode ser classificada como pobre se seu lucro for menor que US\$ 1,90 por dia.

Em vista disso, para Santos (2010) a desigualdade social é a distribuição não igualitária da renda entre as classes sociais e traz como consequência a desigualdade de acesso às necessidades básicas como saúde, na qual os mais abastados podem pagar pelos melhores hospitais e clínicas privadas para um atendimento rápido e excelente, ao passo que uma pessoa de classe baixa só depende do SUS e apenas tem acesso às unidades e aos hospitais públicos, em que muitas vezes faltam leitos, medicamentos e aparelhos de qualidade. Na cultura, não é diferente. Quem possui melhores condições econômicas pode comprar livros, ter acesso ao teatro e cinema, viajar para outros lugares e conhecer novas culturas. Já na educação, a desigualdade existente entre o ensino das escolas públicas e privadas, atravessa gerações.

Pessoas que são ricas estão ficando mais ricas apenas porque são ricas. Pessoas que são pobres estão ficando mais pobres porque já são pobres. Hoje a desigualdade continua a aprofundar-se pela ação de sua própria lógica e de seu *momentum*. Ela não carece de nenhum auxílio ou estímulo a partir de fora – nenhum incentivo, pressão ou choque. A desigualdade social parece agora estar mais perto que nunca de se transformar no primeiro moto-perpétuo da história – o qual os seres humanos, depois de inúmeras tentativas fracassadas, afinal conseguiram inventar e pôr em movimento. (BAUMAN, 2013, p. 19)

Portanto, para Bauman (2013), a desigualdade social foi criada pelo ser humano e avança cada vez mais sem precisar de uma força para pô-la em ação. Quando ele diz que está perto de a desigualdade se tornar o primeiro moto-perpétuo, ele quer dizer que a desigualdade social passaria a usar o que ela gera como combustível para repetir o processo, no entanto, acreditamos que esse dia já chegou, estamos em um ciclo vicioso onde desigualdade gera desigualdade e o abismo social entre os ricos e os pobres só se expande.

Entretanto, do que se trata quando, especificamente, nos referimos à pobreza? Pobreza é um fenômeno complexo, podendo ser definido de forma genérica como a situação na qual as necessidades não são atendidas de forma adequada. Para operacionalizar essa noção ampla e vaga, é essencial especificar que necessidades são essas e qual nível de atendimento pode ser considerado adequado. (ROCHA, 2006, p. 9)

Logo, para Rocha (2006), a pobreza tem uma ampla definição, mas uma delas é não ter uma renda capaz de suprir suas necessidades mais básicas para viver, tais quais devem ser identificadas para se obter uma noção do nível de pobreza que o indivíduo se encontra. Essas necessidades básicas são: o acesso à água potável, à comida, à vestimenta, à saúde, à moradia, à segurança, à educação e ao trabalho, sendo a falta deste último, uma das molas que impulsionam a privação dos anteriores.

Tem-se uma sociedade, no dizer de KOWARICK (1999), extremamente marginalizadora do ponto de vista econômico e social que tem constituído massas de trabalhadores autônomos ou assalariados com rendimentos ínfimos que os levam a uma vida precária e sem proteção social, considerados potencialmente perigosos. A pobreza aprofundou-se como consequência de um desenvolvimento concentrador da riqueza socialmente produzida e dos espaços territoriais. (SILVA, 2010, p. 157)

Para Silva (2010), a pobreza é causada pela concentração de riqueza e da divisão dos espaços territoriais nas mãos de poucas pessoas. Esse problema econômico e social conduz o povo com baixa renda ou renda ínfima à marginalização, fazendo com que eles comecem a ser considerados

perigosos por potencialmente adentrarem ao mundo do crime para se sustentarem, quando não há outra opção.

Assim sendo, acreditamos que a desigualdade social gere consequências como a favelização, a segregação, a marginalização; o retardamento do avanço econômico do país; a defasagem de serviços públicos; dificuldade de acesso a atividades e oportunidades que deveriam ser para todos; o desemprego, a pobreza, entre outros impactos. Por outro lado, vale ressaltar, que a pobreza pode ser considerada um dos estágios mais avançados da desigualdade, chegando a apresentar uma diferença tão grande entre as classes mais altas da sociedade e as mais carentes, que seus resultados se tornam desumanos. Algumas das consequências são a fome, o aumento da criminalidade, a baixa expectativa de vida, a incapacidade de comprar alimentos e outros produtos básicos, o aumento de doenças e a falta de acesso à saúde, à educação, à moradia, ao saneamento básico e à segurança.

4 PANDEMIA: DESIGUALDADE SOCIAL E POBREZA NO BRASIL

A desigualdade e pobreza sempre estiveram presentes no Brasil. Desde os primórdios da colonização a sociedade era dividida desigualmente e isso se perpetuou até os dias atuais. Podemos assumir que os problemas socioeconômicos do Brasil começaram com a chegada dos europeus e sua colonização exploratória. Tal método apenas beneficiava os portugueses e sua metrópole, enquanto os nativos eram massacrados e explorados juntamente com suas terras.

A escravidão, isto é, a transformação da vida humana em mercadoria, não foi uma invenção do capitalismo moderno. Existiu desde a Antiguidade, geralmente aplicada a estrangeiros retirados de seu meio ambiente por algum tipo de guerra. (SCHWARTZMAN, 2004, p. 49)

Nas últimas décadas ocorreu um aprofundamento dessas questões sociais no país, principalmente por meio da instauração de políticas neoliberais, tais como: privatizações, flexibilizações trabalhistas, falta de investimentos em setores públicos, entre outras medidas. Além disso, o neoliberalismo, que ganhou força no Brasil com o governo de Fernando Collor de Melo, promoveu diversas crises econômicas como a da década de 90 e de 2008, que atingiram não só o Brasil, como também o mundo inteiro.

A crise financeira de 2008, que teve início nos Estados Unidos e depois atingiu a economia real, estendendo-se para a Europa e os países emergentes, desencadeou uma onda de políticas de austeridade com graves consequências humanas. Seus efeitos foram falências, desemprego (atingindo dramaticamente os jovens), redução de salários, precarização do trabalho, endividamento público e privado, desmonte de serviços públicos, aumento da desigualdade social, dificuldades econômicas e sofrimento social. (ANDRADE, 2019, p. 115)

Atualmente, a nação brasileira ainda possui sequelas do passado, nossa história é marcada por séculos de desigualdade e subdesenvolvimento. Nos últimos anos, o país não estava apresentando um crescimento significativo na economia; por conta disso, a propagação da Covid-19 e as medidas de anti-disseminação do vírus causaram um grande impacto negativo na economia brasileira e agravaram problemas sociais como a fome, o desemprego, a insegurança alimentar, a desigualdade e a extrema pobreza. A partir da análise dos dados, podemos observar todas as questões supracitadas.

O Produto Interno Bruto (PIB) de um país é calculado somando todos os bens e serviços durante um certo período de tempo. No período pandêmico, o consumo desses bens obteve queda de 5,5% e os serviços 4,5%, segundo o O GLOBO (2021). O PIB foi diretamente afetado pelo desemprego, queda de renda mensal, fechamento de comércios e a produção desses bens de consumo foram prejudicadas pelo recesso das atividades industriais. Após o início da pandemia, o PIB caiu 4,1% de 2019 para 2020, isso fez com que o Brasil despencasse no ranking das maiores economias mundiais, passando a ocupar a 12ª posição.

A queda do PIB está consequentemente ligada a uma piora na economia, por conta disso, o Brasil entrou em recessão econômica, isso significa que a economia se retraiu por mais de dois trimestres seguidos. Para os brasileiros, tal fato pode causar aumento do desemprego, queda dos

indicadores de consumo e investimento, além de diminuição da renda familiar e social, como a soma de salários e o lucro das empresas.

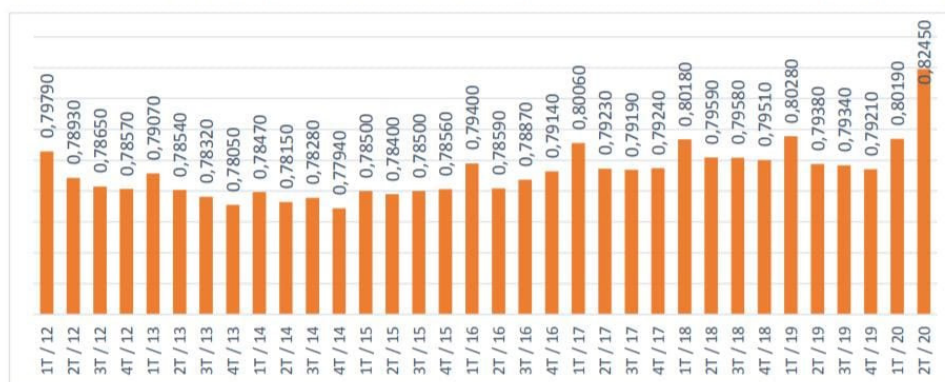
De acordo com O GLOBO (2021), o Produto Interno Bruto (PIB) per capita do Brasil, em 2020, valia R\$ 35.172, apresentando uma queda de 4,8% em relação ao ano anterior. A partir da comparação dos dados supracitados, percebemos que houve uma queda no PIB brasileiro e tal fato pode ser explicado, principalmente, pelo avanço da Covid-19 no país. Da mesma forma, a taxa de desemprego no 4º trimestre de 2019 era de 11%, a partir do primeiro trimestre de 2020 a porcentagem começou a subir e chegou ao seu marco de 14,6% no terceiro trimestre.

Assim sendo, é possível perceber que a pandemia contribuiu para o aumento do desemprego no país, algo que já vinha crescendo ao longo dos anos. Essa situação colaborou para o agravamento de consequências preocupantes, tais como a fome, que no Brasil atingiu aproximadamente 19 milhões de indivíduos no final de 2020, segundo a Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (Rede PENSSAN). A mesma também indica, que cerca de 55,2% dos domicílios brasileiros passaram por um período de insegurança alimentar e outros 9% realmente chegaram a passar fome.

Um outro dado é fornecido pelo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), criado com o objetivo de não ser uma pesquisa que apenas leva em consideração os fatores financeiros, por isso o IDH é calculado baseando-se em saúde, renda e educação, onde respectivamente analisa-se a expectativa de vida, o PIB per capita e o nível de alfabetização da população, quanto melhor for o país nesses aspectos e quanto mais próximo esse índice for de 1, mais desenvolvida a nação será. De acordo com o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), em 2018 o IDH do Brasil era de 0,761, entretanto em 2020 o índice despencou para 0,755. Realizando uma comparação entre os dois dados fornecidos pelo PNUD, acreditamos que a pandemia influenciou negativamente no IDH brasileiro, que anteriormente vinha apresentando um lento crescimento e isso contribui para a diminuição da expectativa de vida, queda no PIB per capita e regressão aos níveis de alfabetização.

Quadro 1 - Desigualdade: índice de Gini de Renda Individual do Trabalho

Desigualdade: Índice de Gini de Renda Individual do Trabalho - Trimestres 2012 a 2020



Fonte: FGV Social baseado nos microdados da PNADC/IBGE

Com a finalidade de medir a desigualdade social foi criado o coeficiente de Gini: para mostrar que a sociedade é igualitária ele deve estar próximo de 0. Segundo o gráfico acima, o coeficiente começou a aumentar a partir do quarto trimestre de 2019, passando de 0,79210 para 0,80190 no primeiro trimestre de 2020 e então para 0,82450 no segundo trimestre do mesmo ano. Analisando o período de tempo em que houve o aumento, é indubitável que ele foi uma das consequências da pandemia do coronavírus. Além do mais, a falta de proximidade do 0 mostra a desigualdade es-

cancarada no Brasil, que perpetua problemas socioeconômicos, como o desemprego, a violência, a criminalidade, a falta de acesso à moradia, à educação, à segurança, à cultura e muitos outros.

De 2018 para 2019, a pobreza medida pela linha de US\$ 5,5 PPC caiu de 25,3% para 24,7% das pessoas, diz o ANDRADE (2019), no entanto, o número de brasileiros em extrema pobreza cresceu para 13,5 milhões vivendo com no máximo de R\$145 por mês. Esses dados mostram que o fato da pobreza diminuir, não significa que a extrema pobreza também diminuiu e expõe o aprofundamento da desigualdade com o crescente número de pessoas vivendo em condições miseráveis. Ademais, nessa mesma pesquisa aponta-se que as regiões mais atingidas são o norte e nordeste, ressaltando a desigualdade regional existente no Brasil.

O Brasil não estava devidamente preparado para tamanho estado de calamidade pública que foi decretado por conta do coronavírus, e as medidas de anti-disseminação foram insuficientes, agravando ainda mais a desigualdade social e a pobreza já existentes. Frente ao exposto, acreditamos que o desenvolvimento da pandemia do coronavírus afetou de maneira negativa os setores socioeconômicos brasileiros, sendo eles o Produto Interno Bruto, o PIB per capita, o Índice de Desenvolvimento Humano, o desemprego, a indústria, o comércio varejista, a desigualdade social, a pobreza e a extrema pobreza, sendo que cada um desses, estão interligados, afetando aos outros de forma direta e indireta.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo teve como objetivo analisar se houve um aumento da desigualdade e da pobreza durante o período pandêmico. A análise de dados levou à compreensão de que a pandemia da Covid-19 agravou problemas históricos e socioeconômicos existentes no Brasil.

Investigando os conceitos de desigualdade social e pobreza, chegamos à conclusão de que a desigualdade é como um abismo entre as pessoas abastadas e as marginalizadas, um abismo que se amplia cada vez mais, pois os ricos estão cada vez mais ricos e os pobres estão ficando mais pobres. A pobreza se dá pela falta de condições de se ter o mínimo para a sobrevivência e caracteriza-se como uma das consequências da desigualdade social.

Outrossim, procuramos analisar dados socioeconômicos sobre o Brasil antes e durante a pandemia, os quais apontaram a queda do PIB, o aumento do desemprego, o decréscimo da renda mensal e da produção de bens de consumo. Além disso, o fechamento de comércios e recesso das atividades industriais contribuíram para o agravamento da pobreza e desigualdade social, além de aprofundar a recessão econômica no país. Ademais, constatamos que o Governo estava indevidamente preparado para enfrentar uma crise que não se limitou apenas à área de saúde e que as medidas tomadas foram insuficientes para evitar a disseminação do vírus, como também aprofundaram os problemas sociais e econômicos.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Daniel Pereira. Neoliberalismo: Crise econômica, crise de representatividade democrática e reforço de governamentalidade. **Novos estud.** – CEBRAP, São Paulo, V38, n01, p. 109-135, abril, 2019.

BAUMAN, Zygmunt. **A riqueza de poucos beneficia a todos nós?**; 1. E. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

O GLOBO. Brasil é nono país mais desigual do mundo, diz IBGE. **Exame**, 2020. Disponível em <<https://exame.com/economia/brasil-e-nono-pais-mais-desigual-do-mundo-diz-ibge/>>. Acesso em: abril de 2021.

PIB 2020: Consumo das famílias tem maior queda desde 1996 com coronavírus. Economia UOL, 2021. Disponível em: <<https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2021/03/03/pib-2020-ibge-consumo-familias.htm>>. Acesso em: abril de 2021.

ROCHA, Sônia. Pobreza no Brasil: afinal do que se trata? 3. E. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

SANTOS, Juliana Anacleto dos. Desigualdade Social e o Conceito de Gênero. Rio de Janeiro. p. 1 – 14, 2010.

SCHWARTZMAN, Simon. Pobreza, exclusão social e modernidade: uma introdução ao mundo contemporâneo. São Paulo: Editora Augarium, 2004.

SILVA, Maria Ozanira da Silva e. Pobreza, desigualdade e políticas públicas: caracterizando e problematizando a realidade brasileira. Rev. Katál. Florianópolis v. 13 n. 2 p. 155-163 jul./dez. 2010.//economia.uol.com.br/noticias/redacao/2021/03/03/pib-brasil-2020-ibge.htm>. Acesso em: maio de 2021.

IMPLEMENTAÇÃO DE UM SISTEMA AGROFLORESTAL EM MATA DE CIPÓ: UM ESTUDO DE CASO

*Afonso Pereira Sousa*¹

*Matheus Santos Cavalcante da Silva*¹

*Pedro Augusto Teixeira Gomes dos Santos*¹

*Thailan das Mercês Rodrigues*¹

*Alex José Ramos dos Santos*²

RESUMO

A presente pesquisa trata da implantação de uma agrofloresta em uma região de Floresta Estacional Semidecidual Montana (Mata de cipó) no município de Itiruçu-BA. Analisamos os benefícios alcançados na consorciação de espécies nativas e implantadas para a preservação ambiental, conservação e melhoria do solo, melhora da capacidade hídrica e aumento da renda das famílias locais.

Palavras- chave: Agrofloresta; Mata de cipó.

ABSTRACT

The presente research delas with the implantation of na agroforest in na área of Montana Seasonal Forest (Liana Forest) in municipality of Itiruçu-BA, evaluating the benefits acheved in the consortium of native and implanted species for environmetal preservation, conservation and improvement of the soil, improvement of water capacity and increase in the income of local families.

Keywords: agroforest; liana forest.

1 INTRODUÇÃO

A utilização de sistemas agroflorestais tem sido bastante popularizada nos últimos anos como alternativa viável na recuperação de áreas degradadas, ou em processo de desertificação. Esta técnica combina espécies arbóreas com culturas agrícolas perenes ou anuais e, ou, animais no intuito de melhorar as propriedades físico-químicas dos solos degradados, e aumentando a atividade de microrganismos, levando-se em conta o grande número de fontes de matéria orgânica disponíveis no sistema (ARATO et al, 2003).

Esta prática proporciona muitas vantagens pois diminui o desmatamento, poluição do solo, água e ar e não produz resíduos gerados por insumos químicos, como ocorre na agricultura convencional. Há também o aumento da reserva de recursos hídricos, segurança alimentar, conservação do

1. Concluinte do Ensino Médio no Colégio Batista Taylor-Egídio, 2021.

2. Professor orientador, Mestre em Química Analítica pela Universidade estadual do Sudoeste da Bahia – UESB- BA.

meio ambiente, regularização do microclima, proteção contra erosão hídrica e eólica e melhoria da qualidade de vida do produtor familiar podendo aumentar a sua renda (OLIVEIRA et al, 2018).

Este sistema mostra-se mais viável economicamente devido à maior diversidade de produtos, apresentando um ganho significativamente maior que a agricultura convencional (SILVA, 2013).

A implantação do sistema agroflorestal (SAF) estudado, tornou-se um desafio ao considerar que vem sendo desenvolvido em área de Floresta Estacional Semidecídua Montana (denominada popularmente de mata de cipó). Esta floresta faz a transição entre a Mata Atlântica e a Caatinga, sendo encontrada exclusivamente no estado da Bahia (NOVAES et al, 2007). Por isso faz-se necessária a observação de forma bastante precisa sobre as espécies nativas já existentes no local e a adaptação de outras plantas introduzidas no sistema.

Deste modo, o foco deste trabalho é apresentar um estudo de caso que visa compreender de forma mais ampla as espécies existentes e a adaptabilidade das novas plantas inseridas que contribuíram para o aumento da matéria orgânica disponibilizada e a melhora da retenção de água no solo.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Analisar como novas espécies introduzidas no sistema e plantas nativas se adaptam e contribuem para a melhoria das características físico-químicas dos solos.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

a) Compreender como determinadas espécies vegetais nativas contribuem de forma benéfica para o sistema agroflorestal.

b) Observar a adaptabilidade de novas espécies inseridas no SAF e sua contribuição para a melhora do solo.

3 METODOLOGIA

Este trabalho foi desenvolvido a partir do estudo de caso em que se pesquisa sobre algumas espécies vegetais nativas e inseridas que melhor contribuíram na implantação de uma agrofloresta em Mata de Cipó.

3.1 DESCRIÇÃO DA ÁREA

O trabalho foi realizado em uma propriedade rural denominada Sítio Gabilú, localizado no Povoador da Vitória, no município de Itiruçu-BA. A vegetação predominante nesta região, há 50 anos, era de Mata Mesófila que correspondia a uma formação vegetal arbórea com características similares às da Mata Atlântica. Encontrada em áreas dos municípios de Jequié, Jaguaquara, Planalto, Maracás, Santa Inês, Iguai, Ibicuí, Itiruçu, Firmino Alves, Itororó, Macarani, Ribeirão do Largo, dentre outros. Era classificada como Floresta Ombrófila Densa Montana, tratando-se de uma formação vegetal que abrangia toda a faixa costeira, passando por aclives acentuados que constituíam barreiras orográficas atingindo parte da região sudoeste. Essa vegetação apresentava alta diversidade de árvores de grande porte em locais com índices pluviométricos superiores a 1.000 mm anuais, apresentando uma pequena estação seca.

Devido ao extrativismo intenso, notadamente em relação aos ipês, angico, putumuju, vinhático, sete-casca, jatobá e outras importantes espécies florestais, encontra-se completamente modificada, apresentando apenas pequenos fragmentos pouco representativos (NOVAES et al, 2007), o que faz com que o ecossistema presente em 2021 seja de Floresta Estacional Semidecidual Montana

(mata de cipó), sendo o tipo de solo um Latossolo Vermelho Amarelo, arenoargiloso, de média fertilidade com baixos teores de nutrientes e altos teores de hidrogênio e alumínio trocável (H^+ e Al^{3+}), pH ácido, baixos teores de fósforo e potássio.

O clima (com estação seca predominante) é tropical de altitude com temperatura média anual de 21° C e período chuvoso entre novembro e abril. A pluviosidade média anual varia entre 600 e 1200 mm, o relevo é ondulado com altitude média de 774 m, e sua localização topográfica da área ocorre com um planalto, e um pequeno vale central, com inclinação média, divisando com o Rio Geleia ao final da propriedade. Onde há uma pequena barragem de terra, sendo esta responsável pelo abastecimento de água para irrigação nos períodos mais secos do ano.

FIGURA 1: Sítio Gabilú – Povoado da Vitória – Itiruçu-BA. (13° 28' 07" S; 40° 09' 33" O)



FONTE: Google Eart Pro; data da imagem 19/02/2019; altitude do ponto de visão 1,5 km.

3.2 DESCRIÇÃO DO SISTEMA AGROFLORESTAL

O início do projeto se deu em janeiro de 2017, em uma pequena área de 980 m², denominada de SAF 01. O preparo do solo iniciou com aração e gradagem niveladora, além de aplicação de calcário para a correção da acidez do solo. As linhas de plantios foram orientadas no sentido Leste-Oeste com espaçamento entre os berços de 4 m x 4m, os quais foram adubados com 5 L de esterco bovino comprados no município de Jaguaquara-BA, nas entrelinhas foram plantados feijão de porco (*Canavalia eniformis*) e guandu (*Cajanus cajan*), com a finalidade de melhorar a qualidade do solo incorporando matéria orgânica e nitrogênio.

Nas linhas realizou-se o plantio de espécies arbóreas de médio a grande porte (Jatobá, jacarandá da Bahia, ipê, neem e jaqueira) e frutíferas (manga, acerola, nêspera, laranjas, limão, graviola, pitanga, abacate, umbu cajá, caju, romã, abacaxi e tamarindo).

No primeiro ano, a cultura que entrou no sistema foi o milho, cultivado sem espaçamento definido e com adubação orgânica, no qual o material pós-colheita foi incorporado ao solo com a finalidade de acrescentar matéria orgânica ao sistema.

No ano seguinte, plantou-se abóbora e feijão fava (*Vicia faba*), com o objetivo de cobrir o solo e incrementar o teor de nitrogênio. Ao mesmo tempo, adicionou-se quantidade significativa de cinzas (ricas em potássio) e casca de café (ricas em fósforos) acrescentando-se, portanto, os macronutrientes NPK (nitrogênio, fósforo e potássio).

No terceiro ano, observou-se a não absorção de água pelo solo como precisava ser. Para esta correção introduziu-se ao sistema a palma forrageira (*Opuntia cochenilliferas*) em curvas de nível de um metro, com a finalidade de atrasar o escoamento das águas das chuvas facilitando sua absorção pelo solo e plantou-se também bananas que passaram a contribuir bastante com o fornecimento

de matéria orgânica, incorporação de potássio e a retenção de água. A partir deste momento foi suspensa qualquer tipo de irrigação, pois as plantas não só se estabilizaram, sobrevivendo com suas próprias reservas de água, como também uma espécie auxiliava outra (sintropia).

Ao observar-se as folhas dos citros notou-se a necessidade de incorporação de magnésio. Para solucionar este problema plantou-se o margaridão (*Sphagneticola trilobata*), arbusto rico neste micronutriente. Este arbusto foi podado com apenas três meses de plantado e renova sempre.

A partir deste ano passou-se a utilizar como adubação o esterco de galinhas proveniente da própria propriedade na proporção de 2 L/m².

Foram realizadas ainda, três podas. A primeira ocorreu com um ano e meio, até a altura de 2 m, utilizando-se facão e serrote, a segunda ocorreu aos três anos e a terceira, com o objetivo de facilitar a entrada de luz no sistema, ocorreu após os quatro anos de implantação do sistema. Estas podas foram realizadas sempre na lua minguante por se acreditar que a seiva das plantas se concentra mais nas raízes neste período.

4 ESPÉCIES FLORESTAIS INTRODUZIDAS NA ÁREA DE SAF 01

Foram introduzidas no sistema algumas espécies com diferentes extratos, com a finalidade da melhoria do solo por incrementação de matéria orgânica, micronutrientes e aumento da capacidade de absorção de água. Dentre elas podemos citar:

a) Jatobá da mata (*Hymenaea courbaril*), árvore dominante da Floresta estacional semidecidual montana, podendo chegar a 40 m de altura e diâmetro de 2m, leguminosa responsável por grande incorporação de nitrogênio ao solo. Esta árvore por possuir madeira de alto valor comercial figura na lista das espécies mais ameaçadas de extinção.

b) *Dalbergia nigra* conhecida popularmente como jacarandá-da-bahia, está na lista de espécies da flora brasileira ameaçadas de extinção, apresenta-se como secundária tardia a clímax. É uma árvore muito ornamental, largamente empregada em paisagismo, por sua folhagem delicada e forma aberta da copa. Como planta rústica e adaptada a terrenos secos, é ótima para plantios mistos em terrenos degradados de preservação. Sua madeira é moderadamente pesada, bastante decorativa, muito resistente, de longa durabilidade natural, sendo seu emprego mundialmente conhecido na construção de pianos. O jacarandá-da-bahia foi introduzido no SAF 01, com o objetivo de contribuir com o incremento de matéria orgânica, fixação de nitrogênio, por ser uma leguminosa, e alimentação de abelhas, por ser bastante melífera (DONADIO et al, 2000).

c) *Tithania diversifolia*, Angiosperma da família Asteraceae, conhecida como margaridão ou girassol mexicano, apresenta-se como um arbusto de textura semi-herbácea, ereta, vigorosa com ramificação: é originária do México e encontrada na América Central. Possuindo porte de 1,5 a 2,5m de altura, com ramagem vigorosa. É utilizada como excelente fertilizante para o solo, sobretudo pelo incremento de micronutrientes como o magnésio. (ALVES et al, 2013)

d) A bananeira (musa) caracteriza-se por um caule suculento (rizoma) cujo pseudocaule é formado pelas bainhas superpostas pelas suas folhas. Foi introduzida na SAF 01, com a finalidade de disposição de matéria orgânica e no auxílio da retenção de água das chuvas no solo e para a contribuição preferencialmente do macronutriente potássio (K), além de contribuir financeiramente para a manutenção do sistema com as vendas dos seus frutos.

5 PLANTAS NATIVAS COM SURGIMENTO ESPONTÂNEO NA ÁREA DE SAF 01

Após dois anos da implantação do SAF 01 observou-se o surgimento de algumas árvores nativas de forma espontâneas como:

a) O *Peltophorium dubium* (Pau fava ou faveiro), que é uma árvore de crescimento rápido, rústica, heliófita e com características de pioneira. A madeira, pesada e de resistência mecânica média,

é utilizada na construção civil, por empresas moveleiras e na fabricação de objetos artesanais. É uma espécie comum na Floresta Estacional Semidecidual, sendo considerada de médio a grande porte com alturas variando de 15 a 25 m, quando adultas, geralmente bem copadas, com folhas compostas bipenadas, com 12 a 20 pares de pinas. Suas flores amarelas em cacho geralmente voltadas para cima são bastante melíferas. Contribui bastante na incorporação de matéria orgânica para o sistema e faz simbiose com bactérias sintetizadoras de nitrogênio do ar (MONTOVANI et al, 2017).

As folhas do faveiro servem para os habitantes das regiões de mata de cipó como um grande indicador climático pois, quando elas começam a cair é um sinal de grandes períodos de estiagem. Isso ocorre devido a necessidade da planta diminuir suas quantidades de folhas no intuito de perder menos água para o ambiente garantindo assim sua sobrevivência.

b) A *Albizia polycephala* é uma espécie florestal clímax da família das leguminosas (Mimosoidae), conhecida popularmente como monzê. Apresenta grande ocorrência nos biomas Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica, com indivíduos que atingem 8 a 25 m e com tronco de 40 a 60 cm de diâmetro na idade adulta. Seus frutos são vagens discentes, achatadas, de cor creme quando madura, contendo de três a sete sementes amareladas e duras. Suas flores aparecem durante os meses de novembro a dezembro, sendo uma espécie bastante melífera (SANTOS et al, 2015).

Essas árvores apresentam grande potencial para uso em sistemas agroflorestais, em função de sua frequência, densidade e dominância que apresentam dentro das áreas em formação, mas, principalmente por contribuir para o enriquecimento do solo ao apresentar simbiose com bactérias fixadoras de nitrogênio e não concorrer com espécies introduzidas por nutrientes e água. A sua madeira é dura, mediamente resistente, de pouca durabilidade em condições naturais e suas folhas podem ser utilizadas como ração animal, principalmente para bovinos (SILVA et al, 2019).

c) O maracujá do mato ou maracujá da caatinga (*Passiflora cincinnata*) é uma espécie trepadeira e perene que ocorre no Cerrado e na Caatinga, bastante resistente a longos períodos de seca. Apresenta casca esverdeada e polpa branca com sabor exótico, rica em potássio, ferro, fósforo, cálcio e vitaminas A, C e do complexo B. Sua flor é de rara beleza e muito delicada, além de exalar um aroma adocicado que atrai, principalmente a mangangava além de abelhas, vespas, mariposas e beija-flores. É uma trepadeira alta, medindo de 2 a 12 m de comprimento, ramos cilíndricos, com gavinhas espiraladas, folhas simples e alternadas.

Essa espécie é muito importante na introdução de um sistema agroflorestal em mata de cipó por atrair bastantes polinizadores e por apresentar um grande potencial de mercado e, de forma particular, para a industrialização em pequenas fábricas caseiras, por se caracterizar como um produto diferenciado, de sabor característico, podendo ser utilizado para produzir sucos, polpas, geleias e sorvetes (COSTA, 2014).

d) A *Senna acuruensis*, pertence à família Fabaceae, subfamília Calsalpiniodeae. É uma planta endêmica do nordeste brasileiro, conhecida popularmente como canela de velho, besouro e canjoão. Possui flores amarelas e vistosas que além de embelezar a paisagem são bastantes cobijadas pelas abelhas, principalmente as *Apis melíferas*. Suas folhas são ricas em rutina e quercetina, flavonoides com alto poder antioxidante, podendo ser utilizadas na alimentação animal. Por ser uma leguminosa contribui muito com a incorporação de nitrogênio ao solo (QUEIROZ, 2021).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente estudo, possibilitou sobre a implantação de um sistema agroflorestal em área de floresta estacional semidecidual Montana, evidenciando os benefícios que a conciliação entre as espécies introduzidas teve no sistema, juntamente com espécies nativas, melhorando consideravelmente as propriedades físicas, químicas e biológicas dos solos. Atraindo animais e gerando lucros aos agricultores que adotam essa prática, contribuindo para preservação ambiental, produção de água e permanência das famílias no campo.

REFERÊNCIAS

- ALVES, E. D. C. J., MACHIORO, G.; Efeitos dos cultivos isolados e consorciados de capim-elefante variedade roxo e margaridão na produção de fitomassa.; Resumo do VIII congresso brasileiro de Agroecologia- Porto Alegre-RS, **Cadernos de Agroecologia** –Vol 8, No. 2, Nov 2013, disponível em: <https://revistas.aba-agroecologia.org.br/cad/article/view/15197/9610>. Acesso em: 08 jul. 2021.
- ARATO, D. H.; MARTINS, S. V.; FERRARI, S. H. S.; Produção e decomposição de serapilheira em um sistema agroflorestal implantado para recuperação de área degradada em Viçosa-MG; in **Academia de Engenharia Florestal**- Viçosa-MG; R. *Árvore*, Viçosa-MG, v.27, n.5, p.715-721, 2003. Disponível em <https://www.scielo.br/j/rarv/a/P5y4T4vkVshJ5mw7ychs7TF/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 08 mar. 2021.
- COSTA, Agefram. Maracujá do Mato - Passiflora cincinnata. Natureza bela. Disponível em: <https://www.naturezabela.com.br/2014/01/maracuja-do-mato-passiflora-cincinnata.html>. Acesso em: 08 mar. 2021.
- DONADIO, N. M. M., DEMATTÊ, M. E. S. P.; Monografia de Frutos, semente e plântulas de Canafistula (*Peitophorum dubium*) e Jacarandá da Bahia (*Dalbergia nigra*) – FABACEAE;; **Revista Brasileira de Sementes**, vol.22; n° 1; 2000. Págs. 64-73. Disponível em: <https://silo.tips/download/nmm-donadio-mesp-dematte>. Acesso em: 08 mar. 2021.
- MANTOVANI, N. ROVENDA, M. TRES, L. FORTES, F. O., GRANDO, M. F.; ,ão por miniestacas.; in **Ciência Florestal**, Santa Maria - RS, 2017., v. 27, n. 1, p. 225-236. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/cienciaflorestal/article/view/26461/pdf>. Acesso em: 05 maio 2021.
- NOVAES, A. B.; LONGUINHOS, M. A. A., RODRIGUES, J., SANTOS, I. F., GUSMÃO, J. C.,. Caracterização e Demanda Florestal da Região Sudoeste da Bahia, p.25-43 ; in **Memoria do II simpósio sobre reflorestamento na Região Sudoeste da Bahia**; Vitória da Conquista - BA; 2007. E-book. Disponível em: <https://www.alice.cnptia.embrapa.br/alice/bitstream/doc/313981/1/Livro.pdf>. Acesso em: 08 mar. 2021.
- OLIVEIRA, L.; BARROS, A. B.; TEIXEIRA, A. L., CAMPARNERUTI; ALVES, V.P.; Agrofloresta e seus benefícios salientando as vantagens ambientais; in **IX Congresso Brasileiro de Gestão Ambiental**; São Bernardo do Campo-SP; 2018. Disponível em: <https://www.ibeas.org.br/congresso/Trabalhos2018/VII-038.pdf>. Acesso em: 05 maio de 2021.
- QUEIROZ, R.T. Fabaceae - Senna acuruensis (Benth.) H.S. Irwin & Barneby var. acuruensis. **Fabaceae - Leguminosae no Brasil**, João Pessoa, 08 mai. 2021. Disponível em: <http://rubens-plantasdobrasil.blogspot.com/2018/03/fabaceae-senna-acuruensis-benth-hs.html>. Acesso em: 08 mar. 2021.
- SANTOS, R. S.; SCORIZA, R. N., COSTA, E. M.; PAULA, A.; Germinação de sementes de Monzê (*Albizia polycephala*).; **Revista Agrogeoambiental**, Pouso Alegre-MG; vol.7, n.4 2015, págs. 39-46. Disponível em: <https://agrogeoambiental.ifsuldeminas.edu.br/index.php/Agrogeoambiental/issue/view/49>. Acesso em: 05 maio 2021.
- SILVA, P. L. F., BOTELHO, I. G. S., TAVARES, D. D.; **Avaliação do desenvolvimento inicial de (Albizia polycephala) em ambiente protegido sob brejo de altitude.**; Areia-PB; UFPB; 2019.
- SILVA, T.T; **Agrofloresta no semiárido Cearense: um estudo de caso no município de Nova Olinda.** Universidade Federal de Campina Grande-PB; 2013.

AUTORIA EM TEMPOS DE CIBERCULTURA: UMA REFLEXÃO DOS DISCENTES DO ENSINO MÉDIO DO COLÉGIO BATISTA TAYLOR-EGÍDIO SOBRE OS COMPARTILHAMENTOS DOS NUDES

Aylla Cristina Silva dos Anjos¹

Karinne de Andrade Bomfim¹

Marcela Santos Bitencourt¹

Hildacy da Silva Mota Dias²

RESUMO

Esta pesquisa objetiva apresentar reflexões sobre as fragilidades de viver em um mundo cibercultural. Nesse mundo de interação tecnológica entre sociedade e cultura, a autoria está cada vez mais desconsiderada e os compartilhamentos sem autorização são inúmeros. Essa abordagem se faz relevante por apresentar uma reflexão sobre os compartilhamentos dos Nudes e suas consequências para as pessoas envolvidas. Em termos práticos, criamos situações sobre a autoria em tempos de cibercultura e fizemos uma reflexão com os discentes do Ensino Médio do Colégio Batista Taylor-Egídio sobre os compartilhamentos dos Nudes. Para tanto, utilizaremos pressupostos teóricos diversos como: Palfrey (2011), Ribeiro (2015), Lévy (2000), Rojo (2012), o Código Civil Brasileiro CC - Lei 10406/02 e Lei Carolina Dieckmann nº 12.737/2012.

Palavras-chave: Autoria. Cibercultura. Compartilhamento. Nudes.

ABSTRACT

This research aims to present reflections on the weaknesses of living in a cybercultural world. In this world of technological interaction between society and culture, authorship is increasingly disregarded and unauthorized sharing is numerous. This approach is relevant because it presents a reflection on the sharing of Nudes and its consequences for the people involved. In practical terms, we created situations about authorship in times of cyberculture and made a reflection with the high school students of Colégio Batista Taylor-Egídio about the sharing of Nudes. To do so, we will use different theoretical assumptions such as: Palfrey (2011), Ribeiro (2015), Lévy (2000), Rojo (2012), the Brazilian Civil Code CC - Law 10406/02 and Carolina Dieckmann Law nº 12.737/2012.

Key words: Authorship. Cyberculture. Sharing. Nudes

1 PARA INÍCIO DE CONVERSA...

A sociedade sempre procurou meios eficientes para se comunicar. Desse modo, com o surgimento da internet em 1990, houve um “facilitamento” para a comunicação entre seres humanos, tornando possíveis as redes virtuais. Desde então, essa ferramenta não parou de evoluir. Segundo dados de 2018, coletados no site “Exame”, aproximadamente 62% dos brasileiros estão ativos em

1. Concluinte do Ensino Médio no Colégio Batista Taylor-Egídio, 2019.

2. Professora orientadora. Mestranda em Educação pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Bacharel em Teologia pelo Seminário Teológico Evangélico do Brasil. Graduada em Letras (UESB) campus de Jequié, Pós-graduada em Linguística e Ensino aprendizagem de Português como Primeira e Segunda Línguas pela (UESB) campus de Jequié. Especialista em Língua Portuguesa pela Faculdade de Ciências Educacionais. Docente do componente curricular Língua Portuguesa, no Colégio Batista Taylor Egídio.

redes sociais e outra pesquisa feita pelo site “Marketing sem gravata” diz que o brasileiro passa em média 9 horas e 14 minutos na web. A Internet propiciou crescimentos significativos em todos os âmbitos mundiais. Ampliou a economia, auxiliou na educação, melhorou até mesmo as questões referentes a uma melhor qualidade da saúde, além de nos possibilitar a maravilha de estar “on-line” e através das redes sociais expor pensamentos, ideias e reivindicações.

O cidadão do século XXI recorre às redes sociais, principalmente, por se sentir deslocado em encontros públicos ou presenciais e encontrar na mídia um lugar em que pode explorar lugares e se relacionar com as pessoas. E assim, vive cada vez mais a sua vida on-line no modo cibercultural que é caracterizado por um espaço complexo, presente em vários lugares ao mesmo tempo, esse novo mundo digital. Entre as mídias sociais mais utilizadas no país estão YouTube³, com 60% de acesso, o Facebook⁴ com 59%, o WhatsApp⁵ com 56% e o Instagram com 40%. Esses números se dão pelo fato de que estar na rede hoje é mais importante do que estabelecer relações pessoais. Compactuamos com Rojo quando afirma:

A presença das tecnologias digitais em nossa cultura contemporânea cria novas possibilidades de expressão e comunicação. Cada vez mais, elas fazem parte do nosso cotidiano e, assim como a tecnologia da escrita, também devem ser adquiridas. Além disso, as tecnologias digitais estão introduzindo novos modos de comunicação, como criação e o uso de imagens. (ROJO, 2017, p. 37).

Nessa contemporaneidade, a imagem de corpos nus aparece nas mídias sociais, como *nudes*, imagem do desejo, da vontade do prazer, conhecida também como *sexting*⁶. Começou por SMS⁷ e posteriormente teve uma grande evolução para fotos íntimas, as quais eram mandadas “pra alguém confiável” que nem sempre se mostraram tão confiáveis como pensávamos. Ao romper acordos implícitos de privacidade e confiabilidade, o que para muitos não passava de uma brincadeira, para a vítima que tem seu direito e seu corpo ferido, causou dores psicológicas que trazem consequências que jamais poderão ser medidas.

A partir daí, notamos uma plasticidade no que tange à autoria. Atribuímos ao leitor & autor a possibilidade de consumir, produzir e disseminar sentidos através dos textos que criam, leem e compartilham nas diversas redes sociais. Desse modo, tendo assumido novos meios de comunicação, os textos estão configurados em novos formatos, ou seja, novos gêneros têm emergido a cada dia e são gêneros multissemióticos e multimodais que têm ocupado as fileiras dos textos lidos e consumidos. A interação social acontece por meio da utilização desses textos.

O ciberespaço é visto como um local onde os homens estão libertos do corpo físico. Esse é um lugar acessível a todos, desde que haja um computador ligado à internet. Desse modo, as distâncias geográficas são abolidas e não há mais diferenças físicas, raciais e de classes.

Dentro de todo esse contexto, conversaremos um pouco a respeito da autoria em tempos de cibercultura: uma reflexão dos discentes do ensino médio do Colégio Batista Taylor-Egídio, em Jaguaquara, Bahia, sobre os compartilhamentos dos *nudes* e como as relações sociais estão fragilizadas. Esperamos deixar claro que à medida que compartilhamos textos e imagens advindas do espaço virtual, a questão da autoria pode ultrapassar o campo literário, tornando-se questão jurídica afeita a criminalizações. Compartilhar um *nudes* será possivelmente uma invasão de privacidade

3. YouTube é um site de compartilhamento de vídeos enviados pelos usuários através da internet. O termo vem do Inglês “you” que significa “você” e “tube” que significa “tubo” ou “canal”, mas é usado na gíria para designar “televisão”. ... O site foi fundado em 2005 por Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim.

4. Facebook é uma rede social lançada em 2004. ... Este termo é composto por face (que significa cara em português) e book (que significa livro), o que indica que a tradução literal de facebook pode ser “livro de caras”.

5. **Whatsapp** é um **software** para **smartphones** utilizado para troca de mensagens de texto instantaneamente, além de vídeos, fotos e áudios através de uma conexão a *internet*.

6. O nome “sexting” é baseado em uma junção de palavras, oriundas dos radicais “Sex” (sexo) e “Ting” (sufixo de texting), exatamente por essa origem histórica do “sexo por mensagens de texto”. Apesar de atualmente os conteúdos terem se tornado menos textuais, o nome manteve-se.

7. SMS é a sigla de Short Message Service, que em português significa Serviço de Mensagens Curtas. SMS é um serviço muito utilizado para o envio de mensagens de texto curtos, através de telefones celulares.

sujeita a ser classificada como crime. Só para lembrar, a partir de agora denominaremos o Colégio em que desenvolvemos nossa pesquisa de CBTE, sua abreviatura.

Seria difícil prosseguir sem o nosso foco determinado, por isso queremos delinear nossos objetivos. Objetivo geral: Refletir sobre Autoria em tempos de cibercultura, mais especificamente: (i) Abordar a autoria em tempos de cibercultura, considerando as redes sociais e a possibilidade dos compartilhamentos; (ii) Levantar dados através de pesquisa de campo entre discentes do CBTE sobre o uso das redes sociais e seus compartilhamentos; (iii) Analisar sobre os *nudes* e suas consequências tanto psíquicas quanto legais. Definidos os nossos objetivos precisamos esclarecer qual suporte metodológico, que conduziu a nossa pesquisa.

A professora Stella Maris Bortoni-Ricardo discute sobre o assumirmos o papel de um pesquisador. Partindo desse pressuposto, optamos pela pesquisa qualitativa etnográfica por incluir-se no âmbito dos interpretativistas. Desse modo, é no método etnográfico que a pesquisa qualitativa encontra meios que mostram realidades implícitas, inseridas no cotidiano, nem sempre visíveis ao olhar de quem participa ativamente dessas ações. Nesse momento perseguimos o ideal proposto por Ricardo quando assegura: “o pesquisador é parte do mundo que ele pesquisa.” (BORTONI-RICARDO, 2008, p.58)

Por conseguinte, diante de toda essa discussão, temos um questionamento: o que acontece com a autoria nesses tempos de cibercultura?

2 AUTORIA EM TEMPOS DE CIBERCULTURA

De acordo com Ribeiro (2015), o poder semiótico está em como devemos lidar com o signo, manejar linguagens e produzir sentidos. E esse poder tem aumentado com a ajuda das tecnologias digitais. Hoje as pessoas necessitam perceber a definição do sentido presente no texto escrito, deixando claro como o queremos, e mostrar claramente a organização e a estrutura nos textos, com uma atenção cuidadosa na comunicação e na tecnologia. Ribeiro ainda discute:

As técnicas e tecnologias da escrita de que dispomos hoje são mais uma fase dessa história, que não despreza nenhuma outra anterior. Além disso, considero que há integração, que há incremento, e não competição entre modos de escrever e ler. Temos, portanto, um cenário complexo, no qual convivem processos de variadas formas, além de gêneros e textos diversos. Ao contrário, a escrita e a leitura estão misturadas a nossos modos de vida, às nossas vivências, ao nosso modo de operar em sociedade. (RIBEIRO, 2015, p. 4)

Desse modo, para Ribeiro (2015), a escrita hoje em dia é um processo, é histórico e dele fazemos parte, manejando a linguagem na busca do sentido. Não estamos como telespectadores, mas plenamente inseridos nesse contexto e assim aderimos às novas máquinas, novas maneiras de produzir o texto. Os gêneros textuais são novos, inovadores, e eles interagem conosco na história da leitura e da escrita. Ao refletirmos sobre a autoria em tempos de cibercultura, vale pensar um pouco sobre os compartilhamentos tão comumente realizados nas redes sociais. Seriam eles legais? E o que dizermos dos *nudes*?

3 UMA REFLEXÃO SOBRE OS NUDES

Nude, de acordo com o dicionário on-line de língua portuguesa, é um substantivo masculino: “Desprovido de roupa; nu; modelo foi retratado em nude. Foto de uma pessoa despida, sem roupa”. Já, de acordo com Netto (2017) o termo *Nudes* é uma expressão ainda não dicionarizada e é usada nos meios sociais de interação na internet. Trata-se da imagem de uma pessoa nua sendo divulgada com ou sem a permissão dela. Portanto a intimidade e a vida privada da vítima estão sendo expostas. Ou seja, quando exposta de forma ilícita, são atingidas não só as vítimas, mas também várias

pessoas. Assim, o ato se torna ilegal ou ilícito. Nisso, o indivíduo que tem seu direito violado pode exigir do poder jurídico, que a pessoa que lhe ofendeu pague uma indenização por exemplo.

De acordo com o Código Civil brasileiro CC - Lei 10406/02 (BRASIL, 2002), Institui o Art. 12: Pode-se exigir que cesse a ameaça, ou a lesão, a direito da personalidade, e reclamar perdas e danos, sem prejuízo de outras sanções previstas em lei, quando há o sofrimento individual e coletivo que pode ser avaliado pela sociedade como imoral e indecente, o que para a vítima gera vários transtornos mentais. Assim, fotos de pessoas que foram/são publicadas sem autorização geram dano moral. Além disso, a repassagem, ou seja, compartilhamento também é dano moral.

Ainda no Código Civil Brasileiro CC - Lei nº 10.406 (BRASIL, 2002) Institui o Art. 186: **Aquele que, por ação ou omissão voluntária, negligência ou imprudência, violar direito e causar dano a outrem, ainda que exclusivamente moral, comete ato ilícito.** Desse modo, Netto (2017) afirma que o tráfico de *nudes* tem como finalidade efetivar o dano moral, o qual desintegra o **ânimo** psíquico e intelectual da vítima. Assim, se repudia qualquer forma de lesão à ordem jurídica de acordo ao Código Civil (art. 11 a 21, CC). Os direitos da personalidade expresso pelo Código Civil é o desenvolvimento da dignidade da pessoa humana, não visa satisfazer todos os direitos da personalidade, mas sim a integridade moral.

Para se configurar em dano moral, é necessário que se tenha um autor responsável por este ato, sendo doloso ou culposo, que tem como objetivo afetar alguém. Os *nudes* são defendidos pela constituição republicana e pela lei Material civil (Código Civil), aliciado no interior da dignidade humana (art. 5º, V e X, CRFB). Ainda podemos pensar um pouco na Lei Maria da Penha, que define como violência contra a mulher, entre outras, a violência psicológica:

II - a violência psicológica, entendida como qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, violação de sua intimidade, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação; (Redação dada pela Lei nº 13.772, de 2018).

Após todas essas possibilidades de crimes a que estamos sujeitos, ainda temos os crimes cibernéticos.

4 OS CRIMES CIBERNÉTICOS E A LEI Nº 12.737/2012

Assim, crimes cibernéticos são todos os crimes que acontecem na internet, querendo atingir uma pessoa, duas ou mais pessoas ao mesmo tempo nas redes públicas, sabendo que esse crime pode ser praticado em várias redes sociais.

Até 2012, algumas das leis usadas existentes, eram leis para crimes gerais como a Lei n 8.069/90, estatuto da criança e do adolescente, Lei nº 9.609/98, lei de crime software, e a Lei nº 7.170//83, lei de segurança nacional, e desse modo, as pessoas tinham dificuldades para identificar as provas do crime, quanto aos crimes virtuais.

Quando no ano de 2012, fotos íntimas da atriz Carolina Dieckmann repercutiram nas redes sociais, causaram uma comoção tão grande que foi criada a Lei nº 12.737/2012 que passou a vigorar como um instrumento legal mais explícito, no que tange aos crimes cibernéticos. Vale lembrar que essa Lei leva o nome da própria atriz.

Todos esses males acarretam consequências para as suas vítimas e veremos agora algumas das mais danosas.

5 CONSEQUÊNCIAS

De acordo com Souza (2017), a exposição e humilhação de mulheres por suas práticas sexuais ou de nudez é conhecido aqui no Brasil pela expressão inglesa *slut shaming*, termo que não tem uma tradução. Ela destaca-se entre suas práticas o *porn revenge*, conhecido no Brasil por ‘pornografia de vingança’. Para a autora em estudo, a pornografia de vingança consiste em publicação e compartilhamento, sem a autorização da vítima, de suas fotos ou vídeos íntimos. Dessa feita, essa postura configura-se como violência psicológica, o que causa danos à sua saúde mental e traz sérias consequências às suas relações sociais. Dessa maneira, para ela, a mídia ainda assume um papel de julgamento e culpabilização da vítima, que se encontra em um estado de vulnerabilidade e violência. Souza dialogando com Rocco & Dresch afirma:

Assim, esses compartilhamentos indevidos de fotos íntimas pode levar a vítima ao adoecimento como a depressão, gerando o agravamento da capacidade de se relacionar com outras pessoas, causando nelas sentimentos de exclusão e comportamento de isolamento, junto com fobias sociais, não suportando a pressão da sociedade e achando no suicídio a saída. (SOUZA 2017 apud ROCCO & DRESCH 2014, p; 12)

Agora partiremos para a nossa pesquisa de campo, neste momento percebendo como os discentes do CBTE reagem frente às redes sociais e também aos compartilhamentos.

6 O LÓCUS E PARTÍCIPE DA PESQUISA DE CAMPO

O CBTE tem como compromisso e responsabilidade educar integralmente crianças, adolescentes e jovens do seu corpo discente. Assumindo essa responsabilidade, oferece à comunidade de Jaguaquara e região, os seguintes níveis: Educação Infantil, Ensino Fundamental I e II e Ensino Médio. A coleta de dados foi feita no Ensino Médio do CBTE, no dia 16 de julho de 2019, nas turmas do primeiro, segundo e terceiro anos, totalizando 96 discentes entrevistados. Nela, os educandos deveriam responder um questionário a respeito de sua conduta diante das redes sociais. Fizemos as seguintes perguntas:

1. Você concorda com a atitude de famosos (atores, jogadores, cantores, etc) em compartilhar fotos íntimas de outras pessoas no seu Instagram? Resposta: 12% dos adolescentes afirmaram que sim, e 88% que não. Ficando evidente que boa parte dos entrevistados não concorda com essa atitude de expor a intimidade do outro.

2. Você já compartilhou ou conhece alguém, que já teve suas fotos íntimas compartilhadas? Resposta: 75% dos educandos já compartilharam ou conhecem alguém que já tenha compartilhado, e 25% que não. Ou seja, uma grande parte já teve contato com *nudes*.

3. Mesmo com as Leis em vigor, em que você pode denunciar caso alguém espalhe *nudes* seus, você ainda assim mandaria, mesmo correndo o risco das pessoas ignorarem essa Lei? Resposta: 10% dos participantes afirmaram que espalhariam *nudes*, 22% disseram talvez e 67% disseram que não cometeriam isso.

4. Você conhece alguém que já foi punido por compartilhar fotos comprometedoras em rede social? Resposta: 28% afirmou que conhece alguém que tenha sido punido por compartilhar fotos comprometedoras, 72% que não conhece quem tenha praticado tal delito.

5. Alguém já invadiu ou tentou invadir seu perfil nas redes sociais? Resposta: 19% dos educandos confirmaram que sim, já 80% deles disseram que não, como podemos ver uma parte dessas pessoas já sofreram desses danos.

6. Você se sente seguro (a) usando as redes sociais? Resposta: 17% falaram que sim, já 8% que não, porém 75% dos discentes entrevistados asseguraram que mais ou menos.

7. Caso você já tenha visto um *nudes* de uma pessoa vazado, você já chegou a julgar? Resposta: 51% dos alunos falaram que não julgam essas pessoas que tiveram sua intimidade exposta, já 49% falaram que julgariam essas pessoas que as fotos foram vazadas nas redes sociais.

8. Você conhece as consequências do compartilhamento de fotos íntimas na vida dos adolescentes? Resposta: 16% dos estudantes falaram que conhecem essas consequências enquanto que 84% falaram que não têm esse conhecimento.

9. Mandar *nudes* para você é algo comum? Resposta: 54% deles não acham comum o ato de mandar o *nudes*, em pequena escala de diferença com os 46% dos entrevistados que acham algo normal e banalizam esse ato.

10. Você conhece pessoas que já sofreram psicologicamente por causa do compartilhamento de fotos íntimas? Resposta: 75% do alunado do CBTE conhece pessoas que sofreram por ter seu *nudes* compartilhado, enquanto 25% nunca presenciaram esse tipo de sofrimento.

Depois de toda essa reflexão e demonstração dos dados apresentados por meio da nossa pesquisa, partiremos para a conclusão de tudo isso que por um tempo nos incomodou.

7 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Graças à internet, hoje temos um fenômeno que tem mudado todas as dimensões das nossas vidas. Ao mesmo tempo que estamos em solidão ou solitude, estamos engajados em uma grande rede que nos conecta com o mundo, e é a cibercultura que nos leva a essas vivências. De acordo com o dicionário on-line, autoria é qualidade ou condição de autor, quando você é responsável por criar algo. Esse significado está em consonância com o termo grego *ergon* que significa algo feito, construído. Dessa forma, se a pessoa não é o autor do texto, seja ele verbal, não-verbal, multimodal ou multissemiótico, ela não tem autorização para passar adiante, e quando isso é feito, há uma quebra do sentido de autoria.

Por conta da tecnologia, também existem meios de buscar ajuda, caso uma foto com conteúdo íntimo seja exposta. Sites como a SaferNet ajudam milhares de pessoas a fazer denúncias e a buscar ajuda para não sofrerem com algum tipo de doença psicológica. Existe também os disk ajuda onde a vítima do crime virtual ou qualquer outro crime, liga e recebe ajuda de um profissional, que muitas vezes evita um suicídio. Esses meios de comunicação ajudam a salvar vidas todos os dias e faz lembrar que é preciso buscar ajuda, se for necessário até mesmo recorrer às leis que protegem o cidadão desse tipo de crimes, a exemplo da Lei Carolina Dieckmann nº 12.737/2012 e do Código Civil Brasileiro CC - Lei 10406/02.

REFERÊNCIAS

AUTORIA. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/autoria/>>. Acesso em: 10 de julho de 2019, às 7h.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador**: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

BRASIL. **Código Civil** - Lei 10406/02 | Lei no 10.406, de 10 de janeiro de 2002. [internet] <<https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/91577/codigo-civil-lei-10406-02>> , acessado 03 de agosto de 2019, às 23:23.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 14 de abril de 2014, às 09:55, acessado em 17 de julho, às 23:41.

NETTO, João Maurício de Souza. **O tráfico de nudes gera dano moral?** Disponível em <https://jus.com.br/artigos/56339/o-trafico-de-nudes-gera-dano-moral> Março de 2017, acessado em 09 de Julho de 2019, às 04:07.

PALFREY, John e GAER. Urs. **Nascido na era digital**: entendendo a primeira geração de nativos digitais. Porto Alegre: Artmed 2011, acessado 23 de agosto de 2019, às 10:37.

RIBEIRO, Ana Elisa. **Tecnologia e poder semiótico**: escrever, hoje. Texto livre: linguagem e tecnologia, v.8, n.1, 2015. Págs. 112-123. Disponível em <https://periodicos.ufmg.br/index.php/textolivre/issue/view/889>. Acessado 18 de Julho de 2019, às 16:19.

ROJO, Roxane Helena R. **Multiletramentos na escola** / Roxane Rojo, Eduardo Moura [orgs.]. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

SOUSA, Letícia de Mélo. Slut shaming e porn revenge: vivências de mulheres jovens e as repercussões para a saúde mental. 2017. 74 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/12168>. Acessado em: 18 de agosto de 2019, às 12:21.

CANCELAMENTO, UM PODER TIRÂNICO

Anna Giulia Tamborriello Oliveira¹

Anna Roberta La Macchia Doria¹

Artur Scotti Porto¹

Ellen Victória da Hora Santos¹

Emilly Lavigne Silva Rodrigues¹

Joana Angélica Marques Sampaio²

A tirania é um hábito com a propriedade de se desenvolver e dilatar a ponto de tornar-se doença. (Fiódor Dostoiévski).

RESUMO

O presente artigo tem como proposta a discussão da chamada “cultura do cancelamento”, movimento oriundo das redes sociais que se popularizou na atualidade por punir comportamentos condenados socialmente. De início, a atitude apresenta-se positiva, pois teria o intuito de educar a população sobre certos aspectos, no entanto, a tirania do comportamento popular aliada aos recursos tecnológicos da contemporaneidade pode ter criado uma nova forma de ostracismo capaz de inibir, humilhar e até mesmo provocar sofrimento psíquico. É sobre esses aspectos que fazemos uma breve análise nesse trabalho inicial, a qual pode abrir caminho para um estudo mais apurado do fenômeno em questão.

Palavras-chave: Cultura do Cancelamento. Linchamento virtual. Tribunal da internet.

ABSTRACT

This article aim's the discussion of the so-called “cancel culture”, movement that rises from social media and gets known nowadays for punishing socially convicted behaviors. Initially the attitude is positive, because it would have the purpose of educating the society in some aspects, however, the tyranny of popular behavior allied to technological resources of contemporaneity may have created a new way of ostracism capable of inhibiting, humiliating and even causing psychic suffering. It is about these aspects that we will make a brief analysis in this initial work, which may pave the way for a more accurate study about this phenomenon in question.

Keywords: Cancel Culture. Virtual Lynching. Internet Court.

1 INTRODUÇÃO

Segundo Pondé³, o ser humano gosta de “jogar pedra” nos outros pois é como se nesse momento ele se sentisse puro, isso se aplica ao objeto dessa pesquisa, o Cancelamento Virtual. Para ele, a “Cultura do Cancelamento” está enraizada nessa característica do ser humano, o gosto pelo linchamento, isso porque traz a ideia de que quem lincha o faz em nome de uma boa causa; sendo assim, é interessante analisar o fenômeno mais de perto, já que nos últimos três anos a sociedade

1. Concluinte do Ensino Médio no Colégio Batista Taylor-Egídio, 2020.

2. Professora orientadora, pós-graduada em Gestão e docência do ensino superior pela FAT- Faculdade Anísio Teixeira, graduada em Letras com língua espanhola pela UEFS- Universidade Estadual de Feira de Santana.

3. Luiz Felipe de Cerqueira e Silva Pondé (Recife, 29 de abril de 1959) é um filósofo, professor universitário e escritor brasileiro.

foi invadida por esse comportamento, de tal forma que seus efeitos são sentidos por todo o corpo social.

Visto que o cancelamento é um tipo de punição exercida pelo povo, nos parece válido analisar outros comportamentos semelhantes, também executados por populares e traçar um paralelo. O que os move, por que agem assim e, principalmente, quais as implicações disso para a sociedade? Com intuito de responder a esses questionamentos, traçamos um breve contexto histórico do comportamento popular frente a punições anteriores e fundamentamos alicerces em teóricos que se dedicaram à explicação dessas ações, como o polímata francês, Michel Foucault⁴ e seu estudo sobre sociedade disciplinar⁵, pois acreditamos que o cancelamento atue como uma ferramenta do poder-conhecimento, descrito pelo estudioso. Foucault (2011) argumenta que o poder tem sido, e continua sendo, a maior força a moldar a ordem social, e que esse tipo de poder específico, por não apresentar estruturas ou agentes perceptíveis de imediato, constitui-se onipresente e por isso mais difícil de se resistir.

Sob esse olhar, a cultura do cancelamento estaria a funcionar como uma espécie de panóptico. O panóptico, idealizado por Jeremy Bentham no século XIX, serve como imagem arquitetônica principal do pensamento de Foucault sobre a estrutura do poder no mundo ocidental. Consiste num sistema de vigilância para prisões e manicômios, em que pequenas celas, muitas vezes em vários pavimentos, se abrem para um centro, de onde se exerce uma vigilância instrumental continuada, a qual tende a atingir todo o complexo corretivo e, ou, punitivo, para tranquilidade da sociedade vigente do mundo virtual, no qual a própria sociedade se coloca sob vigilância constante ao se expor nas redes sociais, e assim torna-se vítima do tribunal da internet, o qual exerce um poder tirânico capaz de silenciar, pois medo de ser cancelado é um forte inibidor de opinião. Esperamos, com esse trabalho, acrescentar conhecimento às discussões sobre a influência das redes sociais no comportamento das pessoas e contribuir para um uso produtivo desses meios de comunicação, de forma que exerçam menos controle sob o usuário, não gerando para ele tantos danos e nem interfira tanto em seu poder de julgamento.

2 DOS TRIBUNAIS DA INQUISIÇÃO À ERA DO CANCELAMENTO VIRTUAL

Torturamos os nossos irmãos homens com o ódio, o rancor, a maldade e depois dizemos «o mundo é mau». (Fernando Pessoa).

Definido como uma forma moderna de ostracismo, o ato de cancelar alguém, no contexto das redes sociais seria o mesmo que dizer que ela não pode fazer uso das telas para expor seus pensamentos e sua vida, visto que suas atitudes são questionáveis. Esse comportamento tem como premissa expor publicamente, nas redes sociais, pessoas que não estariam aptas a ocupar o posto de “influencer”⁶ pois seus conteúdos ofendem, oprimem ou incentivam mal comportamento. A atitude surge imbuída de boas intenções, já que pretende orientar as condutas no espaço virtual para evitar que a liberdade de expressão seja confundida com desrespeito. No entanto, até mesmo a melhor das intenções pode trazer consigo interesses ocultos que precisam ser melhor analisados.

Como bem se sabe, o hábito de punir atitudes consideradas erradas é velho conhecido da humanidade, é usado desde muito cedo para manter a organização e o respeito em meio as sociedades, no entanto, as punições que expõem o infrator carregam consigo um viés moralizante, o qual visa usar a punição como exemplo e por isso, muitas vezes pode ser cruel e violento. Durante a Idade média, a Igreja Católica atuou como uma grande canceladora, a qual punia as pessoas por práticas consideradas heréticas; assim, os tribunais da “Santa Inquisição”, utilizando o “princípio de culpa”⁷ fazia o julgamento de mulheres acusadas de bruxaria, por exemplo. As investigadas eram jogadas em tanques de água e se afundassem, o peso da culpa as teria feito afundar e seriam então, culpa-

4. Michel Foucault (15 de outubro de 1926 – Paris, 25 de junho de 1984) foi um filósofo, historiador das ideias, teórico social, filólogo, crítico literário e professor da cátedra História dos Sistemas do Pensamento.

5. Procura organizar grandes meios de confinamento: a família, a escola, a fábrica, o exército e, em alguns casos, o hospital e a prisão

6. Pessoa que devido ao seu número de seguidores conseguem influenciar seus telespectadores e que através desse poder fazem seu ganha pão.

7. Suposição de culpabilidade sobre o réu antes que se prove o contrário.

das, caso boiassem, era porque o pacto com forças ocultas fazia com que elas flutuassem, julgadas por isso, eram declaradas culpadas e então sacrificadas.

Nas duas opções o que sobrava para a mulher era a morte, isso porque o comportamento daquelas pessoas era algo reprovado pela fé da época e elas deveriam ser punidas com rigor para que ninguém mais desejasse agir da mesma forma. Vítima desses tribunais, Joana D'Arc, líder dos exércitos franceses durante a Guerra dos Cem Anos e hoje santa padroeira da França, foi queimada viva em praça pública acusada pelos tribunais eclesiásticos de praticar heresia e feitiçaria. Milhares de outras pessoas foram “canceladas” pela Igreja Católica em julgamentos sem a possibilidade de perdão.

Avançando um pouco mais no tempo, encontramos os linchamentos, uma outra prática punitiva precursora do cancelamento. O hábito de linchar surgiu com a intenção de restabelecer uma ordem que fora rompida e nada mais era que um divórcio entre o povo e o estado quando esse não cumpria o seu dever de manter a ordem: os populares, então, sentiam-se no direito de exercer a justiça com as próprias mãos. Mais do que isso, os linchamentos tinham a intenção de mostrar para todos que uma determinada atitude estava sendo condenada porque era abominada e mesmo que a lei não a julgasse de forma adequada, a população, por sua vez, deixava claro que não a tolerava, resolvendo a questão com o uso de agressão verbal e física. Relatos dessa prática já eram efetuados no Brasil desde o século XVI pelos jornais da coroa portuguesa. Nessa modalidade executada por grupos de populares, cabe ressaltar o caráter fortemente emocional e cruel em que implicava a conduta. Martins (2015) diz que “Os linchamentos expressam o tumultuado empenho da sociedade em “restabelecer” a ordem onde ela foi rompida por modalidades socialmente corrosivas de conduta social”.(MARTINS, 2015, p. 11).

Entretanto, essa disposição para reordenar o cenário social vem sempre carregada de ideologias e interesses próprios, não representam, quase nunca, os interesses da população como um todo, o que pode gerar ações controversas. No final do século XIX, início do século XX por exemplo, a sociedade norte americana estava se revolucionando, gerando assim novas oportunidades para ascender socialmente, porém uma parcela da população, conservadora por natureza, ainda preferia ver as coisas no seu “devido lugar na sociedade”. Isso se dava pelo fato de muitos negros estarem prosperando, enquanto alguns brancos despencavam da pirâmide social: fazia-se ali um cenário perfeito para os linchamentos, motivados por não aceitar que uma pessoa que sempre foi taxada como inferior por ser negra se tornasse, naquele momento, superior. Muitos foram os negros linchados e logo depois enforcados em árvores ou queimados em fogueiras nas praças públicas, para que expostos servissem de exemplo para a sociedade. A ameaça era clara – negros não podem ser como brancos-. A violência e perversidade desse tipo de cancelamento era muito bem tolerada pela população, os quais se reuniam aos montes para assistir aos massacres.

Nesse contexto é possível perceber que os linchadores, agem sempre em nome de uma identidade social, contra alguém que os ameace ou não pertença a seu grupo e o tipo de repressão que praticavam sempre serviu como vitrine para mostrar os comportamentos que não eram aceitos pela sociedade e inibir novos casos. Violentos, intolerantes e repressores, infelizmente, os linchamentos continuam sendo praticados pela sociedade, mais uma vez impedindo a possibilidade de defesa por parte daqueles que são linchados, ou a correção dos comportamentos repudiados.

Já a atual forma de cancelamento emerge do “linchamento virtual”, conservando algumas características das punições anteriores, como o desejo de corrigir comportamentos, inclusive muitos dos quais eram naturalizados em outros tempos e agora aparecem como alvo dos canceladores. Dessa vez, o tribunal funciona por meio da rede mundial de computadores, sem o contato físico, porém com alcance muito maior, pois as atitudes reprovadas pelos usuários da internet são rapidamente disseminadas na *web*.

Tal prática se tornou comum em 2017 com o movimento “Me Too”, que buscava por meio das redes sociais expor assediadores e abusadores sexuais. O movimento surgiu depois de várias atrizes de Hollywood acusarem membros de alto escalão do cinema de serem abusadores, A atriz estadunidense Alyssa Milano, para mostrar o quão comum era essa prática, postou um *tweet* (mensagem publicada no Twitter) convidando seus seguidores a expor seus assediadores usando a *hashtag*

#metoo, a qual, traduzida para o português, significa “eu também”. Isso foi o necessário para que milhares de pessoas fossem para as redes sociais falar de seus casos, uma vez que influenciados por pessoas famosas se sentiriam mais confortáveis para falar sobre o assunto.

O resultado foi avassalador e em 24 horas mais de meio milhão de pessoas tinham respondido no *tweet* de Alyssa contando seus casos e cobrando que algo fosse feito contra os abusadores. Um levantamento feito pelo jornal *The New York Times* revelou que mais de 200 homens influentes perderam seus cargos depois de terem sido acusados de assédio. Desde então, os usuários da rede perceberam o poder dessa ferramenta, não só para expor publicamente pessoas influentes com condutas duvidosas, como também para inibir anônimos que tenham o mesmo comportamento, e assim educar a população sobre atitudes ou posicionamentos que não são mais tolerados no corpo social.

Como nem tudo é apenas o que aparenta ser, o hábito de cancelar pessoas famosas, grandes marcas ou atitudes, viralizou e, semelhante ao tribunal do Santo Ofício, instaurou-se o tribunal da internet, em que os juízes -os internautas- se colocam acima de qualquer falha e estão sempre prontos para condenar toda gafe, atitude equivocada ou má conduta, a fim de reprimir e acabar com o poder de influência dos envolvidos ao comprometer sua imagem pública, não importando as implicações desse ato.

3 HOMEM OU MÁQUINA, QUEM INFLUENCIA QUEM?

As redes sociais são programadas e construídas para gerar esse tipo de discussão superficial e interminável, porque isso acaba sendo convertido em engajamento e a publicidade se alimenta disso. (Emicida).

De tão popular no meio virtual nos últimos anos, “cultura do cancelamento” foi eleito como o termo do ano em 2019 pelo Dicionário Macquarie, que todos os anos seleciona as palavras e expressões que mais caracterizam o comportamento de um ser humano. Dentro dessa “nova cultura”, desenvolvida inteiramente no universo das redes sociais, há personagens e mecanismos que atuam de forma bem definida, a exemplo dos *influencers* e dos algoritmos, como veremos a seguir.

Para que um cancelamento cause o impacto que pretende ter ele precisa agir sobre algo ou alguém conhecido ou com posição de destaque, não só no mundo virtual, mas também no mundo real, por isso artistas famosos, grandes marcas e celebridades da internet são os principais alvos. Isso porque, para que a punição seja exemplar o influenciador em questão precisa ter sua imagem comprometida a ponto de abalar sua posição de destaque. Essas personalidades são conhecidas como *influencers*, figuras responsáveis por induzir pessoas através da sua produção de conteúdo nas redes sociais, emitindo opinião sobre assuntos, produtos e causas polêmicas. Quanto mais seguidores, mais famoso ele fica, mais marcas o procuram e mais dinheiro está envolvido. Por isso, trabalhar com a imagem nas redes sociais tem se tornado meta de vida para incontáveis pessoas ao redor do mundo.

Guy Debord⁸ destaca em seu livro “Sociedade do Espetáculo” que:

O cancelamento traz à tona, acima de tudo, o desejo de que a realidade surja no espetáculo por meio de uma figura pública que, por sua vez, precisa ter uma determinada atitude ou posição política para ser considerado como “real” dentro do contexto em que se insere. (DEBORD, 2007).

Dessa forma, quando se torna conhecido por seus conteúdos na internet, um *influencer* é capaz de atingir um público consumidor cada vez maior, o qual acompanha sua rotina exposta na rede como se fosse uma “novela da vida real” em que a imagem é tudo, criando assim engajamento⁹. Logo, qualquer ataque ao *influencer*, qualquer mancha em sua imagem pode custar não só a sua fama, como seus patrocínios e contratos, o que resulta em um dos motivos para que o cancelamento se torne o principal

8. Foi um escritor marxista francês (Paris, 28 de dezembro de 1931 – 30 de novembro de 1994).

9. Engajar consiste na relação de uma ou mais pessoas com uma causa, como o resultado das interações que acontecem nas redes sociais (curtidas, comentários e compartilhamentos).

vilão para essas pessoas. A imagem criada de um influenciador de sucesso, focado, engajado pode ser destruída a partir do momento em que algum indivíduo ache que o seu erro é merecedor de julgamento prévio, o que não permite nem uma possível justificativa da pessoa em questão, resultando muitas vezes em uma queda brusca em seu engajamento.

No entanto, percebeu-se também que, na maioria das vezes, ao cancelar esses indivíduos por uma falha cometida, eles se tornam muito mais atraentes e conhecidos, pois a punição provoca buscas e visualizações em seu perfil, o que faz com que sua aparição nas redes se torne cada vez maior, alcançando públicos nunca antes vistos. Os culpados por essa ascensão são os mesmos que provocaram sua ruína, algoritmos¹⁰, que trabalham para oferecer uma maior quantidade de conteúdo sobre a vítima do cancelamento, como exposição ao passado do *influencer*, assim mais erros podem vir à tona havendo maiores possibilidades do cancelamento se desenvolver em algo muito maior, como fazer com que mais espectadores cancelem o indivíduo e que seu caso se torne ainda maior e mais intolerante, ao mesmo tempo, mais pessoas são alcançadas e impelidas a tomar uma posição a respeito do assunto, reconhecendo o erro do cancelado ou “passando pano”¹¹ para as suas atitudes.

Com os algoritmos trabalhando em favor do cancelamento, fica cada vez mais fácil das notícias se espalharem, sobretudo, notícias falsas, o famoso *fake news*, pois eles funcionam promovendo postagens que causam divisões com o intuito de convencer as pessoas a passarem mais tempo online, ajudam o usuário de qualquer vínculo tecnológico a espalhar o seu conteúdo e encontrar pessoas semelhantes, com os mesmos interesses e ideias, entregando informações mais detalhadas sobre as preferências do usuário em um *looping* de conteúdo, que entre verdades distorcidas e mentiras exageradas, são capazes de gerar um verdadeiro caos na vida dos envolvidos.

Os conteúdos enganosos têm mais chances de viralizar, uma vez que a sociedade atual está bastante focada em achar erros que possam prejudicar o próximo. Assim, os algoritmos entendem que aquele conteúdo está sendo mais acessado e que a interação com o usuário está em constante crescimento, objetivo para o qual foi programado. No final das contas teremos canceladores e cancelados sendo manipulados pelos algoritmos e gerando o engajamento que sustenta as empresas donas das redes sociais, como Twitter, Instagram e Facebook, as campeãs do cancelamento. A essa altura, o objetivo inicial do ostracismo, que era corrigir comportamentos, já vai ter sido esquecido em função da lucratividade produzida.

A cultura do cancelamento é então o semblante da hipocrisia humana na tecnologia, é a necessidade de colocar em pauta os erros dos outros para se sentir melhor diante dos seus próprios desacertos. Por consequência, as redes sociais têm atuado muito mais como microfones para os julgadores, do que um espaço para socializar verdadeiramente, enquanto o intuito da punição passou a ser só mais um motivo para engajamento, quanto mais atual e problemático for o motivo do cancelamento, mais engajamento negativo¹² causa, porque entretém as pessoas dividindo opiniões.

Estudos atuais e depoimentos de pessoas que ajudaram a montar a estrutura que as redes sociais têm hoje, apontam para o poder nefasto dos algoritmos, no entanto, pelo fato de serem uma inteligência artificial, não podem ser responsabilizados pelas consequências de sua interferência no comportamento do usuário, ficando isso a cargo das empresas donas da tecnologia e criadoras das redes sociais, mas que não têm demonstrado preocupação com a saúde e bem estar da população e sim com o lucro que obtêm pela interferência que produzem.

4 UMA CULTURA TIRÂNICA E POLARIZADA

Essa cultura do cancelamento é um câncer e eu precisei passar por um linchamento virtual para sentir como ela é violenta. Enquanto

10. Conjunto das regras e procedimentos lógicos perfeitamente definidos que levam à solução de um problema em um número finito de etapas.

11. Expressão utilizada comumente para se referir ao ato de acobertar ou omitir algo sobre alguém.

12. Queda do número de seguidores, menos parcerias e menos reconhecimento.

todo mundo ganha like destruindo alguém, tem um ser humano sozinho tendo que lidar com todo esse ódio. (Spartakus Santiago¹³)

Em uma sociedade pautada na autopromoção nas redes, o algoritmo é o grande responsável por promover maior engajamento em postagens que tendem a causar divisões, para que os usuários passem mais tempo online. Porém, os indivíduos cancelados pela agremiação de internautas são submetidos a uma punição desproporcional ao erro praticado, sendo vítimas da desmedida tirania do cancelamento.

O termo tirania é apropriado para essa nova cultura, pois deriva do grego “týrannos”, que significa líder ilegítimo, é uma forma de governo autoritária, em que determinada população é oprimida e tem seu livre arbítrio anulado. No contexto virtual, a tirania se manifesta no momento em que os internautas oprimem outros usuários, moldando o comportamento destes, assim, as redes sociais se tornaram palco para arbitrariedade e polarização de ideias. Diante desse cenário, a grande massa de cibernautas compõe o extenso “tribunal da internet”, que consiste em indivíduos que possuem o sentimento de aptidão para julgar quem é certo e quem é errado, como grandes juízes condenando réus sem igualdade ou proporcionalidade. Isso sucede, porque deixa-se de discutir ideias e passa-se a discutir pessoas, além disso, no universo online é muito tênue a linha entre a crítica construtiva e o ataque revestido de ofensas.

Esse comportamento gera polarização, que segundo o dicionário Oxford consiste na concentração em dois opostos, realidade muito presente na dinâmica do cancelamento, na qual o usuário de uma rede social específica se vê sitiado entre cancelar, ou “passar pano”. Assim, ele precisa decidir entre ser tachado de acobertar a infração ou seguir a grande massa e também cancelar o indivíduo. Porém, a sociedade não compreendeu que entre “passar pano” e “cancelar” existe o diálogo, fundamental para corrigir desvios.

Tomando como base esse conceito, a comunidade cibernética simplifica os usuários a papéis, transformando pessoas em heróis ou vilões, deixando de lado toda a complexidade que rodeia a existência humana, essa polarização é muito danosa, porque todos os seres humanos são dotados de qualidades e defeitos.

Dessa maneira, uma sociedade que cancela tudo e todos acaba por formar seres alienados e obedientes, submissos à opinião opressora como proposto por Michel Foucault quando descreve os “sujeitos dóceis” da sociedade disciplinar, uma sociedade tirânica que simplesmente aniquila quem não obedece. Nesse caso, os internautas são os sujeitos moldáveis que estão submetidos ao “poder cancelamento” que disciplina e exclui os que preferem a contramão.

A sociedade controlada por esse tipo de comportamento funciona como uma grande prisão sem grades, semelhante ao panóptico idealizado por Jeremy Bentham¹⁴ fazendo referência à prisão ideal, em que o bom comportamento dos encarcerados é obtido pelo simples fato de se sentirem constantemente observados. Para atingir o objetivo da boa conduta, não é necessária uma vigilância concreta, somente a certeza de que ela está presente. Partindo dessa análise Foucault declara:

É, ao mesmo tempo excessivo e muito pouco que o prisioneiro seja observado sem cessar por um vigia: muito pouco, pois o essencial é que ele se saiba vigiado; excessivo, porque ele não tem necessidade de sê-lo efetivamente. (FOUCAULT, 2011).

Da mesma maneira que a prisão, o indivíduo no meio virtual - sendo observado constantemente - tem a tendência de silenciar devido ao medo de expor opiniões que vão de encontro ao senso comum. Assim, não é a consciência do erro que controla as pessoas e sim o medo da retaliação. Esse comportamento é descrito pela cientista política Elisabeth Neumann: ao afirmar que os indivíduos têm a predisposição a omitir o seu pensamento quando este vai de encontro à opinião

13. Youtuber, apresentador a MTV e publicitário formado em comunicação pela UFF e pela Miami ad School de Nova York.

14. Filósofo utilitarista e jurista inglês.

dominante, o que leva ao enfraquecimento ainda maior da opinião minoritária, e ao fortalecimento da opinião preponderante.

O processo de opinião pública não é iniciado se não houver um fundamento moral subjacente implicando que aqueles que pensam diferente não são apenas estúpidos, mas maus. Este elemento moral é o que dá à opinião pública o seu poder e permite-lhe lançar a ameaça de isolamento que estabelece a espiral de silêncio em movimento. (NEUMANN, 1977, p. 349)

Um estudo do Pew Research Center¹⁵, liderado pelo Keith Hampton¹⁶, e divulgado em 2014, confirmou a expansão da “espiral do silêncio” nas redes sociais. O medo de ser cancelado é um forte inibidor de opinião, dessa forma é preferível silenciar frente a assuntos que geram divergência e debater aqueles que estabelecem concordância.

Ainda segundo Foucault, como o poder não está em um só lugar ou em uma só pessoa, para obter o controle social é necessário dominar os micropoderes, ou seja, controlar os costumes, os hábitos e a forma de pensar. Isto posto, o cancelamento pode acontecer em qualquer grupo, basta ter um conflito de opiniões, sendo a representação de uma tirania que não provém de grandes líderes e sim do pensamento e da fala individual que ecoa nas redes agrupando cada vez mais adeptos.

Destarte, a cultura do cancelamento configura-se como um poder tirânico que julga pessoas com ônus desproporcional, fruto de uma sociedade vigilante e punitiva, a qual condiciona o usuário a sujeição e passividade em relação a opinião da grande massa, que tem como consequência o silenciamento frente a assuntos polêmicos. À vista disso, uma vez estabelecido, o cancelamento pode acontecer com qualquer indivíduo que possua uma conta vinculada a uma rede social e este será julgado sem piedade por pessoas que não fazem o uso correto da justiça.

5 O CANCELAMENTO É A MORTE VIRTUAL

Para alguns, a cultura do cancelamento induzirá ao isolamento, para outros a relações tóxicas, onde sempre está se esperando um erro do outro para emitir um julgamento. (Líssia Pinheiro-Psicóloga).

A cultura do cancelamento surge como um grande obstáculo para uma sociedade que anseia por fama, poder e prestígio. Se tornar uma celebridade do mundo digital é um desejo tão disputado quanto o antigo sonho das crianças de serem jogadores de futebol ou astronautas, mas o estrelato nas redes sociais agora precisa lidar com os canceladores, sempre atentos ao que pode gerar um futuro cancelamento. Um movimento dúbio, pois ao mesmo tempo que chama atenção, dá voz à indignação das pessoas em relação a atos e fatos criminosos, também pode torturar e gerar sofrimento psíquico, por isso precisa ser melhor analisado. Segundo psicólogos¹⁷, alguém que foi cancelado nas redes pode ser conduzido a uma sensação de ostracismo, isolamento, exclusão social, experiência de anonimato, invisibilidade, perda de posição ou prestígio, entre outros aspectos, o que para o contexto atual funciona como a uma experiência de morte, muito bem explicado pelo sociólogo polonês Zygmunt Bauman (2013) quando diz que na era da informação, não ser notado é equivalente à morte.

Essa experiência pode desencadear um processo de depressão ou ansiedade, movidos pelo sentimento de solidão e fracasso, entre outros desconfortos psicológicos capazes de comprometer seriamente a vida dos envolvidos. Recentemente, o programa Fantástico da emissora Globo de televisão fez uma matéria dedicada ao tema em que entrevistou alguns famosos que sofreram cancelamento no último ano e que se dispuseram a contar suas experiências. Uma delas foi a cantora Luiza Sonza, ex esposa do comediante brasileiro Whindersson Nunes, considerado um dos maiores

15. Centro de fatos não partidário que informa o público sobre as questões, atitudes e tendências que moldam o mundo. Conduzindo pesquisas de opinião pública, pesquisas demográficas, análises de conteúdo e outras pesquisas de ciências sociais baseadas em dados. Não assumindo posições políticas.

16. Professor de mídia e informação na Michigan State University.

17. Leonardo Luiz, psicólogo e psicanalista, professor de Psicologia da Universidade Presbiteriana Mackenzie Alphaville; Yuri Busin, psicólogo, doutor em neurociência do comportamento pela Universidade Presbiteriana Mackenzie e diretor do CASME (Centro de Atenção à Saúde Mental – Equilíbrio).

youtubers do mundo. Enquanto estavam juntos, os dois somaram milhares de fãs com os quais compartilhavam suas vidas quase que diariamente, mas a partir do momento em que decidiram se separar e fizeram o anúncio nas redes, a cantora começou a sofrer hate, uma espécie de perseguição virtual em que os internautas destilam ódio em comentários nas postagens do influencer. Esses ataques cresceram significativamente quando a moça engatou um novo namoro e evoluíram para o cancelamento virtual. De repente nada do que ela fazia ou representava tinha mais valor, tudo tinha se resumido à decepção que ela havia causado ao exército de justiceiros virtuais, os quais não mediram esforços para destruir sua imagem e transformar seus dias em um filme de terror.

Luísa relata que tem sofrido tanta opressão que foi preciso se afastar das redes sociais para lidar com a rejeição. Isso acontece porque em ambiente virtual a vida das pessoas é mostrada em recortes, com muita “maquiagem”, e para os seguidores as celebridades são incríveis, quase como semideuses que não podem errar. Esse comportamento é uma abstração seletiva, também conhecido como visão em túnel, no qual apenas um aspecto de uma determinada situação é realçada, principalmente o negativo, ignorando os aspectos positivos. Ele é apontado como gatilho para o agravamento de transtornos mentais, desde ansiedade, depressão, pânico, entre outros aspectos, o que invalida totalmente a boa intenção do início do movimento, que era exatamente combater injustiças e excessos através da exposição dos acusados.

Outra consequência grave dessa cultura persecutória e tirânica é a morte, como ocorreu com o jovem Lucas Santos de 16 anos mês de agosto de 2020. O garoto era filho de uma cantora de forró famosa em todo o Nordeste, Walkyria Santos, a qual foi surpreendida pelo corpo sem vida do seu filho ao chegar em casa, mais uma vítima do ostracismo na internet. Lucas cometeu suicídio porque não conseguiu lidar com a reprovação em massa que sofreu no seu Instagram, após ter postado um vídeo em que fingia beijar seu amigo. A própria vítima tentou se explicar em outro vídeo postado na rede dizendo que era uma brincadeira entre eles, mas a “chuva de hate” não deu espaço para entendimento, Lucas que já passava por problemas de depressão se viu tão menosprezado que o medo da rejeição o fez tirar a própria vida. O número de comentários reprovando sua possível homossexualidade assustou o adolescente que nem ao menos era uma celebridade da internet, o que mostra como o cancelamento se expandiu e agora pode afetar qualquer usuário da rede, mas principalmente causa espanto, pois o motivo do bloqueio do jovem citado é justamente algo que deveria combater, a homofobia. Logo, não se trata de um movimento que busca justiça, apenas, ele agora tomou outros caminhos. Sobre isso Bauman diz:

Tudo que o homem faz em seu mundo simbólico é uma tentativa de negar e sobrepujar seu destino grotesco. Ele literalmente se lança em um esquecimento cego por meio de jogos sociais, truques psicológicos, preocupações pessoais tão afastadas da realidade de sua situação que são formas de loucura: loucura aceita, compartilhada, disfarçada e dignificada, mas mesmo assim loucura. (BAUMAN, 1997 apud BECKER, 2009)

O que vemos aqui é uma prática perversa de perseguição por não correspondência de expectativas, evidenciando claramente o quanto as redes sociais podem ser danosas à saúde das pessoas, não só dos perseguidos, mas também dos perseguidores, pois estão evidenciando ainda mais o quanto estão doentes. A visibilidade conquistada com o ódio na internet virou um bom negócio, com isso, não se leva em consideração o mal que possa estar causando à saúde mental dos cancelados, desde que o cancelador ganhe curtidas, apoiadores e comentários condescendentes. É preciso estar atento ao excesso de ostracismo da cultura do cancelamento, algo que pode tornar as pessoas críticas demais e estimular a intolerância, isso não pode ser normalizado. Para os cancelados, o perigo é o sofrimento psíquico como consequência da represália e julgamentos, além disso, o medo do bloqueio na internet pode impulsionar a busca por uma perfeição incessante e inexistente impedindo as pessoas de aceitarem seus defeitos, frustrando-se por tentar e não conseguir a tão sonhada aceitação.

Não podemos negar o espaço de fala oportunizado a pessoas que normalmente não teriam voz na sociedade, espaço esse iniciado com o movimento *#MeToo*, embrião da cultura do cancelamento, mas é preciso separar bem as coisas. Usar a voz para combater injustiças sociais é altamente louvável, mas transformar um espaço como esse em ferramenta de tortura psicológica não é corre-

to nem saudável. Essa sociedade de alta performance que estamos vivendo precisa entender que punição sem espaço para revisão do erro é antipedagógico, não há verdadeira transformação sem espaço para amadurecimento e revisão de posturas. O hábito de cancelar tem impedido as pessoas de se reverem, de se desenvolverem, provocando seu adoecimento. Para que o uso das redes sociais possa ir além do entretenimento ou do uso capitalista e desumano é preciso fazer a correção dos excessos, criar redes de apoio às vítimas de ostracismo e ferramentas de combate ao ódio virtual.

6 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Longe de querer anular os efeitos positivos da cultura do cancelamento no combate a abusos e preconceitos que por muito tempo silenciou suas vítimas, o intuito dessa pesquisa é corrigir distorções dessa ferramenta chamada “cultura do cancelamento” para que ela possa trazer ainda mais resultados para a sociedade. Fazemos isso ao expor o caráter duplo que o movimento adquiriu quando passou a perseguir e torturar pessoas na internet, por motivos, muitas vezes, banais sem dar a elas o direito de rever suas posturas e identificar suas falhas, sem a possibilidade do diálogo.

Dessa maneira chamamos atenção para dois pontos específicos e muito perigosos, a manipulação da opinião do usuário das redes sociais pelos algoritmos, pois isso implica diretamente em seus julgamentos, e as consequências psicológicas que o cancelamento pode desencadear nas pessoas por conta do ostracismo desmedido.

Acreditamos que os canceladores estejam mexendo com algo íntimo do ser humano que é o medo do isolamento e por isso afeta tão profundamente seu comportamento.

Pelo fato de o tema da pesquisa ser ainda muito recente, sentimos falta de uma bibliografia mais específica que pudesse embasar nossas observações e por isso nos concentramos em uma análise preliminar, a qual pode e deve ser ampliada conforme mais estudos sejam realizados nesse campo.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. **Vigilância Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- BECKER, Ernest. **Sociedade individualizada**. Rio de Janeiro: Schwarcz, 2009.
- DEBORD, Guy. **Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2007
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: Nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 2011.
- MARTINS, José de Souza. **Linchamentos: justiça popular no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2015
- NEUMAN, Elizabeth Noelle. A espiral do silêncio: Opinião pública, in: **Nosso tecido social**. Florianópolis, SC: Estudos Nacionais, 1977.

MITO DA BELEZA NAS REDES SOCIAIS: INSTAGRAM E A CONSTRUÇÃO DA BELEZA

Alana Ághata Santos Porto¹

Camille Fernandes Souza¹

Kailane Oliveira Santos¹

Nanna Madalena Brito dos Santos¹

Magno Augusto Job de Andrade²

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo compreender como a beleza exposta nas redes sociais age sobre as mulheres. Para tanto foi feito uso da metodologia do estudo de caso em que o alvo de observação foi a influenciadora digital Gabi Martins e suas transformações físicas compartilhadas na rede social Instagram, juntamente com a repercussão desse processo através da mídia e das redes sociais. A abordagem teórica foi norteadada pelo conceito de **mito da beleza** proposto por Naomi Wolf (1992). Foi verificada a existência de pressões que a influenciadora Gabi sofreu para corresponder aos padrões de beleza em uso nas redes sociais, sua dificuldade em alcançar esses padrões ideais e irreais de beleza, bem como seu papel para a reprodução desses padrões como influenciadora digital.

Palavras-Chave: Mito da beleza. Padrões de beleza. Influenciadoras digitais. Redes sociais.

ABSTRACT

This work aims to understand how the beauty exposed on social networks acts on women. For this purpose, was used the case study methodology, involving the digital influencer Gabi Martins and her physical transformations shared on the social network Instagram and the repercussion of this process through the media and social networks. The theoretical approach was guided by the concept of **beauty myth** proposed by Naomi Wolf (1992). It was verified the existence of pressures that this influencer suffered to correspond to the beauty standards in use in social networks, her difficulty in reaching these ideal and unreal standards, as well as her role in the reproduction of these standards as a digital influencer.

Keywords: Beauty myth. Beauty patterns. Digital influencers. Social networks.

1 APRESENTAÇÃO

Adolescentes e jovens estão cada vez mais expostos às redes sociais, nas quais se pode observar uma beleza construída artificialmente por meio de vários procedimentos estéticos e tecnológicos. Diante dessa constatação, surgiu a necessidade de compreender um pouco mais a respeito da relação entre essa beleza que é exposta nas redes sociais e as maneiras que os usuários dessas redes são afetados.

Inicialmente foi realizado um levantamento de estudos que abordassem as relações entre essa beleza posta/imposta/exposta (ou difundida) nas redes sociais e a ansiedade gerada em jovens para

1. Concluinte do Ensino Médio no Colégio Batista Taylor-Egídio, 2021.

2. Professore orientador, Bacharel em Música pela UFBP, Mestre em música e Especialista em educação musical UFRN.

corresponder a esses padrões de beleza. Ao longo das leituras chegou-se ao conceito do *mito da beleza* apresentado por Naomi Wolf (1992). Esse conceito possibilitou articular as representações de beleza que são observadas nas redes sociais e as diferentes formas de pressão a que mulheres são submetidas para alcançar um ideal de beleza. Esse conceito também permitiu pensar nestas questões em relação ao trabalho, ao mercado e à mídia.

Dessa forma, buscou-se compreender a questão da beleza nas redes sociais através do conceito do *mito da beleza* (WOLF, 1992), usando para isso um estudo de caso a partir de uma influenciadora digital Gabi Martins que atua na rede social *Instagram*, a qual chamou a atenção pelas suas transformações físicas que ocorreram em um curto período e tiveram uma forte repercussão, causando espanto na mídia e em seus seguidores.

Neste trabalho, o objetivo principal é compreender como a beleza exposta nas redes sociais age sobre as mulheres. O recorte escolhido são mulheres jovens e adolescentes que usam as redes sociais como referência para informações, moda, produtos e comportamento. Como objetivo específico procurou-se compreender se essas jovens sofrem pressões para se adequar aos padrões de beleza em vigor na rede social *Instagram* e quais consequências podem advir a partir dessa possível adequação.

2 INSTAGRAM E O MITO DA BELEZA

O *Instagram* é a terceira rede social mais utilizada no Brasil (BOCARD, 2021), na qual é possível postar vídeos e fotos do cotidiano, compartilhando e observando conteúdos postados por outras pessoas, instituições e empresas, muitos desses relacionados ao estilo de vida. Segundo Torres (2009) as redes sociais são “sites onde as pessoas se cadastram, registram seus dados pessoais, nos chamados perfis, e podem se relacionar com outras pessoas, publicando fotos, enviando mensagens e criando listas de amigos.” (TORRES 2009, p. 74). O público do *Instagram* é gigantesco e abrange todas as idades, mas os maiores fãs da rede são os mais jovens (D’ANGELO, 2021).

Nas redes sociais atuam os *digital influencers* ou influenciadores digitais, pessoas que agem nas redes gerando engajamento com suas postagens e influenciando o comportamento e as escolhas de seus seguidores. Cruz (2011, p. 37) observa que influenciadores digitais são “pessoas que têm grande poder de verbalização e oportunidade de dizer o que pensam para um grupo expressivo de pessoas”. Em muitas dessas postagens está contido um ideal de beleza, principalmente, sobre o corpo feminino, criando representações que contribuem na formação do ideal de beleza.

Essa influência digital é usada como vitrine para diversos produtos e serviços, os quais muitas vezes financiam os influenciadores, tornando essa atividade cada vez mais bem paga e evidenciada (CAMPOS, FARIA e SARTORI, 2019). Ao se expor publicamente nas redes sociais as influenciadoras negociam e modelam sua imagem, que funciona como um capital nesse meio (WOLF, 1992) com o qual adquirem seguidores e engajamento na forma de *likes* (ou curtidas), compartilhamentos e comentários.

A abordagem proposta por Naomi Wolf (1992) parece adequada pois essa autora articula as representações e comportamentos que envolvem diversos aspectos relacionados à beleza feminina. Segundo essa autora o mito da beleza age nas mulheres como uma “necessidade artificialmente provocada de corresponder a um modelo idealizado de mulher” (WOLF, 1992, p. 3). Ainda segundo Wolf (1992):

As qualidades que um determinado período considera belas nas mulheres são apenas símbolos do comportamento feminino que aquele período julga ser desejável. O mito da beleza na realidade *sempre determina o comportamento*, não a aparência. (WOLF, 1992, p. 17, destaques da autora).

Através do conceito de *mito da beleza* é possível perceber uma dimensão de idealização, que não corresponde a uma estética única pré-definida, mas a um conjunto de representações que implicam também em comportamentos. Como tal, o conceito nos permite percebê-lo nos discursos e práticas relativas à busca pelo ideal, e nos comportamentos das pessoas para corresponder a esses

padrões, pois esses comportamentos refletem “a necessidade de corresponder a um modelo idealizado” (WOLF, 1992, p. 3). A autora desenvolveu seu estudo a partir da mídia impressa em revistas femininas nas décadas de 1940 a 1980, atualmente, percebe-se que o papel que a autora atribui às revistas femininas é realizado em nosso meio pelas redes sociais.

3 TRANSFORMAÇÕES E REPERCUSÕES: GABI MARTINS ANTES E DEPOIS

Neste trabalho foi realizado um estudo de caso sobre a repercussão das cirurgias plásticas realizadas pela cantora e ex-participante do programa Big Brother Brasil 2020 Gabi Martins, realizadas entre janeiro e maio de 2021. Esse trabalho destaca a observação dessas mudanças corporais e suas relações com o mito da beleza através dos relatos de Gabi Martins como influenciadora digital e as repercussões documentadas no meio digital relativas a esses processos de mudança. Nos seguidores estas rápidas transformações provocaram grande estranhamento em virtude de resultarem em uma mudança drástica da aparência.

Esse caso em particular foi considerado relevante, significativo e de grande interesse pelo impacto que causou no grupo, pela repercussão nos meios digitais e por se relacionar com a busca pelo ideal de beleza que é muito difundido entre jovens.

Figura 1 - Gabi Martins, rosto antes e depois. Gabi Martins em novembro de 2020 e em maio de 2021.



Foto: Reprodução/Instagram

Figura 2 - Gabi Martins, corpo antes e depois

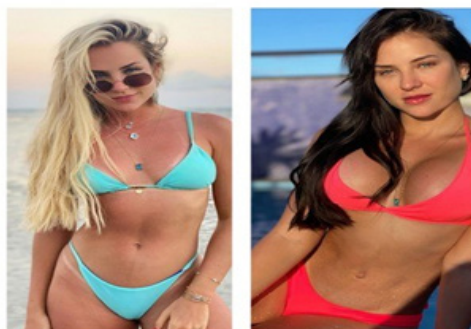


Foto: Reprodução/Instagram

Gabi Martins é cantora, compositora e *influencer*, nascida no ano de 1996, em Belo Horizonte – MG. Iniciou sua carreira como cantora profissional em 2015 (MARTINS, 2020), porém só ficou conhecida nacionalmente após participar do reality show da TV Globo - BBB (Big Brother Brasil 2020). Gabi Martins entrou no programa BBB 2020 com aproximadamente 1,1 milhão de seguidores, e após a sua saída do reality, o número de seguidores aumentou, chegando a 7,4 milhões de pessoas.

Atualmente ela possui 12 milhões de seguidores que acompanham o trabalho e um pouco da vida da cantora (NALIN, 2020).

Entre os meses de janeiro a maio de 2021, a cantora realizou diversos procedimentos estéticos como a harmonização facial³, lipoaspiração⁴, preenchimento labial⁵, aplicação de silicone⁶ e rinomodelação⁷ (CASTRO, 2021; R7 BELEZA, 2021), muitos desses procedimentos são bastante comuns entre celebridades.

A repercussão chamou muita atenção, pelo fato de Gabi Martins ter modificado seu corpo a ponto de seus fãs ficarem chocados por não reconhecerem a ex-BBB. “Apesar de ter recebido elogios de seus fãs, a cantora foi criticada por muitos internautas” (CASTRO, 2021).

O seu nome foi parar na 10ª posição no *Trend Topics* (destaques) da rede social *Twitter*, onde um internauta fez um trocadilho, chamando a harmonização facial de ‘demonização facial’. Outro usuário comentou:

‘Gabi Martins do BBB fez harmonização? Mano, essa menina era tão bonita. Certeza que esse procedimento apareceu para acabar com as pessoas’, opinou a internauta Mariana (CASTRO, 2021).

Em suas redes a influenciadora relata pressões e cobranças com relação a sua aparência física:

‘Tive algumas pessoas que trabalharam comigo, empresários, que simplesmente falavam que eu tinha que ficar magra, que não podia ter a perna grossa para aparecer na TV... Para eles, meu corpo nunca estava bom’ (CASTRO, 2021).

‘Hoje, sou muito feliz comigo e com o meu corpo, aprendi a me aceitar e qualquer mudança que eu faça é por mim, e não pelos outros, porque sei que nunca vou alcançar o padrão que as pessoas estabelecem’ (UOL, 2021).

Ela afirmou ter ficado satisfeita com as mudanças que havia feito, e alega não ter se importado com os comentários recebidos. (DIAS, 2021).

‘Curti bastante o resultado. Aprendi, durante todos esses meses com Internet, a lidar com as críticas. As construtivas eu levo para a minha vida para evoluir e as negativas procuro abstrair e focar no trabalho e minha fé em Deus. Sei que tenho o propósito de trazer alegria e amor para as pessoas e têm dias que não vão ser legais e as pessoas vão criticar. Graças a Deus estou acostumada com isso e recebo muito mais amor dos meus fãs’. (BAZOLLI, 2021).

‘Foi para me agradar e me sentir bem. Fiquei com a aparência de mais madura, mas acho que isso se deve ao momento que estou vivendo. Já tinha me transformado internamente e essa mudança foi para deixar isso externo. E quando você faz por você, não se incomoda com o que falam. Então, deixa que fale.’ diz Gabi Martins (DIAS, 2021).

4 GABI E O MITO DA BELEZA

Com relação às transformações físicas pela qual passou Gabi Martins, para Wolf (1992), a questão não está em se submeter a cirurgias ou evitar, mas sim a falta de opção, ou seja, ao ser colocada nesse tipo de situação, a mulher é “pressionada a corresponder a um modelo idealizado” (WOLF, 1992, p. 3). No caso de Gabi, percebe-se claramente essas pressões quando menciona a cobrança para ficar magra e qual o padrão de beleza era esperado que ela alcançasse. Ela cita explicitamente

3. É um conjunto de procedimentos estéticos combinados para melhorar a harmonia do rosto, transformando os traços e tratando o envelhecimento facial.

4. É uma cirurgia plástica indicada para retirar o excesso de gordura localizada numa determinada área do corpo. (FRAZÃO, 2021)

5. É um procedimento estético para aperfeiçoar o formato dos lábios.

6. O procedimento pode ser associado ao implante de silicone, ou seja, a mastopexia com prótese.

7. Já a rinomodelação é um procedimento minimamente invasivo, feito com injeções de preenchedores (com ácido hialurônico e hidroxiapatita de cálcio).

peças com quem trabalhou que chegaram a fazer críticas ao seu corpo, tentando “moldá-la” para se encaixar a esse padrão.

Percebe-se também a vulnerabilidade pela qual passa a influenciadora quando a sua identidade tem como base a sua beleza. Para Wolf (1992, p.13):

o que é mais instigante, a nossa identidade deve ter como base a nossa “beleza”, de tal forma que permanecemos vulneráveis à aprovação externa, trazendo nosso amor-próprio, esse órgão sensível e vital, exposto a todos.

Essa condição fica evidente muitas vezes na fala de Gabi, bem como as relações com a sua identidade, sua percepção de beleza e sua autoaceitação:

‘Teve uma época em que tive até depressão por causa disso. Eu pesava realmente muito pouco, tentando me adequar a esse padrão. Na época, me sentia gorda, ‘quadrada’, não gostava de mim...’ (UOL, 2021)

‘Foi para me agradar e me sentir bem. Fiquei com a aparência de mais madura, mas acho que isso se deve ao momento que estou vivendo. Já tinha me transformado internamente e essa mudança foi para deixar isso externo.’ (DIAS, 2021).

Também se percebe nas falas da influencer as contradições em atribuir as pressões sofridas como sendo externas, na forma de cobranças feitas por pessoas que trabalham com ela e logo em seguida, a justificativa de que suas mudanças ao que ela faz “por ela mesma” para se sentir bem.

Nesse sentido o mito da beleza se torna muito nocivo porque segundo Wolf (1992) tem o poder de controlar as mulheres de uma maneira que outras formas de controle já não o fazem. Esse controle que se dá de forma externa também se dá internamente por meio da autocobrança.

Na visão de Wolf, “quanto mais perto do poder as mulheres chegam, maiores são as exigências de sacrifício e preocupação com o físico (1992, p.32)”. Nesse caso, o poder está ligado à visibilidade que tem a influenciadora e quanto maior a visibilidade (e seu alcance) maiores as cobranças.

Cabe destacar que a influenciadora chega a perceber que esse padrão ideal é inalcançável:

‘Para eles, meu corpo nunca estava bom’ (CASTRO, 2021).

‘Ninguém nunca está satisfeito. Te julgam pela falta, pelo excesso.’ (REDAÇÃO VEJA, 2021).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse trabalho observou-se como a beleza nas redes sociais pode agir sobre as mulheres através do caso da influencer Gabi Martins. Percebeu-se a beleza como uma *necessidade artificialmente* imposta através das pressões e preocupações da influencer em corresponder a um ideal de beleza. Verificou-se que são grandes as pressões sobre as mulheres para se adequarem a padrões vigentes. Essas pressões podem ser tanto externas, por meio de pessoas que apontam a inadequação em relação aos padrões vigentes, quanto internas no caso em que a mulher para se sentir bem precisa perceber-se adequada a determinados padrões de beleza.

Como consequências dessas pressões observou-se que esse ideal foi perseguido através de procedimentos estéticos. Outra consequência foi que a urgência em corresponder a esses ideais da forma rápida possível por meio dos referidos procedimentos tornou a influenciadora quase irreconhecível e, em muitos seguidores, acabou causando um efeito contrário ao desejado.

Uma rápida busca na plataforma Google pelos termos “influenciadoras digitais e cirurgias plásticas” nos revela uma grande quantidade de reportagens relacionando a rede social Instagram ao aumento no número de cirurgias plásticas e a necessidade de corresponder ao ideal de beleza reproduzido nessa rede. Mesmo os filtros aplicados nas fotos pela rede social são objetos de desejo perseguidos através de procedimentos estéticos. Também podemos perceber cotidianamente nos meios de comunicação muitos casos de mulheres comuns e influenciadoras que sofrem grandes complicações, muitas vezes fatais, por causa de procedimentos estéticos. No entanto esses desdobramentos

e aprofundamentos não puderam ser abordados nesse trabalho. Da mesma forma, existem diversos relatos e estudos associando o Instagram com a ansiedade em jovens que podem ser relacionados aos padrões de beleza nessa rede social e que também não foram abordados aqui.

A influenciadora, embora seja mais uma vítima desse padrão de beleza em vigor nas redes sociais, também contribui através do seu trabalho para reprodução de padrões irreais de beleza e divulga, propositalmente ou não, procedimentos estéticos, muitas vezes arriscados, que prometem aos usuários alcançar esses padrões.

Após esse trabalho ainda alguns questionamentos: Até que ponto a opinião ou desejo reflete a consciência da pessoa e não as influências a ela impostas? Como estas transformações estéticas afetam a identidade do indivíduo? De que maneira estas transformações poderiam levar alguém a não reconhecer a si próprio ou a não ser reconhecido?

Diante do que foi exposto, espera-se ter contribuído para discutir relações entre as mídias sociais e suas influências sobre os comportamentos e padrões de beleza.

REFERÊNCIAS

BAZOLLI, Ana Paula. Ex-BBB Gabi Martins, falou que abstrai mensagens negativas e segue fazendo seu trabalho da melhor maneira. **GSHOW**. Maio de 2021. Disponível em: <https://gshow.globo.com/Famosos/noticia/gabi-martins-esta-satisfeita-com-harmonizacao-facial-e-nao-liga-para-criticas-eu-adorei-e-o-tierry-tambem.ghml>. Acesso em: 28 jul. 2021.

BOCARD, Taysa. Top 10 aplicativos mais baixados no mundo em 2021,2020. Usemobile. **Minas Gerais**, 30 de junho de 2021. Disponível em: <https://usemobile.com.br/aplicativos-mais-baixados/>. Acesso em: 26 de jul. 2021.

CAMPOS, Gabriela Rocha, FARIA, Hila Martins Campos e SARTORI, Isabela Duarte. Cultura da estética: o impácto do Instagram na subjetividade feminina. **Cadernos de Psicologia**, Juiz de Fora, v. 1, n. 2, p. 310-334, ago./dez. 2019.

CASTRO, Daniel. Internautas reprovam visual ‘harmonizado’ de Gabi Martins: ‘Demonização facial’. Notícias da TV. São Paulo, 11 de maio de 2021. Disponível em: <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/celebridades/internautas-reprovam-visual-harmonizado-de-gabi-martins-demonizacao-facial-57220>. Acesso em: 14 jul. de 2021.

CRUZ, M. A mídia e os formadores de opinião no processo democrático. **Ponto-e-Vírgula. Revista de Ciências Sociais**. [S.l.], n. 9, mar. 2011. Disponível em: <https://goo.gl/3DLQS7>. Acesso em: 25 maio 2021.

D'ANGELO, Pedro. Pesquisa sobre o Instagram no Brasil: dados de comportamento dos usuários, hábitos e preferências no uso do Instagram. **OPINION BOX**. 18 de Janeiro de 2021. Disponível em: <https://blog.opinionbox.com/pesquisa-instagram/>. Acesso em: 27 jul. 2021.

DIAS, Leo. Gabi Martins após críticas a procedimentos estéticos: “Deixa que falem”. **Metrópoles**. Brasília, 15 de maio de 2021. Disponível em: <https://www.metropoles.com/colunas/leo-dias/gabi-martins-apos-criticas-a-procedimento-estetico-deixa-que-falem>. Acesso em: 22 jul. 2021.

FRAZÃO, Dr. Arthur. Lipoaspiração: O que é, como é feita e como se preparar para a cirurgia. **TUA SAÚDE**. Janeiro de 2021. Disponível em: <https://www.tuasaude.com/lipoaspiracao/>. Acesso em: 26 jul. 2021.

MARTINS, Gabi (verbete). **Famous Birthdays**. Disponível em: <https://pt.famousbirthdays.com/people/gabi-martins.html>. Acesso em: 21 de jul. de 2020.

NALIN, Carolina. Um mês após o ‘BBB20’, ex-participantes triplicam número de seguidores; veja ranking. **EXTRA**. Maio de 2020. Disponível em: <https://extra.globo.com/tv-e-lazer/um-mes-apos-bbb20-ex-participantes-triplicam-numero-de-seguidores-veja-ranking-24447304.html>. Acesso em 28 jul. de 2021.

REDAÇÃO, VEJA São Paulo. Gabi Martins aparece com o rosto diferente e é criticada e manda indireta. **VEJA SÃO PAULO**. SÃO PAULO, 11 maio 2021. Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/blog/pop/gabi-martins-rosto-diferente-polemica-internet/>. Acesso em: 26 de julho 2021.

R7 BELEZA. De silicone a lipo, veja intervenções eestéticas de Gabi Martins. **R7 BELEZA**. Disponível em: <https://lifestyle.r7.com/beleza/fotos/de-silicone-a-lipo-veja-intervencoes-esteticas-de-gabi-martins-28042021>. Acesso em: 21 jul. 2021.

TORRES, Cláudio. **A bíblia do marketing digital**. 1ª edição. São Paulo: Novatec, 2009.

UOL. Ex-BBB Gabi Martins defende procedimentos estéticos após harmonização. **Famosos**. São Paulo, 31 de maio de 2021. Disponível em : <https://tvefamosos.uol.com.br/noticias/redacao/2021/05/31/gabi-martins-defende-procedimentos-esteticos-apos-harmonizacao-criticada.htm>. Acesso em: 14 jul. 2021.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza**: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. 1ª edição. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

MULHERES E NARCOTRÁFICO: GÊNERO, VITIMIZAÇÃO E PROTAGONISMO

Brenda Lemos Miranda¹

Guilherme Costa Araújo Vaes¹

Lara Giovanna pelagatti¹

Vitor Borges Silva¹

Wesley Silva Reis¹

Magno Augusto Job de Andrade²

Cleomar Felipe Cabral Job de Andrade³

RESUMO

Esse trabalho buscou os motivos que levam as mulheres a ingressarem e permanecerem na rede do tráfico de drogas. Foi utilizado o método de revisão integrativa de literatura, que selecionou cinco artigos científicos sobre o tema para o levantamento de dados. Na reflexão teórica, ao considerar o gênero como norteador nessas relações, percebeu-se em diferentes abordagens, a visão da mulher como vítima e protagonista de suas histórias. Foram destacados alguns aspectos, a partir dos artigos - a dimensão financeira, a afetividade, a identidade, a realidade social – que possibilitaram perceber o quanto essas esferas estão interligadas para inserção e permanência das mulheres no tráfico de drogas. A sociedade, a estrutura familiar, as relações de poder, fatores econômicos e questões pessoais motivam essas mulheres a viverem uma realidade de crime.

Palavras-chave: Narcotráfico. Drogas. Mulheres. Gênero.

ABSTRACT

His study searched the reasons that lead women to enter and remain in drug trafficking network. An integrative bibliographic review was used, which selected five scientific articles on the topic for data collection. In the theoretical reflection, when considering gender as a guide in these relationships, different approaches were perceived, the view of women as victims and protagonists of their stories. Some aspects were highlighted, from the articles - the financial part, the affectivity, the identity, the social reality - that made it possible to perceive the extent to which these spheres are interconnected for the insertion and permanence of women in drug trafficking. Society, family structure, power relations, economic factors and personal issues motivate these women to live a reality of crime.

Keywords: Drug trafficking. Drugs. Women. Genre.

1. Concluinte do Ensino Médio no Colégio Batista Taylor-Egídio, 2019.

2. Professor orientador, Bacharel em Música pela UFBP, Mestre em música e Especialista em educação musical pela UFRN.

3. Professora coorientadora convidada. Cientista social e doutora em Sociologia pela UFPB; pesquisadora filiada à Associação Brasileira de Pesquisadores Negros e professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano - IFBaiano.

1 INTRODUÇÃO

Queríamos abordar, a priori, um assunto que fosse de interesse mútuo por todos os integrantes do grupo, então, quando o tema “narcotráfico” foi proposto na equipe, surgiram diversas curiosidades sobre esse assunto que não é tão abordado na escola, nem em nosso contexto social. Tendo em vista que a maioria do grupo conhecia, através da série cinematográfica *Narcos4*, sobre a vida de Pablo Escobar (um dos maiores narcotraficantes do mundo e fundador do principal cartel da Colômbia), esse ponto orientou a escolha do tema Narcotráfico e o caminho que iríamos trilhar durante a escrita do artigo.

Narcotráfico tem por definição o comércio ilegal de drogas ilícitas. Na etimologia, o termo narcotráfico deriva da palavra Narco (do grego *nárke*, que remete ao estado estuporoso ou de entorpecimento) + tráfico (do italiano *traffico*, ação de traficar, de comprar, negociar, de comercializar. A palavra narcotráfico sofreu influência do inglês *narcotraffic*. (NARCOTRÁFICO, 2020).

Vale destacar também que, durante o período entre o século XVI e século XVIII, a palavra holandesa *droog*, que provavelmente deu origem ao termo “droga”, era utilizado para se referir a produtos naturais que eram destinados a cura de enfermidades e a gastronomia. (CARNEIRO, 2005, p. 11).

Desse modo, droga é qualquer substância que, introduzida no organismo, interfere no seu funcionamento.

O que varia é como atua no organismo de cada indivíduo, bem como a finalidade, pois, quando a droga é empregada com finalidade terapêutica, ela passa a denominar-se medicamento. Portanto, todo medicamento é droga, mas nem toda droga é medicamento. (OMS, 1993, p. 69-82).

No século XIX, Portugal, França e a Inglaterra emergiram como potências ocidentais, resultado de duas grandes guerras, que forneciam a droga ao governo imperial chinês, com o comércio do ópio, droga derivada a partir da papoula. A China saiu derrotada nas duas guerras do ópio, que ocorreram entre 1839-1842 e 1856-1860. (G1, 2014).

Ao longo do século XX, surgiram as cruzadas antidrogas, assumidas pelos Estados Unidos, impondo a outros países convenções que originariam a chamada Guerra às Drogas, essa política que buscava a proibição estava na origem do comércio ilegal dessas substâncias, denominado mais tarde como narcotráfico. (G1, 2014).

Em nosso trabalho será adotado o conceito de narcotráfico, com base na visão dos autores Procópio Filho e Vaz (1997), como um fenômeno com essência transnacional, tendo sua dinâmica de lucro sob as leis da oferta e demanda, ou seja, comércio de substâncias consideradas ilícitas pelo governo. Destaca-se também como marco temporal os anos setenta, no aumento do consumo e do tráfico desenfreado de tóxicos, o que levou à formulação de uma estratégia internacional de fiscalização do uso indevido de drogas entre os anos de 1982 e 1986, aspectos que serão retomados nesse artigo.

Durante as leituras, fomos aos poucos afinando o tema central da pesquisa, pois apareceu em pauta a figura feminina no âmbito criminal. A partir dessa inquietação, ao observarmos que a figura feminina se tornava bastante invisibilizada e reduzida a papéis fixos nesse meio, foi de nosso interesse pesquisar os motivos que levam as mulheres a ingressarem e permanecerem na rede do tráfico de drogas no Brasil.

2 MATERIAIS E MÉTODOS DE PESQUISA

Para atingir os objetivos deste estudo foi utilizado o método de Revisão Integrativa da Literatura. Este método se concentra em uma ampla e rigorosa síntese de estudos que abordam o problema a ser investigado (SOUZA; SILVA; CARVALHO, 2010). Para realizar este tipo de estudo, de acordo com

4. *Narcos*. Direção: José Padilha. Produção de Gaumont International Television. Estados Unidos: Netflix, 2015.

Mendes; Silveira; Galvão (2008), faz-se necessário seguir essas etapas: Primeira: identificação do tema, seleção da questão para revisão. Segunda: estabelecimento de critérios para inclusão e exclusão de estudos/ amostragem ou busca na literatura. Terceira: definição das informações a serem extraídas dos estudos selecionado. Quarta: categorização dos dados obtidos. Quinta: avaliação dos estudos selecionados. Sexta: apresentação da revisão/síntese do conhecimento.

Diante do objetivo da pesquisa, surgiram as seguintes questões norteadoras: Quais motivos levam as mulheres brasileiras a ingressarem na rede do tráfico de drogas? Quais motivos levam as mulheres a permanecerem na rede do tráfico de drogas no Brasil?

Para responder essas questões, foi adotado um levantamento com o buscador acadêmico (Google Acadêmico), de artigos científicos disponíveis na Biblioteca Científica Eletrônica Online (SciELO), utilizando para a busca as palavras: “Narcotráfico”, “Narcotráfico no Brasil” e “Mulheres no tráfico”. Após ser encontrado 178.800 artigos científicos, foram excluídos todos os artigos que não atendiam aos critérios de inclusão. Os critérios de inclusão utilizados foram: textos completos, disponíveis online, no idiomas português, outro critério adotado foi haver o descritor no título do trabalho, com o intuito de garantir a seleção de estudos que tivessem o narcotráfico e a participação feminina como foco principal, resultando em 20 artigos selecionados. Diante do escopo desse trabalho, foram escolhidos 5 artigos para análise, que abordavam diferentes perspectivas envolvendo mulher e narcotráfico, tais como encarceramento, julgamento, vitimização, protagonismo, identidade, gênero e resistência.

3 NARCOTRÁFICO NO BRASIL

O tema “narcotráfico” constitui um assunto ainda novo no contexto político, quanto objeto de estudo científico, no entanto, isso não impediu a formação de uma base de preocupação que vem despertando a atenção das autoridades governamentais e da própria sociedade. (PROCÓPIO FILHO; VAZ, 1997). Em 1976, o Brasil começava a criar suas leis para o combate às drogas no âmbito nacional. O país se inseriu no contexto de transformação do cenário, apresentando um ligeiro aumento no número de narcotraficantes, crime organizado e violência, tanto nas cidades quanto na zona rural, dando início à “militarização” no combate às drogas (BRASIL, 1993).

Dessa forma, no Brasil o narcotráfico e o uso de drogas foram tratados como uma questão de ordem legal e médica. Com isso, os principais aparelhos do Estado para abordar os problemas vinculados às drogas foram as forças policiais, os tribunais e as instâncias ligadas à saúde. Vale ressaltar, que “nos anos setenta, o que se havia no Brasil em relação ao narcotráfico era a proibição do consumo de drogas, porém não existia ainda uma ênfase à prevenção e à contenção do tráfico interno.” (ZALUAR, 1994).

Durante o governo de Fernando Henrique Cardoso (1995-2002), a política externa brasileira tinha como principal objetivo manter o país afastado dos Estados Unidos, contudo, em abril de 1995, foi assinado o “Acordo de Combate ao Narcotráfico”, oficializando a atuação de agências norte-americanas no Brasil, como a Drug Enforcement Administration (DEA) e a Central Intelligence Agency (CIA), sob controle da Polícia Federal. (PROCÓPIO; VAZ; COSTA, 1997).

Em 1998, em Washington, foi criado o primeiro órgão militar para o combate às drogas. Logo esse projeto veio para o Brasil para militarizar a Secretaria Nacional de Políticas Antidrogas (SENAD)⁵. Esse órgão era responsável por coordenar ações de repressão ao narcotráfico nacional. Portanto a SENAD tirava da Segurança Pública o poder de combate aos narcóticos e transferia para uma esfera mais militar. (BRASIL, 1999).

É importante enfatizar que, segundo dados do Jornal Eletrônico G1 (2014), com a aplicação da Lei de Drogas de n. 11.343, em 2006 até o ano de 2015, houve um aumento de 339% de presos por tráfico de drogas no Brasil. Em 2006, eram 31.520 presos por tráfico nos presídios brasileiros e, em junho de 2013, esse número passou para 138.366. Ainda segundo o jornal eletrônico, “a Nova Lei de

5. No governo de Lula da Silva (2003-2010), o nome da SENAD foi modificado para Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas - ver melhor sobre essas mudanças em Rodrigues (2012).

Drogas, por não distinguir usuário de traficante (os dois são presos), faz com que haja uma superlotação nas cadeias, diminuindo a eficácia do sistema carcerário.” (G1, 2014).

Durante o governo da presidenta Dilma Rousseff foi assinada a autorização da Operação de Garantia da Lei e da Ordem no Complexo da Maré, essa operação tinha o objetivo de manter a paz naquela região e ainda preservar a ordem pública, tentando diminuir as ações dos traficantes naquela comunidade. A operação teve um significativo número de prisões e apreensões de drogas, tendo sido 583 prisões, 228 apreensões de menores infratores. (G1, 2014).

A lei proibicionista nacional sofre forte influência do modelo norte-americano que por meio de Convenções Internacionais impôs um sistema rígido ao consumo e tráfico de substâncias ilícitas e uma forte ajuda externa para o combate do narcotráfico, levando ao sistema atual que atribui: erradicação da produção de drogas ilícitas e redução do consumo, mediante um suposto incremento da proteção à saúde pública. (ZAFFARONI, 1991).

O modelo utilizado não mostra tanta eficácia pois ele viola o princípio garantista⁶ e impõe um modelo baseado no ideal de abstinência em relação ao consumo de um narcótico, visto que a demanda para o uso pessoal é muito alta, uma vez que possui milhares de pessoas prontas para distribuir, se tornando algo incontrolável perante a lei. O Art. 33, da Lei de nº 11.343/06, estabelece que

importar, exportar, remeter, preparar, produzir, fabricar, adquirir, vender, expor à venda, oferecer, ter em depósito, transportar, trazer consigo, guardar, prescrever, ministrar, entregar a consumo ou fornecer drogas, ainda que gratuitamente, sem autorização ou em desacordo com determinação legal ou regulamentar: Pena - reclusão de 5 (cinco) a 15 (quinze) anos e pagamento de 500 (quinhentos) a 1.500 (mil e quinhentos) dias-multa. (BRASIL, 2006).

Percebe-se que não há critérios que diferenciam as penas por categorias (usuário, traficante e produtor), por isso essa lei se torna muito ampla e com diversos espaços para ser interpretada da maneira sob a qual o tribunal entender. Desse modo, a lei de Drogas vem se tornando a lei que mais encarcera mulheres no Brasil. (GOMES, 2010).

4 MULHERES E NARCOTRÁFICO

A relação entre sexo biológico e a construção social, até hoje, continua sendo problematizada em trabalhos científicos. Pensar na participação da mulher no narcotráfico nos remete a compreender a categoria de gênero. Diferentemente do conceito biológico, o gênero é a construção social atribuída ao sexo, que pode ser definido como aquilo que diferencia e identifica os homens e as mulheres. (CURCIO, 2016)

Foucault (1979) ainda acrescenta que alguns conteúdos da biologia e da fisiologia puderam servir de “princípio de normalidade” à sexualidade humana, tendo em vista que

a noção de sexo permitiu agrupar, de acordo com uma unidade artificial, elementos anatômicos, funções biológicas, condutas, sensações e prazeres, e permitiu fazer funcionar esta unidade fictícia como princípio causal, sentido onipresente, segredo a descobrir em toda parte: o sexo pôde, portanto, funcionar como significante único e como significado universal. (FOUCAULT, 1979, p. 144-145)

Por outro lado, o termo “gênero” é compreendido como aquilo que diferencia socialmente as pessoas, considerando os padrões histórico-culturais designados para homens e mulheres. Ao tratar de papéis sociais, o gênero torna-se como algo em constante mutação que pode ser construído e desconstruído ao longo do tempo (SCOTT, 1995 apud CURCIO, 2016, p. 55).

Se para Foucault (1979), o sexo é uma unidade artificial e fictícia, para Butler (2003), o sexo é uma construção discursiva e cultural como o gênero e, ainda acrescenta, que a identidade é “perfor-

6. A expressão garantismo foi introduzida no léxico jurídico no contexto italiano dos anos 1970, mais especificamente no âmbito do Direito Penal, muito embora possa ser estendida a todo o sistema de garantias dos direitos fundamentais. A chamada “teoria geral do garantismo” passa a exigir uma interpretação (e aplicação) das normas conforme a Constituição (BRASIL, 1988).

mativamente constituída”. Essa compreensão de gênero como efeito, como um fenômeno inconstante e contextual, será importante para entendermos a mulher no narcotráfico. Foi elaborado um quadro para visualização e sistematização do material selecionado. Vejamos o quadro abaixo.

Quadro 1 – Artigos científicos organizados segundo título, ano de publicação, nome dos autores, resultados/conclusões dos periódicos

TÍTULO / ANO	AUTORES	COMO AS MULHERES TRAFICANTES SÃO VISTAS	MOTIVOS DE INGRESSO DAS MULHERES NO TRÁFICO	MOTIVOS DE PERMANÊNCIA OU SAÍDA DAS MULHERES NO TRÁFICO
MULHERES NO TRÁFICO DE DROGAS: RE-TRATOS DA VITIMIZAÇÃO E DO PROTAGONISMO FEMININO/2016.	Mariana Barcinski; Sabrina Daiana Cúnico.	Diferentes de serem vistas “ora como vítimas passivas, ora como indivíduos finalmente emancipados das amarras culturais e sociais” (p. 62) as mulheres são vistas como portadoras de trajetórias complexas.	“[...] busca pelo poder e o desejo de se sentir temida e poderosa.” (p. 64). “[...] distinção em relação a outras mulheres traficantes. Além do aspecto financeiro, que ela apresenta como uma das principais razões por ter optado pelo ingresso no tráfico, [...] ‘eu achava diferente uma mulher – a gente praticamente não via nenhuma mulher no tráfico. Aí os garotos também já gostavam” (p. 66).	“[...] serem reconhecidas como “traficantes de verdade” (como os homens), as mulheres experimentavam o prazer, o prestígio e o poder tradicionalmente destinados aos homens.” (p. 67) As autoras não especificam motivos de permanência, mas focam no prazer que as mulheres sentem ao portar o status destinado aos homens.
AS MULHERES E O TRÁFICO DE DROGAS: LINHAS SOBRE OS PROCESSOS DE CRIMINALIZAÇÃO DAS MULHERES NO BRASIL/2015	Monique Elba Marques de Carvalho Sampaio de Souza	A mulher é vista de um ponto de vista seletivo de acordo com o seu papel social: “[...] o sistema duplica o processo de seletividade, havendo uma positiva e uma negativa” (p. 23).	“Os estudos permitiram concluir que há uma multiplicidade de motivações que levam as mulheres a ingressarem no tráfico de drogas, tais como a dificuldade financeira e a vinculação afetiva com algum traficante, seja de amor, seja de medo.” (p. 5).	Não abordado.

CENTRALIDADE DE GÊNERO NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE MULHERES ENVOLVIDAS NA REDE DO TRÁFICO DE DROGAS/2009.	Mariana Barcinski.	São vistas em função do papel de gênero atribuído socialmente às mulheres, que impõe suas relações, sempre subordinadas e intimamente relacionadas aos papéis masculinos, “a centralidade de gênero o processo de construção da identidade das participantes.” (p. 1851).	“Ao falarem da motivação para o ingresso no tráfico de drogas, as entrevistadas se referem à falta de opção que leva meninos e meninas a entrarem para a atividade. A dificuldade de inserção no mercado formal de trabalho e a necessidade de sustentarem seus filhos e suas famílias aparecem como elementos determinantes de suas escolhas (ou falta de escolhas).” (p. 1846).	A autora trata da saída não da permanência: “a maneira como as entrevistadas justificam a decisão de abandonar o tráfico de drogas atesta a especificidade da criminalidade feminina. Em seus depoimentos, a influência de homens e crianças nesta decisão é frequentemente mencionada. Uma vez mais, o papel de cuidadora e de mantenedora de relações afetivas com parceiros e com a família ocupa o centro da constituição da identidade dessas mulheres”. (p. 1849).
AS DROGAS E O NOVO PERFIL DAS MULHERES PRISIONEIRAS NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO/2003	Iara Ilgenfritz.	Grande parte das mulheres envolvidas no tráfico de drogas são vistas para caráter estratégico, em outras palavras, elas são usadas como “vapor” ou como “mulas” (aquelas que transportam as drogas entre favelas ou entre pontos de venda distintos) por chamarem menos a atenção da polícia.	“Os principais motivos que levam os indivíduos a prática do crime (tráfico de drogas), são muitas das vezes influências de terceiros, como na maioria das vezes homens com quem tem ou teve vínculo afetivo (marido, filho, namorado), acompanhado das dificuldades financeiras, aliadas a falta de perspectiva de empregos, assim sendo facilmente atraídas pelos altos ‘salários’ conquistado pelo tráfico de drogas.”(s.n).	Não consta.
MULHER, TRÁFICO DE DROGAS E MEMÓRIA: ENTRE A SUBMISSÃO E A RESISTÊNCIA? /2016	Fernanda Santos Curcio	É vista como reprodutora do papel social, resistente e criativa dentro desse papel social, desempenhado funções secundárias e inferiores no narcotráfico.	A inserção se deve a maior participação das mulheres no universo público e ao papel (inclusive afetivo) que assumem frente a seus companheiros.	Não abordado.

5 MULHERES, VITIMIZAÇÃO E EMPODERAMENTO

A participação de mulheres em atividades criminosas é comumente explicada em virtude de seus relacionamentos com parceiros envolvidos em atividades ilegais. A baixa produção de pesquisas e estudos sobre mulheres que cometem crime dá-se ao fato de que as literaturas enxergam que

crimes cometidos pelo sexo feminino na maioria das vezes são de menor gravidade, e com taxa de recorrência muito abaixo, se comparado aos homens. Além do pouco interesse acadêmico sobre as especificidades nos crimes cometidos por mulheres. (ZALUAR, 1994; BARCINSKI, 2009).

Outro fator importante sobre a invisibilidade das mulheres no narcotráfico, refere-se a imagem da mulher, vista como dócil e incapaz de cometer crimes. Por muito tempo, a compreensão era que as mulheres praticavam tão somente delitos passionais ou crimes contra a maternidade, como aborto e infanticídio. (SOUZA, 2009).

Entre 2000 e 2006, o Levantamento Nacional de Informação Penitenciária - INFOPEN constatou um aumento do encarceramento feminino de 656%. As mulheres estão sendo encarceradas, em sua maioria, por cometer crimes ligados ao tráfico de drogas ou associação para o tráfico de drogas, conforme as estatísticas divulgadas pelo DEPEN (2016).

Em estudos conduzidos com mulheres encarceradas no Havaí, realizado por Chesney-Lind e Rodriguez (1983), como também aparece na tabela 1 desse trabalho, são destacados os processos de vitimização que cercam as histórias da maioria das mulheres, que vai desde abusos durante a infância, da negligência, até à extrema pobreza, porém culminando em um processo único de criminalização das mulheres.

O processo de criminalização das mulheres perpassa o roteiro de vitimização, evidenciando abuso emocional, agressão física e abandono como particularidades habituais nas histórias de vida destas mulheres. (SOUZA, 2015)

Por outro lado, segundo Barcinski e Cúnico (2009), as mulheres que traficam não podem definitivamente ser consideradas emancipadas, autônomas ou empoderadas, embora haja um caráter transgressor em participar do tráfico de drogas. Porque para as autoras

assim como no mundo do trabalho formal, mulheres usualmente desempenham funções subordinadas aos homens no crime organizado. Tal como as crianças, mulheres são arregimentadas para o desempenho de tarefas secundárias ou mais perigosas, tais como transportar drogas de um ponto de venda a outro. Por supostamente levantarem menos suspeitas acerca de seus comportamentos, mulheres e crianças são usadas pelas organizações criminosas para a consecução destas tarefas menos valorizadas social e financeiramente. (BARCINSKI; CÚNICO, 2016, p.61-62).

Freda Adler (1975 apud BARCINSKI; CÚNICO, 2016, p.61) já afirmava que “a liberação das mulheres teria concedido a elas o direito de se comportar como os homens, incluindo o direito de serem violentas e propensas ao crime como eles”.

Recentemente, estudos como os de Barcinski e Cúnico (2016) têm apresentado as complexidades das relações entre mulheres e tráfico considerando a multiplicidade de suas trajetórias e relações interpessoais, procurando oferecer outros pontos de vista diferentes de trabalhos que consideravam as mulheres apenas como vítimas e não sujeitos também dotados de escolhas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tráfico de drogas, enquanto um comércio global e, mostrando-se como um fenômeno altamente complexo devido ao seu aspecto econômico, político e social, vem requerendo um intenso movimento de análises, estudos e reflexões. Nos últimos anos houve um aumento expressivo no número de mulheres ligadas ao envolvimento com o tráfico, este fenômeno a todo momento mostra-se interligado a perspectiva de gênero, relacionada às condições precárias de trabalho e de sustento do lar.

Estudar a mulher no narcotráfico é também buscar esclarecimento sobre a violência contra a mulher (violência de gênero) e, dessa forma, procurar colaborar com o desenvolvimento dos deba-

tes de movimentos sociais e com o surgimento de novas pesquisas, sem perder de vista a complexidade do tema.

O caminho adotado nesse estudo permitiu verificar, dentro do universo pesquisado, como a criminalização por tráfico de drogas para as mulheres, além de reforçar o fenômeno da violência de gênero, o próprio sistema de justiça penal por vezes reproduz uma visão reducionista dessas mulheres, como se suas ações relacionadas às drogas fossem semelhantes e homogêneas.

Foram destacados vários aspectos - a dimensão financeira, a afetividade, a identidade até a realidade social em que a figura feminina está inserida no tráfico de drogas – que possibilitaram perceber o quanto essas esferas estão interligadas. A sociedade, a estrutura familiar, fatores econômicos e questões pessoais motivam essas mulheres a viverem uma realidade de crime.

Esse artigo mostra diversas portas de entrada para as mulheres no âmbito da criminalidade do tráfico de drogas. No entanto, percebe-se que vem sendo adotada a mesma solução jurídica, embora os fatos sejam diferentes. Para mudar essa realidade social, se faz necessário mudar a forma, também social, humana, de ver o outro, perceber as nuances e complexidades das ações, participações, motivações das mulheres no tráfico de drogas. (SOUZA, 2015).

Dessa forma, faz-se necessária a continuidade de estudos sobre a temática, considerando a adoção de outras metodologias como, por exemplo, a pesquisa de campo, que possibilitem evidenciar e aprofundar a compreensão dos motivos de entrada e permanência de mulheres no tráfico, trilhando na perspectiva da complexidade das trajetórias dessas mulheres.

REFERÊNCIAS

ARRAIS, Amauri. **Repressão às drogas está na origem do narcotráfico, dizem pesquisadores**. G1. [S.l.], 2009. Disponível em: <http://g1.globo.com>. Acesso em 15 Mar. 2020.

BARCINSKI, Mariana; CÚNICO, Sabrina Daiana. **Mulheres no tráfico de drogas: Retratos da vitimização e do protagonismo feminino**. *Civitas*, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 59-70, jan.-mar. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/civitas/v16n1/1984-7289-civitas-16-01-0059.pdf>. Acesso em: 17 mar. 2020.

BARCINSKI, Mariana. Centralidade de gênero no processo de construção da identidade de mulheres envolvidas na rede do tráfico de drogas. *REVISTA CIÊNCIA SAÚDE COLETIVA*, v.14, n.5, Rio de Janeiro, nov./dez., 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/csc/v14n5/26.pdf>. Acesso em: 17 mar. 2020.

BRASIL. **Constituição**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. **Lei nº 8.764 de 20 de dezembro de 1993**. Cria Ministério da Justiça a Secretaria Nacional de Entorpecentes. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 21 dez. 1993. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8764.htm. Acesso em: 16 mar. 2020.

BRASIL. **Relatório do 1º Fórum Nacional Antidrogas**. Brasília, DF, 1999.

BRASIL. Lei nº 11.343 de 23 de agosto de 2006. Institui o Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas – SISNAD. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 23 ago. 2006. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10867208/artigo-33-da-lei-n-11343-de-23-de-agosto-de-2006>. Acesso em: 16 mar. 2020.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARNEIRO, Henrique. Transformações da palavra “droga”: das especiarias coloniais ao proibicionismo contemporâneo. In: VENÂNCIO, R. P.; CARNEIRO, H. (Org.). **Álcool e drogas na história do Brasil**. São Paulo: Alameda; Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2005. p. 11-27.

CHESNEY-LIND M, RODRIGUEZ N. **Women Under Lock and Key: A View From the Inside**. **The Prison Journal** 1983; 63(2), p.47-65.

CURCIO, Fernanda Santos. **Mulher, tráfico de drogas e memória: entre a submissão e a resistência?** 2016. Dissertação (Mestrado em Memória Social) Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2016.

DEPEN. **Formulário Categoria e Indicadores Preenchidos**. BRASIL, Dez. 2016. Disponível em: <https://legado.justica.gov.br/noticias-seguranca/collective-nitf-content-4>. Acesso em: 25 Mai. 2020.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade**. A vontade de saber. Trad. J. A. Guilhon de Albuquerque e M. T. C. 13ª ed. Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

G1. **Dilma assina permissão para Exército atuar no Conjunto de Favelas da Maré**. G1 [S.l.] 2014. Disponível em <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2014/03/dilma-assina-permissao-para-exercito-atuar-no-conjunto-de-favelas-da-mare.html>. Acesso em: 15 mai. 2020.

GOMES, Luiz Flávio. **Homens massacram mulheres e mulheres, as crianças**. ConJur. 2012. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2012-mar-22/coluna-lfg-homens-massacram-mulheres-mulheres-massacram-criancas>. Acesso em 9 mai. 2020.

ILGENFRITZ, Iara. **As drogas e o novo perfil das mulheres prisioneiras no estado do Rio de Janeiro**. Disponível em: http://www.mamacoca.org/FSMT_sept_2003/pt/doc/ilgenfritz_drogas_mulher_prisioneira_pt.htm. Acesso em: 9 set. 2020.

MENDES, K.D.S ; SILVEIRA, R.C.C.P ; GALVÃO, C.M . **Revisão Integrativa: método de pesquisa para incorporação de evidências na saúde**. Texto contexto - enferm. vol.17 no.4 Florianópolis Oct./Dec. 2008.

NARCOTRÁFICO. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/narcotrafico/>. Acesso em: 17 mar. 2020.

OMS (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE): **Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento da CID-10: Descrições Clínicas e Diretrizes Diagnósticas**. Tradução: Dorgival Caetano, 1ªed. Porto Alegre: Artes Médicas, p. 69-82, 1993.

PROCÓPIO FILHO, Argemiro; VAZ, Alcides Costa. **O Brasil no contexto do narcotráfico internacional**. Revista Brasileira de Política Internacional, v. 40, n. 1, p. 75-122, 1997. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-73291997000100004. Acesso em: 17 mar. 2020.

RODRIGUES, Thiago. Narcotráfico e militarização nas Américas: vício de guerra. **Contexto int**, Rio de Janeiro, vol.34 no.1, Jan./Jun. 2012. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-85292012000100001&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso em 17 mar. 2020.

SOUZA, Kátia Ovídia José de. A pouca visibilidade da mulher brasileira no tráfico de drogas. **REVISTA PSICOLOGIA EM ESTUDO**, Maringá, v. 14, n. 4, out./dez. 2009, p. 649-657. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pe/v14n4/v14n4a05.pdf>. Acesso em: 17 mar. 2020.

SOUZA, Monique Elba Marques de Carvalho Sampaio de. **As mulheres e o tráfico de drogas: linhas sobre os processos de criminalização das mulheres no Brasil**. 2015. Dissertação (Mestrado Acadêmico — Constituição e Sociedade) Instituto Brasiliense de Direito Público – IDP. Brasília, 2015. Disponível em: <https://repositorio.idp>

.edu.br/bitstream/123456789/2065/1/Dissera%c3%a7%c3%a3o_Monique%20Elba%20Marques%20de%20Carvalho%20Sampaio%20de%20Souza.pdf. Acesso em: 17 mar. 2020.

SOUZA, M.T; SILVA M.D; CARVALHO, R. **Revisão Integrativa**: o que é e como fazer. Einstein, São Paulo, v.8, n.1. 2010, p 102-6.

ZAFFARONI, Eugênio Raul. El sistema penal en los países de America Latina, In: ARAÚJO JÚNIOR., João Marcello (Org.). **Sistema penal para o terceiro milênio**. 2. ed. Rio de Janeiro: REVAN, 1991, p. 225.

ZALUAR, Alba (Org.). **Drogas e cidadania**: repressão ou redução de riscos? São Paulo: Brasiliense, 1994.

SAÚDE MENTAL DOS PROFESSORES DIANTE DA PANDEMIA DO CORONAVÍRUS: OS EDUCADORES DO CBTE ESTÃO PREPARADOS EMOCIONALMENTE PARA O ENSINO REMOTO?

Gabriel Costa da Silva¹

Gabriel Ferreira do Carmo¹

Jonatas de Almeida Correia¹

Vinicius Guimarães do Carmo¹

Viviane Pereira Santos²

RESUMO

Este artigo discute alguns aspectos na saúde emocional dos profissionais da educação do Ensino médio do CBTE em meio à pandemia do Covid-19, analisando como os mesmos têm enfrentado esse novo formato de educação, através do ensino remoto, nas redes sociais e o convívio social. Analisado por meio de pesquisa quali – quantitativa, a partir de relatos particulares apresentados pelos participantes entrevistados do Colégio Batista Taylor-Egídio, da rede privada de ensino, na cidade de Jaguaquara-BA. Foi identificado que a maioria dos educadores estão passando por problemas emocionais, não buscando ou recebendo ajuda profissional psicológica, além de desgastes físicos e mentais gerados pela carga de trabalho, que aumentou com a chegada do ensino remoto. Os educadores estão enfrentando grandes dificuldades nesse novo modelo de ensino, porém, com muito esforço, estão conseguindo lidar com essas barreiras impostas por esse período de distanciamento social, resultante da pandemia do coronavírus.

Palavras-chave: Covid 19. Ensino Remoto. Saúde Mental.

ABSTRACT

This article discusses some aspects of the emotional health of CBTE High School education professionals in the midst of the Covid-19 pandemic, analyzing how they have faced this new format of education, through remote teaching, on social networks and social interaction. Analyzed through quali-quantitative research, based on private reports presented by interviewed participants from Colégio Batista Taylor-Egídio, a private school in the city of Jaguaquara-BA. It was identified that most educators are experiencing emotional problems, not seeking or receiving professional psychological help, in addition to physical and mental exhaustion generated by the workload, which increased with the arrival of remote teaching. Educators are facing great difficulties in this new teaching model, however, with a lot of effort, they are managing to deal with these barriers imposed by this period of social distance, resulting from the coronavirus pandemic.

Keywords: Covid-19. Remote Learning. Mental Health.

1. Concluinte do Ensino Médio no Colégio Batista Taylor-Egídio, 2021.

2. Professora orientadora convidada. Professora de ciências do Ensino Fundamental Anos Finais e Mestra em Educação em Ciência e Matemática pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB.

1 INTRODUÇÃO

No contexto mundial do Covid-19 (Infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV2) (BRASIL, 2021), as relações interpessoais ficaram prejudicadas, não apenas no âmbito escolar, mas também em outros contextos sociais e a falta dessas relações vem afetando a vida emocional do ser humano, portanto, propomos analisar alguns aspectos do seguinte tema: Saúde emocional dos profissionais de educação diante a pandemia do coronavírus. Para o presente estudo precisamos responder a seguinte questão: Como se encontra a saúde emocional dos educadores do Colégio Batista Taylor Egídio (CBTE), durante o ensino remoto?

A pesquisa é relevante, pois trata de um tema muito discutido atualmente, já que esses profissionais tiveram que parar as aulas presenciais por conta do contexto pandêmico e se adaptarem a um novo modelo de ensino, o ensino remoto, no qual, com o auxílio das tecnologias da comunicação, as aulas são totalmente virtuais.

O objetivo deste artigo é analisar como se encontra a saúde emocional dos educadores do CBTE em meio à pandemia da Covid-19.

O respectivo objetivo específico é: identificar as consequências do ensino remoto na saúde emocional dos educadores do CBTE durante o período pandêmico da Covid-19, através de entrevistas com professores do Ensino Médio.

Com base numa revisão literária que discute o tema e a pesquisa realizada com os profissionais de educação do Colégio Batista Taylor-Egídio, faremos uma breve análise e discussão sobre quais problemas e dificuldades esses profissionais estão passando durante o ensino remoto e quais as emoções que impactaram os mesmos neste processo pandêmico.

2 METODOLOGIA

O presente artigo foi proposto a partir de estudos bibliográficos compatíveis, que tratavam da temática desta pesquisa. Optamos pelo método da entrevista por meio de um questionário com o intuito de analisar os dados de forma mais objetiva. Elaboramos um questionário através do aplicativo Google Forms, o que facilitou a nossa análise de dados quantitativos e qualitativos, na qual a pesquisa está fundamentada, de acordo com Minayo (2001).

Propomos para a ferramenta de coleta de dados, o questionário, a fim de que os educadores respondessem às questões de forma objetiva e subjetiva. Na elaboração das perguntas procuramos investigar como os professores se sentiam psicologicamente neste período de ensino pandêmico. Foram entrevistados 10 profissionais de educação que atuam no Ensino Médio do Colégio Batista Taylor-Egídio, da rede privada de ensino. A instituição está situada no Município de Jaguaquara, interior do Estado da Bahia. A pesquisa foi realizada durante os meses de abril a setembro de 2021.

Após a coleta de dados, as informações foram analisadas e revisadas com os autores que discutiram anteriormente o tema. Tendo como norteadores os resultados encontrados e, visando enriquecer a pesquisa a fim de ampliar a discussão possibilitando uma maior compreensão do leitor, inserimos os resultados a partir de dados estatísticos.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Novamente o mundo se depara com mais uma pandemia e aqui no Brasil, “acredita-se que o Coronavírus teve início no mercado local da província de Wuhan, na China, em dezembro de 2019” (ANDRADE e LOPES, 2021, p. 84).

De acordo com BRASIL (2020) “desde então, o vírus veio se espalhando pelo mundo, chegando ao Brasil em fevereiro de 2020, porém a quarentena só teve início em março do mesmo ano”, tendo como meio mais eficaz de combate ao vírus o isolamento da população. O vírus encontra muita facilidade de propagação no Brasil, por conta da falta de medidas preventivas pelo Ministério da Saúde

e seus representantes. “A sociedade brasileira, se vê à mercê da irresponsabilidade de seus líderes e paga o preço pela negligência e descaso com a vida e pelo ser humano” (ANDRADE e LOPES, 2021, p. 85). Assim em março de 2020, o Ministério da Educação (MEC), se posicionou, “sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais, enquanto durar a situação de pandemia da COVID-19” (BRASIL, 2020, p. 01), para todo Sistema Federal de Ensino, através da portaria nº 343. O ensino público e privado brasileiro precisou se adequar às aulas com ferramentas digitais, pois todos precisaram se isolar em suas residências enquanto durou o COVID-19.

No mesmo mês, após ajustes, novas portarias foram publicadas, a de nº 345 e 356, elucidadas pelo Conselho Nacional de Educação (CNE), com o intuito de tornar claro, “aos sistemas e às redes de ensino, de todos os níveis, etapas e modalidades, considerando a necessidade de reorganizar as atividades acadêmicas por conta de ações preventivas à propagação do vírus” (BRASIL, 2020, p. 01). Seguindo as orientações, os Estados e os diversos Conselhos Estaduais de Educação se organizaram a fim de orientar as ações para as aulas não presenciais e reorganizar o calendário escolar.

Segundo Cipriano e Almeida (2020, p. 03),

o próprio professor está provendo equipamentos, ambientes de gravação, velocidade suficiente de internet em casa, e que a maioria dos alunos do grande sistema educacional brasileiro, esbarram na falta real de condições financeiras de aquisição e acesso digital.

A situação do ensino público brasileiro, desde o início da pandemia demonstra, como a desigualdade social no Brasil ainda é muito forte e como a educação pública precisa de políticas públicas que garantam o acesso a um ensino público e de qualidade para todos. Como afirma KARNAL numa publicação (BIS REVISTA, 2020, p. 08) “a crise revelou, de forma ainda mais escancarada, nossa brutal desigualdade.”

Durante esse contexto, surgiram vários desafios a serem enfrentados pelas famílias brasileiras como: lidar com a doença, com questões financeiras, com problemas familiares e problemas psicológicos, principalmente em estudantes e educadores, “ocasionado pelo cenário da pandemia, notamos um aumento vertiginoso e mundial do estresse emocional, da ansiedade e alterações do sono, seja na categoria docente, quanto nos alunos” (CIPRIANO e ALMEIDA, 2020, p. 04). De acordo com Dunker (Brasil de Fato, dezembro, 2020), “os estudos feitos sobre os efeitos da quarentena, [...] podem gerar estresse pós-traumático, retornos depressivos às vezes anos depois do ocorrido.”

Segundo o filósofo Byung Chul Han, em uma entrevista publicada pelo site Instituto Humanista Unisinos (2021), “a cada época uma nova doença vai minando e nesta, a doença provém do interior, é neuronal e se manifesta através do estresse, a depressão”. Segundo o autor os efeitos do isolamento social provocados pelo COVID-19 são preocupantes, pois muitas pessoas vão enfrentar muitos problemas psicológicos que afetarão as suas vidas por longos anos pós pandemia.

4 RESULTADOS DE DISCUSSÃO

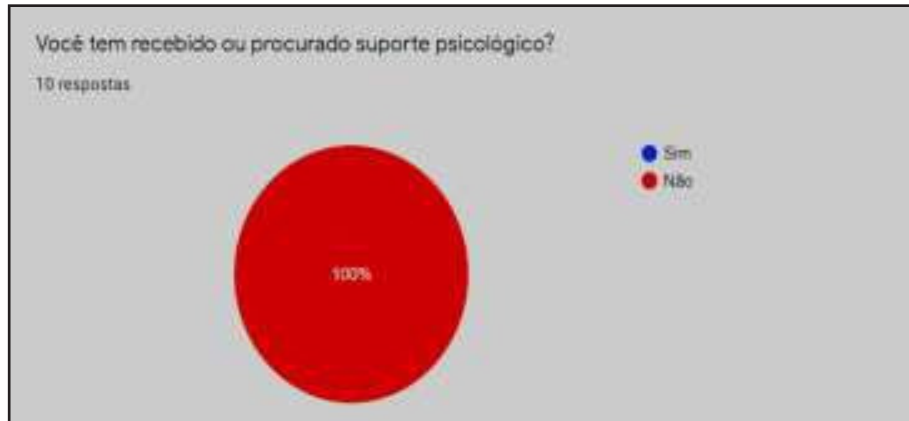
Com base nos resultados e análise da pesquisa, constatamos que a maioria dos profissionais do CBTE afirmou ter passado por algum problema emocional diante a pandemia. Dentre todas as respostas citadas, as palavras que mais se destacaram foram: “Pressão psicológica, cansaço mental, stress, insegurança, ansiedade, desgaste mental e o medo.” Segundo Chul Han em entrevista a EL PAÍS Brasil (2021), “em breve teremos vacinas suficientes contra o vírus, mas não haverá vacinas contra a pandemia global da depressão”.

Além de se estar refém desse vírus, trabalhar e estudar remotamente são grandes desafios. O professor da USP e psicanalista Christian Dunker em conversa com (Brasil de Fato, em dezembro de

2020), relata que, a saúde mental já estava caótica e, por conseguinte, merece um cuidado especial da sociedade.

A pesquisa constatou que todos os Profissionais entrevistados não tiveram ou não procuraram ajuda psicológica, conforme o gráfico abaixo.

Figura 1- Primeira pergunta

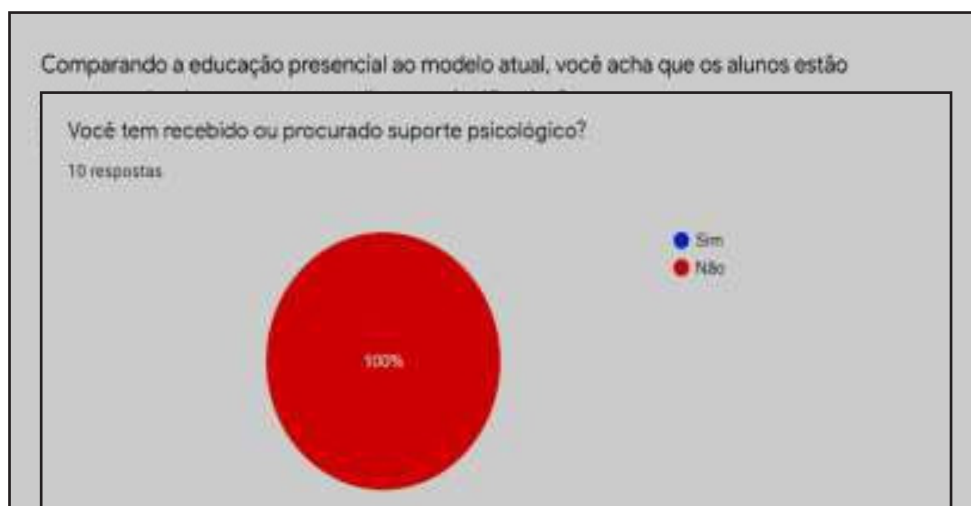


Fonte: Dados da pesquisa dos autores

O problema acima encontrado e relatado pelos profissionais durante a entrevista poderia ser resolvido com um suporte psicológico oferecido pela instituição, pois 100% dos participantes, mesmo com toda a pressão vivenciada ao longo desse tempo, não buscaram ajuda psicológica e não tiveram o suporte psicológico adequado.

Os profissionais não conseguem otimizar o tempo e manter um trabalho de qualidade, alguns relatam as dificuldades em se adaptarem ao ensino remoto, por serem de geração diferente dos alunos, a "geração Z" (relatos de um professor na entrevista), apresentando assim, dificuldades para se adaptarem ou manusearem dispositivos eletrônicos.

Figura 2- Segunda pergunta



Fonte: Dados da pesquisa dos autores

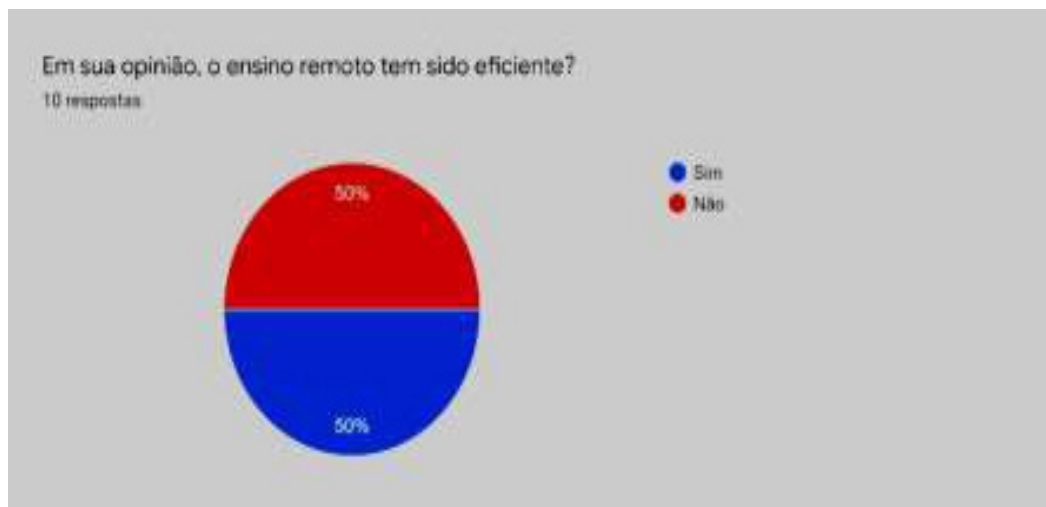
De acordo com os relatos da maioria dos profissionais em relação a segunda questão, ou seja, 70% deles, disseram que o modelo atual de ensino não está correspondendo com uma aprendizagem

significativa, devido a fatores como a indisposição dos alunos para aprender nesse novo modelo de ensino e principalmente pela falta de convívio social.

Os profissionais relatam também sobre a situação da educação atual no Brasil, que não possui uma estrutura adequada para a aplicação do ensino remoto em muitos locais, já que existem muitos alunos sem contato algum com a tecnologia em suas residências, o que impossibilita a aplicação do ensino à distância, principalmente na rede pública de ensino. Segundo KARNAL em entrevista a (BIS REVISTA, 2020, p. 06), “O mundo pós-pandemia tem a tendência a ser mais virtual, com maior cobrança de políticas públicas, com mais internet e, no caso do Brasil, um pouco mais de consciência da nossa desigualdade.”

Os outros 30% dos profissionais disseram que os alunos estão correspondendo bem a esse modelo educacional, mostrando que os espaços para a educação podem ser diversificados, não se limitando apenas à sala de aula.

Figura 3- Terceira pergunta



Fonte: Dados da pesquisa dos autores

De acordo com a terceira questão, com as respostas obtidas, foi possível observar que 50% dos educadores disseram que esse modelo de ensino remoto não tem sido eficiente, argumentaram que melhorias se fazem necessárias, principalmente quanto à conscientização de todos os envolvidos nesse novo modelo educacional, pois este, exige uma autonomia que os estudantes não estavam acostumados. Os outros 50% deles, concordam que essa forma de ensino vem trazendo resultados, porém traz consigo um esforço maior por parte de todos os envolvidos.

Apesar de todo o desgaste, as ferramentas digitais foi o meio mais acessível para a convivência entre alunos e professores, escola e família, neste contexto pandêmico. De acordo com Karnal em entrevista na (BIS REVISTA, 2020, p. 06), todos já faziam uso da internet,

mas ninguém previa um curso inteiro assim. Tudo foi feito em dias. Só precisamos de mais tempo, alguma bibliografia, orientações, apoio e vontade de inventar um caminho novo. Professores são criativos por natureza.

Apesar do contexto vivenciado pelos profissionais de educação durante a pandemia, muitos destes profissionais têm procurado aprimorar as suas aulas com responsabilidade e compromisso com o seu trabalho, mesmo diante de todos estes fatores que interferem no processo de ensino e aprendizagem.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa é de grande importância para a educação pública e privada, pois alunos e educadores foram os grupos que mais sofreram com as mudanças deste contexto pandêmico, tendo que se adaptarem ao novo modelo de ensino de maneira inesperada, quando muitos tiveram desgastes físicos e emocionais que afetaram o processo de ensino-aprendizagem. Neste caso, mesmo os profissionais sendo da rede privada de ensino, podemos perceber que os mesmos, não obtiveram o acompanhamento necessário e tratamento psicológico adequado, o que minimizaria esses danos.

O mundo pós-pandemia não será mais o mesmo, as políticas públicas para a educação brasileira terão que ser mais eficazes e menos desiguais, principalmente no acesso às tecnologias de comunicação, já que muitos alunos brasileiros não tiveram nenhum acesso a esse método de ensino remoto. Tem sido um desafio garantir uma educação de qualidade, mas os profissionais do CBTE cumpriram suas atividades didáticas com empenho e dedicação, mesmo diante de todas estas dificuldades citadas por eles. Contudo, o vírus ainda não foi contido, dificultando a volta das atividades presenciais.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, C. D R; LOPES, G. A. H. **Brasil república**: uma história de surtos, pandemias e epidemias. BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA) ano III, vol. 5, n. 14, Boa Vista, 2021.

BIS REVISTA. “O primeiro sistema de ensino a distância foi o livro.” Desafios do ensino não presencial: o valor da Educação em plena pandemia. **Uma conversa com Leandro Karnal sobre ensino e aprendizagem**. Ano 11, Nº51, ABR/JUL 2020.

BRASIL. **Diretriz 28 de abril de 2020**. Disponível em: https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/pdf/CNE_PAR_CNECPN_52020.pdf. Acesso em: 10 jun. 2021.

CIPRIANO, J. A; ALMEIDA, L. C. C. S. Educação em tempos de pandemia: análises e implicações na saúde mental do professor e aluno. **Trabalho apresentado no VII Congresso Nacional de Educação**, ISSN 2358 8829, 2020, Maceió, AL. Disponível em :https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2020/TRABALHO_EV140_M D1_SA18_ID6098_31082020204042.pdf. Acesso em: 20 abril. 2021.

EL PAÍS. Teletrabalho, Zoom e depressão: o filósofo Byung-Chul Han diz que exploramos a nós mesmos mais do que nunca. Brasil, **EL PAÍS**, 22 mar. 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/cultura/2021-03-23/teletrabalho-zoom-e-depressao-o-filosofo-byung-chul-han-diz-que-nos-exploramos-mais-que-nunca.html>. Acesso em: 06 jun. 2021.

INSTITUTO HUMANISTAS UNISINOS. O que é o ‘corona blues’ e como afeta a saúde mental da população, segundo Byung-Chul Han. **Revista IHU on-line**, São Leopoldo, 29 mar. 2021. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/607885-o-que-e-o-corona-blues-e-como-afeta-a-saude-mental-da-populacao-segundo-buyng-chul-han>. Acesso em: 10 jul. 2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

AGRADECIMENTOS

Neste tempo de celebrações pelos 100 do Colégio Batista Taylor-Egídio (CBTE) em Jaguaquara – Bahia, quando nos movimentamos guiados pela gratidão ao Deus Eterno por haver cumprido Sua palavra na história Tayloregidiana, testemunhamos que “Assim como Ele esteve com Moisés” também tem estado com a tripulação do nosso Barco, nunca nos deixou, nunca nos desamparou (Josué 1:5).

Para revelar-Se, o Eterno usa pessoas. A essas pessoas, renovado reconhecimento:

À diretoria e membros da Convenção Batista Baiana;

À equipe de funcionários e docentes;

Aos professores orientadores;

Aos estudantes que já concluíram o ensino médio e defenderam suas pesquisas;

Aos familiares e amigos que apoiam incondicionalmente nossos pesquisadores;

Aos revisores dos textos, Profa. Naiara Ferreira dos Santos e Pr. Marcos Monteiro;

À colaboradora técnica, Profa. Cleomar Felipe Cabral Job de Andrade;

A todos quantos se sintam partícipes, direta ou indiretamente, do esforço para a realização desse empreendimento.

E assim vamos anunciando que “foi a mão do Senhor que fez isto.” (Isaías 41:20).

